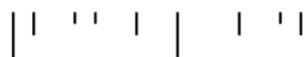


ENTRELAÇAR GERAÇÕES EM EDUCAÇÃO DE
INFÂNCIA: VIVÊNCIAS, PARTILHAS E
INTERAÇÕES ENTRE CRIANÇAS E IDOSOS
NUMA SALA DE PRÉ-ESCOLAR

Beatriz Pires Heliodoro De Oliveira

Relatório de Prática Profissional Supervisionada
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar

2024-2025



ENTRELAÇAR GERAÇÕES EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA: VIVÊNCIAS, PARTILHAS E INTERAÇÕES ENTRE CRIANÇAS E IDOSOS NUMA SALA DE PRÉ-ESCOLAR

Beatriz Pires Heliodoro De Oliveira

Relatório de Prática Profissional Supervisionada
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar

Orientador: Professora Doutora Rita Friães

Júri

Presidente: Professora Especialista Ana Simões

Arguente: Professora Doutora Joana Dias

Orientador: Professora Doutora Rita Friães

2024-2025

| ' ' | | ' ' |

“É preciso toda uma aldeia para educar uma criança”

Provérbio Africano

Agradecimentos

Ao chegar ao fim desta etapa tão significativa da minha vida académica e pessoal, é com enorme gratidão que dedico estas palavras a todos os que, de diferentes formas, fizeram parte deste caminho.

À minha mãe, professora de coração e de vocação, que desde cedo me inspirou a seguir este percurso. O seu exemplo de dedicação à educação, a força com que enfrenta os desafios e o amor que coloca em tudo o que faz foram sempre uma luz orientadora para mim. Obrigada por seres a minha maior inspiração e apoio.

Aos meus avós, que estiveram sempre ao meu lado, cuidando de mim com amor e dedicação incondicional. Foram e continuam a ser um pilar fundamental na minha vida, acompanhando-me em todas as etapas com carinho, presença e sabedoria. Inspiraram-me na escolha deste tema reforçando com o seu exemplo, a importância dos laços entre gerações.

À minha irmã, com apenas sete anos, que todos os dias me recorda o verdadeiro sentido do amor pelas crianças. A tua presença doce, curiosa e inspiradora alimentou ainda mais a minha paixão por esta profissão.

À minha orientadora de estágio, Professora Doutora Rita Friães, que me acompanhou nas duas Práticas Profissionais Supervisionadas. A sua orientação segura, exigente e humana foi essencial para a minha evolução pessoal e profissional. Obrigada pela confiança, pelas palavras certas nos momentos certos e pelo incentivo constante.

Às educadoras cooperantes, Rita Soares e Luísa Sobral, pela generosidade com que me acolheram nas suas salas, partilhando saberes, estratégias e experiências que tanto contribuíram para o meu crescimento enquanto futura educadora de infância.

À Diretora Maria dos Prazeres, pela forma calorosa e disponível com que me recebeu na instituição. A sua participação ativa na minha investigação foi inestimável e revelou um verdadeiro compromisso com a educação e com a formação de futuros profissionais de educação.

Às famílias que participaram na minha investigação e em todas as propostas ao longo da prática. A vossa disponibilidade, envolvimento e partilha foram fundamentais para dar

sentido ao trabalho desenvolvido, permitindo a construção de uma verdadeira parceria educativa.

Ao meu namorado, pelo apoio incansável e pela paciência, mesmo nos momentos mais exigentes. Obrigada por me ajudares a manter o foco, por me dares ânimo e por acreditares em mim.

Às minhas amigas Margarida Janeiro e Carolina Ventura, por estarem sempre ao meu lado nas alegrias, nas dificuldades, nos risos e também nas tristezas. Às minhas amigas da faculdade, que levo comigo para a vida, agradeço por cada momento partilhado. A vossa amizade foi uma âncora ao longo deste percurso.

Às crianças que pude acompanhar e que me acolheram no seu mundo com a ternura, a curiosidade e a espontaneidade que só elas sabem oferecer. Com cada olhar, cada pergunta e cada descoberta, ajudaram-me a tornar-me educadora. Levo-vos a todas no coração.

A todos, o meu mais sincero e profundo obrigada. Este relatório é o reflexo de um caminho feito em conjunto, com afetos, aprendizagens e partilhas que me marcarão para sempre.

Resumo

O relatório de estágio apresentado surge no âmbito da Prática Profissional Supervisionada II (PPSII), integrada no Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Este documento tem como finalidade retratar de forma reflexiva e fundamentada o meu processo de intervenção e investigação educativa desenvolvido ao longo de quatro meses num estabelecimento educativo pertencente à rede pública e privada, na valência de Pré-Escolar, com um grupo de vinte e cinco crianças, com idades compreendidas entre os dois e os cinco anos. Apresenta ainda uma reflexão crítica sobre o processo de construção da profissionalidade, baseada nas vivências e experiências tidas no âmbito das práticas supervisionadas (PPSI e PPS II).

Resultante de uma frequente análise interpretativa das minhas observações e vivências ao longo da prática, considerei pertinente refletir acerca do papel da organização socioeducativa como espaço promotor de partilhas, vivências e interações entre crianças e idosos, realizando um estudo de natureza qualitativa, norteado pela metodologia de estudo de caso, com os seguintes objetivos: (i) Compreender as perceções das famílias, da diretora e da educadora acerca da importância da construção de parcerias com as famílias em contexto de jardim de infância; (ii) Sinalizar e caracterizar as práticas e atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a participação e envolvimento das famílias; (iii) Analisar as potencialidades do convívio intergeracional para o bem-estar e desenvolvimento das crianças; (iv) Sinalizar e caracterizar as práticas e atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a relação entre as crianças e os idosos; (v) Analisar as perceções das crianças e dos avós sobre as relações que estabelecem entre si.

A recolha de dados passou pelo recurso a diversas técnicas - observação direta participante, observação direta não participante de carácter naturalista, análise documental, entrevistas semiestruturadas à diretora da organização socioeducativa e à educadora cooperante, breve entrevista às crianças da sala T e aos respetivos avós, aplicação de um inquérito por questionário às famílias das crianças da sala T e ainda conversas

informais com a educadora cooperante, que possibilitaram uma compreensão aprofundada e contextualizada do fenómeno em análise.

Os resultados apontam para que a participação ativa das famílias, em especial dos avós, e a valorização das relações intergeracionais contribuem para o bem-estar e desenvolvimento das crianças e dos idosos, promovendo, nas crianças, o desenvolvimento de competências sociais, comunicativas e de empatia, e, nos idosos, o reforço do sentido de utilidade e a valorização pessoal. Com efeito, os dados sustentam que os avós contribuem de forma ativa para o bem-estar das crianças da sala T, através do acompanhamento diário, da colaboração em atividades promovidas pela organização socioeducativa e da partilha de experiências e tradições familiares.

Palavras-chave: Envolvimento familiar; Intergeracionalidade; Educação Pré-escolar;

Abstract

The internship report presented here is part of Supervised Professional Practice II part of the Master's Degree in Pre-School Education at the Lisbon School of Education.

The purpose of this document is to provide a reflective and well-founded account of my process of intervention and educational research carried out over four months in an educational establishment belonging to the public and private network, in the Pre-School setting, with a group of twenty-five children aged between two and five. It also presents a critical reflection on the process of building professionalism, based on the experiences of supervised practice.

As a result of a frequent interpretative analysis of my observations and experiences throughout the practice, I considered it pertinent to reflect on the role of the socio-educational organisation as a space that promotes sharing, experiences and interactions between children and the elderly, carrying out a qualitative study, guided by the case study methodology, with the following objectives: (i) To uncover the perceptions of families, the director and the teacher about the importance of building partnerships with families in a kindergarten setting; (ii) To identify and characterise the practices and activities that the socio-educational organisation promotes to encourage family participation and involvement; (iii) To analyse the potential of intergenerational interaction for the well-being and development of children; (iv) To identify and characterise the practices and activities that the socio-educational organisation promotes to encourage relationships between children and the elderly; (v) To analyse the perceptions of children and grandparents about the relationships they establish with each other.

Data collection involved the use of various techniques - direct participant observation, non-participant direct observation of a naturalistic nature, document analysis, semi-structured interviews with the director of the socio-educational organisation and the cooperating teacher, brief interviews with the children in room T and their grandparents, a questionnaire survey with the families of the children in room T and

informal conversations with the cooperating teacher, which enabled an in-depth and contextualised understanding of the phenomenon under analysis.

The results show that the active participation of families, especially grandparents, and the valuing of intergenerational relationships contribute to the well-being and development of children and the elderly, promoting the development of social, communication and empathy skills in children, and the reinforcement of a sense of usefulness and personal appreciation in the elderly. In fact, the data shows that the grandparents actively contribute to the well-being of the children in room T, by accompanying them every day, collaborating in activities promoted by the socio-educational organisation and sharing experiences and family traditions.

Keywords: Family involvement; Intergenerationality; Pre-school education;

Lista de Abreviaturas

MEM	Movimento da Escola Moderna
MTP	Metodologia de Trabalho de Projeto
PE	Projeto Educativo de Escola
PPSI	Prática Profissional Supervisionada I
PPSII	Prática Profissional Supervisionada II
NDC1	Nota de Campo nº1
UC	Unidade Curricular
OS	Organização Socioeducativa
T	Sala de referência

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO.....	0
2. CARACTERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA....	4
2.1 Caracterização do Meio Envolveinte.....	6
2.2 Caracterização do Contexto Socioeducativo	7
2.3 Caracterização da Equipa Educativa	9
2.4 Caracterização do Ambiente Educativo	12
2.4.1 Espaços e Materiais	12
2.4.2 Tempos e Rotinas	16
2.5 Caracterização do Grupo	18
2.6 Caracterização das Famílias	20
3. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO.....	24
3.1. Intenções para a ação	25
3.1.1 Intenções para com as crianças	26
3.1.2 Intenções para com as famílias	32
3.1.3. Intenções para com a equipa educativa.....	34
3.2. Processos de Intervenção	37
4. INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA	40
4.1. Identificação da problemática.....	41
4.2. Revisão da literatura sobre a problemática identificada	43
4.2.1. A participação e o envolvimento da família no ambiente educativo;.....	43
4.2.2. Desafios e barreiras na relação entre a escola e a família;	44
4.2.3. A organização socioeducativa e o educador como impulsionadores da relação entre a escola e a família;	46
4.2.4. Relações intergeracionais para o desenvolvimento infantil;	48

4.2.5.	O papel dos avós na relação com os netos.....	50
4.3.	Roteiro Metodológico e Ético.....	52
4.4.	Apresentação e Discussão dos Resultados	58
(i)	As percepções das famílias, da diretora e da educadora acerca da importância da construção de parcerias com as famílias em contexto de jardim de infância	59
(ii)	Práticas e atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a participação e envolvimento das famílias	64
(iii)	Potencialidades do convívio intergeracional para o bem-estar e desenvolvimento das crianças e dos idosos	71
(iv)	Práticas e atividades que a organização Socioeducativa promove para incentivar a relação entre as crianças e os idosos	75
(v)	Percepções das crianças e dos avós sobre a relação que estabelecem entre eles	79
	Principais Conclusões do Estudo	82
5.	CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE.....	87
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
	ANEXOS.....	104
	ANEXO A: PORTEFÓLIO DA PRÁTICA PROFISSIONAL SUPERVISIONADA	105
	ANEXO B: GUIÃO DA ENTREVISTA REALIZADA À EDUCADORA COOPERANTE.....	107
	ANEXO C: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À EDUCADORA COOPERANTE	110
	ANEXO D: TABELA CATEGORIAL DA ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS PELA EDUCADORA	118
	ANEXO E: ROTEIRO METODOLÓGICO	121
	ANEXO F: ROTEIRO ÉTICO	124
	ANEXO G: GUIÃO ENTREVISTA REALIZADA À DIRETORA DA OS.....	133
	ANEXO H: ENTREVISTA À DIRETORA DA OS.....	136

ANEXO I: TABELA CATEGORIAL DA ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS PELA DIRETORA DA OS	142
ANEXO J: INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO REALIZADO ÀS FAMÍLIAS	147
ANEXO K: GRÁFICOS DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO	150
ANEXO L: TABELAS CATEGORIAIS ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS AO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO REALIZADO ÀS FAMÍLIAS	153
ANEXO M: TABELA CATEGORIAL ANÁLISE DAS NOTAS DE CAMPO	158
ANEXO N: TABELA CATEGORIAL ANÁLISE DA RELAÇÃO QUE OS AVÓS ESTABECEM COM OS NETOS E IDA À SALA	163
ANEXO O: TABELA CATEGORIAL ANÁLISE DA RELAÇÃO QUE OS NETOS ESTABECEM COM OS AVÓS	166
ANEXO P: TABELAS DE CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS E GRUPO DE CRIANÇAS	169
ANEXO Q: PROTOCOLO CONSENTIMENTO INFORMADO	173

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Planta da Sala de Referência	13
Figura 2 Mapa de Presenças	14
Figura 3 Mapa de Atividades	14
Figura 4 Mapa do Tempo e Diário	15
Figura 5 Mapa de Tarefas	15
Figura 6 Resposta das famílias à questão: "Que importância atribui à relação entre a família e a organização socioeducativa?"	59
Figura 7 Resposta das famílias à questão: "Considera que existe uma boa relação entre as famílias e a organização socioeducativa?"	65
Figura 8 Resposta das famílias à questão: "Como avalia a sua participação nas atividades organizadas pela organização socioeducativa"	65
Figura 9 Resposta das famílias à questão "Já participou em alguma atividade promovida pela organização socioeducativa?"	66
Figura 10 Respostas das famílias à questão: "A criança tem contacto frequente com os avós?"	72
Figura 11 Resposta das famílias à questão: "De que formas os avós participam na rotina das crianças?"	73
Figura 12 Atividades em parceria com o centro de dia	77
Figura 13 Visitas dos avós à sala T	78
Figura 14 Jogos tradicionais do tempo dos avós	78
Figura 15 Placar feito pelos netos sobre os avós	78
Figura 16 Brinquedos do tempo dos avós	79
Figura 17 Retratos dos avós da sala T	79

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Síntese da justificação das famílias à questão "Que importância atribui à relação entre a família e a organização socioeducativa?"	60
Tabela 2 Síntese das respostas dadas pela educadora cooperante à entrevista semiestruturada realizada	62
Tabela 3 Síntese das respostas dadas pela diretora às questões relacionadas com a Participação e envolvimento das famílias e apoios às famílias	63
Tabela 4 Respostas dadas pelas famílias à questão "Que tipo de atividades gostaria que fossem promovidas para envolver mais as famílias?"	67
Tabela 5 Síntese das respostas dadas pela educadora cooperante às questões relacionadas com as estratégias utilizadas para promover a relação entre a organização socioeducativa e a família.....	68
Tabela 6 Síntese das respostas dadas pela diretora da organização socioeducativa no que concerne as estratégias utilizadas para promover a relação entre a instituição e as famílias.	69

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 Desenho da Investigação e Participante	56
--	----

1. INTRODUÇÃO

| | " | | | "

Vivemos atualmente numa sociedade marcada por profundas mudanças sociais e demográficas, nomeadamente o envelhecimento da população e a crescente diversidade familiar. De acordo com os Resultados Provisórios dos Censos 2021 do Instituto Nacional de Estatística (INE), a população residente em Portugal é de 10.344.802 pessoas, o que representa uma diminuição de 2,1% em relação à última década. Além disso, o fenómeno do envelhecimento da população tem-se acentuado, com o aumento da população idosa e a diminuição da população jovem. Em 2021, existiam 182 idosos para cada 100 jovens (Instituto Nacional de Estatística , 2021).

Neste cenário, torna-se urgente criar espaços que favoreçam o encontro entre gerações, contribuindo para a construção de redes de apoio emocional, afetivo e educativo. A convivência intergeracional permite não só preservar a memória coletiva e os valores culturais, como também humanizar as relações sociais num tempo marcado pela rapidez e pela fragmentação dos vínculos (Dias, 2002, p. 35). Assim, a promoção de interações entre crianças e idosos ganha especial relevância no campo da educação.

O presente relatório foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Prática Profissional Supervisionada II (PPSII), integrada no plano de estudos do 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e é o culminar do meu processo de observação, intervenção e investigação resultante da minha integração numa sala de pré-escolar, que teve lugar entre os dias 30 de setembro de 2024 e 24 de janeiro de 2025, com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos. Como suporte deste trabalho apresenta-se em anexo o portefólio elaborado durante a PPS II (cf. Anexo A), no qual se relatam as vivências, experiências e reflexões que marcaram a minha prática pedagógica.

No âmbito do processo de imersão na prática realizei um estudo de natureza qualitativa, assente na metodologia de estudo caso, intitulado **“Entrelaçar Gerações em Educação de Infância: Vivências, Partilhas e Interações entre Crianças e Idosos numa sala de Pré-Escolar”**. Tendo como principal intenção explorar o papel da organização socioeducativa como espaço promotor de partilhas, vivências e interações entre crianças e idosos, objetivou-se com este estudo: (i) Compreender as perceções das famílias, da diretora e da educadora acerca da importância da construção de parcerias com as famílias em contexto de jardim de infância; (ii) Sinalizar e caracterizar as práticas e

atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a participação e envolvimento das famílias; (iii) Analisar as potencialidades do convívio intergeracional para o bem-estar e desenvolvimento das crianças; (iv) Sinalizar e caracterizar as práticas e atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a relação entre as crianças e os idosos; (v) Analisar as percepções das crianças e dos avós sobre as relações que estabelecem entre si.

A recolha de dados foi realizada através da congregação de técnicas e instrumentos metodológicos, incluindo a observação direta participante, a observação a observação direta não participante naturalista, conversas informais com a educadora cooperante, análise documental, a realização de entrevistas semiestruturadas realizadas à diretora da organização socioeducativa e educadora cooperante, a realização de uma breve entrevista semiestruturada centrada apenas numa questão às crianças da sala T e respetivos avós e um inquérito por questionários semiestruturado realizado às famílias das crianças da sala T.

A prática foi orientada por um olhar atento e reflexivo sobre a importância das relações intergeracionais no contexto educativo, reconhecendo o valor da participação das famílias e, em particular, dos avós, na construção de experiências significativas de aprendizagem para as crianças.

Em termos de estrutura, este relatório encontra-se dividido em sete capítulos, sendo o primeiro a presente Introdução. No segundo capítulo, é apresentada a caracterização do contexto educativo onde decorreu a PPSII, contemplando o meio envolvente, o contexto socioeducativo, a equipa educativa da instituição e da sala de atividades, o ambiente educativo, o grupo de crianças e as respetivas famílias. A partir desta contextualização, no terceiro capítulo, procedo à análise reflexiva da intervenção, na qual exponho as intenções educativas definidas em função das necessidades e interesses do grupo.

O quarto capítulo é dedicado à investigação que desenvolvi em contexto de Pré-escolar centrado-se na problemática identificada e na fundamentação da literatura relevante ao tema. Neste capítulo, exploram-se as escolhas metodológicas e éticas utilizadas na condução da investigação, que consiste na exploração do papel da

organização socioeducativa como espaço promotor de partilhas, vivências e interações entre crianças e idosos.

No quinto capítulo, apresento uma análise reflexiva do percurso realizado, evidenciando os contributos da prática e da investigação para a construção da minha profissionalidade.

Por fim, no sexto capítulo, reúno as principais aprendizagens e faço um balanço final da minha experiência na PPSII e incluo todas as referências bibliográficas que sustentaram e orientaram o desenvolvimento deste relatório.

2. CARACTERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA

| | ' ' | | ' ' |

Para planejar uma intervenção educativa, é essencial caracterizar os diversos aspectos do contexto socioeducativo onde a prática ocorrerá (Cardona, et al. 2021). Este procedimento é importante para ajustar a intervenção educativa, tanto ao nível da gestão quanto da construção do currículo, às características da organização, nomeadamente ambiente socioeducativo, da equipa educativa, do grupo e das famílias onde teve lugar a minha prática profissional supervisionada II (Cardona, et al. 2021).

Para o efeito, caracterizei as diferentes dimensões do contexto, recorrendo aos dados recolhidos através de observação direta (participante e não participante), consulta documental do projeto educativo, 2021-2024, conversas informais com a educadora e entrevista semiestruturada à educadora cooperante e à diretora da organização socioeducativa.

Nesse sentido, senti a necessidade de conhecer e caraterizar vários aspetos do contexto, começando pelo meio envolvente, de forma a compreender o enquadramento social, cultural e geográfico onde a instituição está inserida. Também foi essencial explorar o **contexto socioeducativo**, identificando as características da organização, incluindo a sua missão, visão, valores e práticas pedagógicas. Procurei também analisar a **equipa educativa**, focando-me na sua composição, funções e dinâmicas. Para caracterizar o **grupo de crianças** fui observando as especificidades das crianças, os seus interesses, necessidades e formas de interação. Outro elemento importante foi a análise do **ambiente educativo**, refletindo sobre como os espaços físicos e a sua organização contribuem para as aprendizagens e o bem-estar das crianças. Por fim, considerei fundamental conhecer o papel das **famílias** e a relação que estas mantêm com a instituição, bem como o seu nível de envolvimento na organização socioeducativa.

Este processo permitiu-me obter uma visão integrada de todos os elementos que influenciam o contexto, o que me permitiu compreender a realidade da organização socioeducativa, e facilitar a minha integração e intervenção na sala de pré-escolar e sustentando a minha prática pedagógica.

2.1 Caracterização do Meio Envolverte

De acordo com Silva et al. (2016) o desenvolvimento humano é um processo dinâmico e interativo, no qual o indivíduo não só é moldado pelo meio que o rodeia, mas também exerce influência sobre ele. Neste sentido, a caracterização do meio envolvente implica caracterizar a esfera em que as crianças estão inseridas, o que possibilita uma visão mais ampla das suas condições económicas, sociais e culturais. Este conhecimento revela-se essencial para promover o seu envolvimento na sociedade, garantindo uma educação mais ajustada às suas necessidades e realidades. A organização socioeducativa onde realizei a minha prática profissional supervisionada está localizada no distrito de Lisboa, no concelho de Cascais, na freguesia de Carcavelos.

Em relação à área, a freguesia tem 7,97 km², sendo que Carcavelos tem uma área de 4,37 km². As freguesias deixaram de ser localidades isoladas da Costa do Estoril para se tornarem freguesias quase totalmente urbanas e integradas (PE 2021/2024). De acordo com os últimos censos realizados, a freguesia tem, uma densidade populacional de 45.007 habitantes. Comparativamente aos censos de 2001, em 2011 verificou-se um crescimento na população da freguesia, crescimento este verificável em todas as faixas etárias, com exceção da faixa etária entre os 15 e os 24 anos, onde se verifica uma redução da população (PE 2021/2024).

Carcavelos deixou de ser uma localidade isolada, tornando-se uma freguesia urbana e integrada, dotada de excelentes acessibilidades, tendo como fator privilegiado, a sua localização próxima do centro da Cidade de Lisboa, como também dos centros turísticos e de lazer de Cascais e Sintra. É um dos lugares mais frequentados da linha de Cascais, salientando-se a praia que é uma das maiores da zona e encontra-se relativamente perto da instituição em questão.

De modo geral, a organização socioeducativa está muito bem localizada, tendo acessos privilegiados e uma rede de transportes bastante diversa, tendo também diversos espaços de lazer e acesso muito rápido à praia. Tem também um pinhal em frente à organização socioeducativa permitindo diversas visitas.

“No dia de hoje fizemos a reunião habitual, nesta reunião planeámos o que íamos fazer e o grupo queria ir passear até ao pinhal que fica em frente da instituição (NDC81).”

Para além disso a organização socioeducativa está muito perto de um lar de idosos, o que permite que haja muitos momentos de interação entre as crianças e os idosos tal como refere a diretora da organização socioeducativa na entrevista presente cf. anexo H, “O objetivo é mesmo criar esta interação com os idosos porque eu sei, nós temos aqui um lar muito perto de nós e é aí que os meninos já têm ido lá a trabalhar com eles, interagir com eles com jogos, bola e mais outros materiais (...)”.

2.2 Caracterização do Contexto Socioeducativo

O contexto socioeducativo onde decorreu a minha prática profissional supervisionada caracteriza-se, de acordo com o Projeto Educativo, como uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS).

De acordo com o Regulamento Interno desta organização socioeducativa, a mesma foi fundada em 1985 com o objetivo de responder às necessidades das crianças e das suas famílias, assumindo-se como uma instituição educativa que segue os princípios da fé cristã católica. Contudo, é relevante salientar que a diversidade cultural e religiosa das crianças e das suas famílias não é motivo de exclusão ou discriminação no momento da admissão. “É definida como um serviço de apoio social e familiar, um espaço aberto a todos os estratos sociais, uma comunidade educativa que promove o envolvimento de todos: direção, pais, educadores, comunidade e, principalmente, as crianças” (PE 2021/2025).

Segundo o PE (2021/2025), em junho de 1974, a Instituição abre portas pela primeira vez, dando resposta a um grupo de adolescentes. Em setembro desse mesmo ano recebe o primeiro grupo de crianças com idades de Creche e Jardim-de-infância, um grupo pequenino, pois a Instituição ainda não era muito conhecida. Nessa altura, surgiu a necessidade de escolher um nome para esta instituição, e as Cooperadoras da Família que viviam na casa na altura pensaram que seria bom escolher o nome de forma democrática

juntamente com as crianças. Surgiu então uma lista com vários nomes de entre os quais, um acabou por ser escolhido. Contudo, a forma como estava escrito induziu em erro à secretária da altura, que entendeu ser outro nome, acabando por ficar esse o nome da Instituição.

De acordo com o Projeto Educativo (2021/2025) a organização socioeducativa foi crescendo cada vez mais o que levou a aumentar o número de crianças e as listas de espera por sua vez, também. Surgiu assim, a necessidade de ampliar as instalações, o que aconteceu em 1995. Esta opção permitiu dar resposta a mais 45 crianças.

No ano letivo de 2015-2016 ficou concluído a construção de um edifício novo onde passou a funcionar a resposta Social de Creche. Foi então criado um salão polivalente com capacidade de 500 pessoas. Com esta construção alargou-se a capacidade de resposta podendo até à data frequentar a instituição 150 crianças em Pré-escolar e 108 em Creche. Para além disso, a instituição encontra-se equipada com um elevador que assegura o acesso a todos os pisos do edifício, tal como referido no seu Projeto Educativo (2021/2024).

No Projeto Educativo (2021/2024), está também explicitado a Missão, a Visão e os Valores que orientam a ação educativa e organizacional do estabelecimento educativo. A Missão expressa a intenção de promover a família, reconhecendo a sua importância tanto na dimensão social como espiritual. Assim, a organização assume um papel cooperativo com as famílias, contribuindo para a educação e o desenvolvimento integral das crianças desde os 3 meses até aos 6 anos de idade. Relativamente à Visão, ambiciona-se alargar e diversificar as respostas educativas disponibilizadas às famílias, procurando afirmar-se como uma entidade reconhecida pela qualidade da sua intervenção educativa. Esta visão reflete uma postura dinâmica e proativa, centrada na melhoria contínua e na adequação às necessidades das crianças e das suas famílias. No que diz respeito aos Valores que sustentam a sua prática, a organização destaca-se pela vivência da espiritualidade, considerada uma das suas principais características. Esta espiritualidade traduz-se na criação de um ambiente marcado pela tolerância, pelo afeto, pela proximidade e pela abertura à família e à comunidade. Para além disso, valoriza-se a liberdade com responsabilidade, entendida como um princípio orientador da formação de crianças autónomas, com espírito crítico e conscientes do seu papel na sociedade. A

transparência é igualmente um valor fundamental, refletindo-se na conduta ética e clara, espelhada, designadamente, nas relações estabelecidas com todos os intervenientes da comunidade educativa.

De acordo com o Projeto Educativo (2021/2024), a organização socioeducativa rege-se pelo Movimento Escola Moderna, tendo uma parceria com o Movimento da Escola Moderna para melhorar a qualidade da resposta educativa e desenvolvimento das crianças. Neste sentido, a instituição estabelece uma parceria com o Movimento da Escola Moderna, com o objetivo de aprofundar a implementação deste modelo pedagógico e assegurar uma resposta educativa de qualidade, alinhada com os direitos e as necessidades das crianças. Esta parceria concretiza-se através da realização regular de ações de formação dirigidas às educadoras, ministradas por formadores do próprio movimento. Estas formações têm como finalidade apoiar as profissionais na compreensão teórica e na aplicação prática dos princípios do MEM, promovendo a atualização constante das suas práticas pedagógicas e o desenvolvimento profissional.

Desta forma, as educadoras são incentivadas a refletir criticamente sobre o seu papel enquanto mediadoras do processo educativo, a planificar em função dos interesses e necessidades das crianças, e a recorrer a instrumentos de regulação da aprendizagem que envolvem os próprios grupos de crianças, como o diário e o plano do dia.

2.3 Caracterização da Equipa Educativa

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), considera-se fundamental que, numa organização socioeducativa, exista uma equipa pedagógica que coopere para garantir o bem-estar das crianças, tanto a nível físico, como a nível emocional, garantindo o desenvolvimento integral das crianças, numa ação colaborativa ainda na construção e gestão do currículo.

A equipa pedagógica da organização socioeducativa em referência, é organizada de modo a garantir a disponibilidade de profissionais com formação e experiência, que garantam o acompanhamento e a vigilância das crianças (PE 2021/2025).

O Estabelecimento socioeducativo é composto por dois edifícios: um destinado às salas de berçário e creche, e outro dedicado ao Pré-Escolar. A minha prática profissional supervisionada II foi realizada no edifício destinado ao Pré-Escolar, com seis salas, cada uma composta por uma educadora e uma auxiliar de ação educativa. Adicionalmente, a instituição dispõe de duas assistentes de apoio que estão disponíveis para prestar auxílio em qualquer sala, sempre que necessário. Para além da Diretora Pedagógica, o quadro de pessoal é constituído por 2 Auxiliares de Educação, 10 Ajudantes de Acção Educativa; 1 contabilista; 1 Cozinheira; 1 Ajudante de Cozinha e 4 Trabalhadores Auxiliares (PE 2021/2024).

O corpo docente é formado por 13 Educadoras, desempenhando uma delas a função de Diretora Técnica na creche e outra na Direção Pedagógica no pré-escolar; por uma psicóloga que acumula funções de Gestão de Qualidade; por uma professora de Expressão Corporal; e por estagiários pelo IEFP (PE 2021/2024). A Instituição funciona ainda como centro de estágio para diversas Escolas Superiores e Profissionais de Educação bem como para Ordem dos Psicólogos Portugueses (PE 2021/2024).

É de principal realce a estabilidade da equipa, a qualificação e experiência profissional e as práticas de trabalho de equipa, com reuniões regulares da Equipa Pedagógica (semanal ou quinzenal), reflexão, planeamento, avaliação periódicas de toda a equipa (PE 2021/2024).

A equipa pedagógica da sala onde realizei a minha prática profissional supervisionada é constituída por dois elementos, uma educadora de infância e uma ajudante de ação educativa. A ajudante de ação educativa já está nesta sala há 3 anos acompanhada pela mesma educadora de infância. A educadora de infância é licenciada desde 1984, em Educação de Infância, pela Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich. “Fiz o curso da Maria Ulrich, estagiei em cascais foi a minha primeira experiência como educadora.”

No que trata os horários, a educadora de infância exerce o horário das 8h30 às 16h30, com 1 hora de almoço e a ajudante de ação educativa exerce um horário das 9h30 às 18h00.

A equipa pedagógica realiza diversas reuniões semanais, conforme as suas necessidades, mas os momentos informais são de principal destaque, decorrendo através

de conversas realizadas no cotidiano (conversa informal com a educadora). O trabalho é sempre realizado em equipa envolvendo dinâmicas, promovendo momentos de reflexão, planejamento, a avaliação e discussão acerca das atividades diárias. O planejamento da atividade é geralmente liderado pela educadora da sala, que envolve a auxiliar em todas as suas etapas. A educadora da sala fica sempre responsável pela conceção pedagógica das atividades, mas na ausência da educadora a auxiliar assume a responsabilidade do grupo. A educadora estabelece uma relação de notória qualidade com a auxiliar de ação educativa, caracterizada pela entajuda e parceria.

Assim, é notório que o trabalho cooperativo está presente na prática da organização socioeducativa. A cooperação entre os diferentes intervenientes permite não só partilhar saberes, experiências e responsabilidades, mas também refletir em conjunto sobre as práticas pedagógicas, contribuindo para uma intervenção mais eficaz e ajustada às necessidades das crianças. Desta forma, torna-se possível promover aprendizagens mais significativas e integradas, indo ao encontro da ideia de que, através da colaboração, se consegue “ensinar mais e melhor” (Roldão, 2007, p. 28).

Folque e Bettencourt (2018), referem que o “isomorfismo pedagógico” (p.121), característico do modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna desafia os profissionais a aplicar a forma como trabalham com as crianças, no trabalho em equipa e no trabalho com as famílias. Com efeito, a observação que fui realizando ao longo do dia a dia do grupo foi tornando evidente que a postura da equipa, o respeito, a cooperação e a confiança que apresentam entre si, facilitam a prática e permitem concretizar e melhorar o trabalho realizado com as crianças, com foco no seu bem-estar e correto desenvolvimento. Um exemplo claro desta colaboração pode ser encontrado na nota de campo que se segue, que evidencia a articulação entre os diferentes profissionais da equipa.

“Eu fui auxiliando as crianças na escolha do livro e a auxiliar colocou os livros no saco enquanto a educadora ia apontando na grelha de registos que histórias é que as crianças tinham levado.” (NDC15)

2.4 Caracterização do Ambiente Educativo

Partindo da caracterização do grupo de crianças, consciencializando-se dos interesses e capacidades das crianças, o educador deve procurar refletir e adequar/organizar o ambiente educativo, em prol do desenvolvimento e aprendizagem de todas as crianças, considerando as diferentes dimensões deste ambiente – espaço e materiais, tempo e rotina (Silva et al., 2016).

O ambiente educativo, é um elemento essencial no desenvolvimento das crianças. Este ambiente vai para além das paredes físicas do espaço, abrangendo todas as interações, atividades e práticas pedagógicas que ocorrem dentro da Instituição. O ambiente educativo para crianças em valência de creche é fundamentalmente para a promoção de um crescimento saudável e abrangente, contemplando diferentes áreas de desenvolvimento (Cardona, 1992).

Neste sentido, a caracterização do ambiente educativo será estruturada em dois eixos fundamentais: (i) espaços e materiais e (ii) tempos e rotinas.

2.4.1 Espaços e Materiais

De acordo com Oliveira-Formosinho e Formosinho (2011), a organização do espaço educativo deve refletir uma intenção pedagógica clara, promovendo um equilíbrio entre segurança, autonomia e estímulo às aprendizagens da criança. Neste sentido, torna-se essencial que o espaço esteja diretamente relacionado com as vontades e interesses das crianças, potenciando as brincadeiras, as interações entre pares e a sua autonomia, enquanto facilitam a adaptação às rotinas diárias. Posto isto, é importante que a sala esteja funcional e acessível para o grupo de crianças, que são os principais visados neste processo de aprendizagem. Como refere Portugal (2011), é precisamente através desta organização cuidada e intencional que o adulto pode promover aprendizagens significativas, desafiar as crianças, despertar a sua curiosidade e fomentar o estabelecimento de relações positivas. Assim, a criação de ambientes educativos pensados

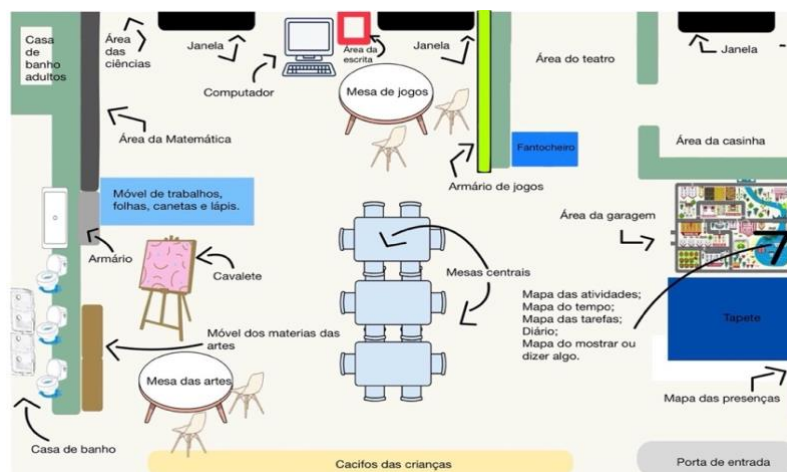
em função da criança, dos seus interesses e necessidades, revela-se determinante para garantir experiências de aprendizagem ricas.

Relativamente à caracterização da sala, a mesma caracteriza-se por ser uma área ampla, e com bastante espaço de circulação, o que proporciona espaço para as crianças brincarem e circularem de forma livre. Assim, é dada a possibilidade de existirem algumas áreas onde são potenciadas as mais variadas aprendizagens. De acordo com a entrevista realizada à educadora *cf. Anexo C*, a mesma refere que vai fazendo alterações nas diversas áreas, sempre que necessário “Ao longo do ano observo se alguma área não está a funcionar plenamente, tento levar novidades a essa área para lhes criar essa vontade de explorar.”

A partir da planta da sala, presente na figura 1, é possível observar a organização do espaço.

Figura 1

Planta da Sala de Referência



Nota: Fonte Própria

A sala é bastante ampla e está organizada de forma a facilitar diferentes atividades e rotinas. No centro, encontram-se três mesas que servem para a realização de atividades em grande grupo e reuniões de conselho. Cada criança tem um cacifo individual, onde pode guardar os seus pertences, como o bibe, a mochila e mudas de roupa. É evidente que esta organização socioeducativa segue os princípios do movimento da Escola Moderna,

utilizando diversos mapas como instrumentos de trabalho e dividindo o espaço por áreas específicas (Serralha, 2009).

Na parede, encontra-se o mapa das presenças, que permite às crianças registarem a sua chegada à sala.

Há também o mapa das atividades, que é preenchido após o mapa das tarefas, e o mapa do tempo, onde se marca o estado do tempo em cada dia da semana. O mapa das tarefas, por sua vez, é preenchido semanalmente, à segunda-feira, registando o responsável por cada tarefa e avaliando o trabalho realizado. O diário, outro mapa exposto na parede, é utilizado pelas crianças, educadora e auxiliar para registar o que gostaram, o que menos gostaram e o que gostariam de fazer. Por fim, há um mapa onde as crianças colocam como está o tempo no exterior. Através da tabela seguinte é possível observar registos fotográficos dos instrumentos descritos anteriormente.

Figura 2

Mapa de Presenças



Nota: Fonte própria

Figura 3

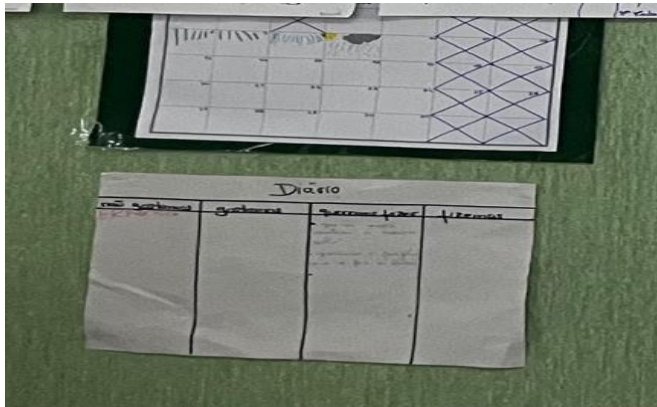
Mapa de Atividades



Nota: Fonte própria

Figura 4

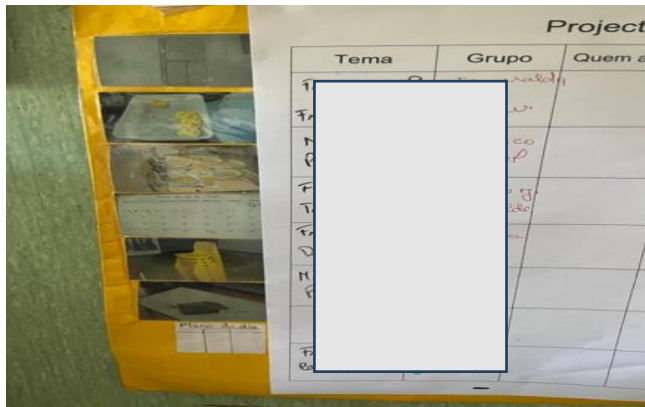
Mapa do Tempo e Diário



Nota: Fonte Própria

Figura 5

Mapa de Tarefas



Nota: Fonte Própria

Ao lado da área da garagem encontra-se o tapete, que é utilizado para pequenas reuniões, brincadeiras e para calçar ou descalçar as sapatilhas antes das atividades de expressão corporal.

A sala está dividida em sete áreas diferentes. A área da garagem dispõe de um tapete e de um armário com carros, animais e legos. Na área da casinha, há uma cozinha de brincar, uma cama, bonecos, alimentos e bebés de brincar. Existe também uma área

do teatro, equipada com diversos fantoches e disfarces. Do outro lado da sala, situa-se a área das ciências, localizada junto ao computador e à área da escrita. Próxima desta, encontra-se a área da matemática, que dispõe de vários jogos relacionados com este conteúdo.

A área das artes é bastante ampla e inclui um cavalete com tintas e três armários: um com folhas, canetas e lápis, e os outros dois com materiais diversos para a realização de trabalhos artísticos.

A sala possui ainda uma casa de banho com três sanitas e quatro lavatórios. É um espaço bastante iluminado, com três grandes janelas que oferecem vista para o parque de areia e para o pinhal.

É de principal realce que todos os materiais e brinquedos direcionados para as brincadeiras das crianças estão arrumados de forma acessível.

Uma vez que os móveis se encontram ao nível das crianças, a educadora consegue promover a autonomia das mesmas. O grupo durante a minha prática profissional supervisionada tem demonstrado principal interesse pela área das Artes. O grupo gosta também bastante de ir buscar jogos ao móvel dos mesmos e sentar-se nas mesas de atividades a realizá-los.

Relativamente ao relacionamento das crianças com o espaço, o grupo demonstra uma boa relação tanto no interior como no exterior. Ainda assim, é de frisar que há uma criança que se demonstra insegura e desconfortável na zona exterior procurando ficar sempre junto a um adulto.

Em suma, o ambiente desempenha um papel crucial no desenvolvimento e é visível que o ambiente educativo está adaptado às necessidades do grupo proporcionando diversos estímulos às crianças.

2.4.2 Tempos e Rotinas

A organização do ambiente educativo da sala, com foco no tempo e nas rotinas, é essencial para uma prática pedagógica eficaz. De acordo com Cardona (1992), “Quanto mais definida e explícita for a organização espaço-temporal da sala, maiores são as possibilidades de desenvolver um tipo de trabalho verdadeiramente centrado nas

iniciativas e nos interesses das crianças”. Neste sentido, a melhor forma de apresentar e explicar essa organização é construí-la em conjunto com as próprias crianças, garantindo o seu envolvimento ativo no processo e promovendo a sua autonomia e participação.

A entrada das crianças na organização socioeducativa deve ocorrer até às 09h30 sendo que é a partir dessa hora que a educadora cooperante reúne com as crianças no nas mesas centrais, partilhando algumas ideias, situações vividas, diferentes momentos ou sugestões a realizar. No decorrer desta partilha da manhã a educadora cooperante fala sobre em que dia da semana e do mês nos encontramos para começar a existir por parte das crianças uma reflexão acerca da temporalidade. Às segundas-feiras são eleitos dois ajudantes da semana, são avaliadas e divididas as tarefas semanais. No decorrer da semana os ajudantes da semana devem-se sentar ao lado da educadora para ajudarem a organizar o plano do dia.

Após este momento, entre as 10h30 e as 11h00, as crianças comem a fruta da manhã que é distribuída pelas crianças que ficaram responsáveis por esta tarefa, e em seguida têm a oportunidade de brincar livremente ou na sala ou no exterior, até às 11h30 para posteriormente irem lavar as mãos para seguirem para o almoço. Estes momentos de brincadeira livre diferem consoante as atividades existentes no dia.

Ao almoço, que decorre no refeitório da organização socioeducativa, as crianças sentam-se nos devidos lugares e as crianças que ficaram responsáveis por dar e arrumar os pratos cumprem as suas tarefas.

Após o almoço, as crianças ficam à responsabilidade dos assistentes operacionais algumas dirigem-se para o exterior e as crianças que dormem a sesta dirigem-se para o dormitório. Quando a educadora regressa, às 13h30 vai com as crianças que estavam no exterior para a sala para dar início à hora de trabalho em que faz atividades de preparação para o 1º ciclo. As que dormem a sesta durante este momento ficam a dormir e quando chegas as 15h00, que é a hora do lanche o grupo todo reúne no refeitório para lanchar sentando-se nos devidos lugares.

Após o lanche as crianças, ficam à responsabilidade das assistentes operacionais até ao à chegada das famílias.

2.5 Caracterização do Grupo

O grupo é composto por 25 crianças, das quais 13 meninas e 12 meninos com idades compreendidas entre os 2 e 5 anos. Tal como podemos verificar na tabela abaixo, apenas uma criança tem 2 anos, fazendo os 3 em dezembro. Há 13 crianças com 3 anos, 5 crianças com 4 anos e 6 crianças com 5 anos.

A maioria das crianças já frequentava a instituição no ano anterior, 12 das crianças já frequentavam esta sala acompanhadas pela mesma educadora e auxiliar. As restantes crianças estavam nesta organização socioeducativa, mas frequentavam outra sala acompanhadas por outra educadora e outra auxiliar. Ainda assim 2 das crianças ingressaram nesta sala pela primeira vez este ano.

De modo geral, todas as crianças demonstram estar adaptadas ao grupo, ao espaço e à rotina/dinâmica da sala, são carinhosos e colaboram nas atividades e dinâmicas. “O grupo tem a sua personalidade, são carinhosos, são colaboradores. Não são sempre da mesma forma, têm as suas alterações, as suas fases, mas é um grupo colaborador.” (Entrevista educadora). As crianças brincam e exploram à sua maneira, demonstrando partilha do espaço e de objetos. Os interesses são diferentes entre as crianças do grupo, as crianças que já frequentavam a sala demonstram maior interesse por áreas como a ciência, a matemática e a escrita, ainda assim, de modo geral, o grupo revela uma maior preferência por áreas como a garagem e as artes, onde predominam o jogo simbólico, a expressão criativa e a exploração livre.

Esta tendência de escolhas pode ser observada através das notas de campo número 31 e 42:

“Fizeram jogos, e de seguida foram para a área da pintura onde me encontrava a auxiliar uma das crianças que tinha escolhido esta área no mapa das atividades.” (NDC31).

“Neste dia a maioria do grupo escolheu a área da garagem para brincar.” (NDC42).

No que toca aos interesses do espaço exterior as crianças gostam bastante de brincar no parque da areia, no campo de futebol e gostam de visitar a horta. Pedem muitas vezes para visitar a horta, acompanhando o crescimento dos seus legumes. Para além da horta gostam muito de brincar no campo de futebol.

“De seguida fomos ver as couves à horta e fomos para o campo de futebol.”
(NDC72).

De acordo com a entrevista realizada à educadora *cf. Anexo C* é um grupo, calmo, carinhoso, participativo/dinâmico, que gosta de conversar em grande grupo e também em momentos de atividade. “O grupo tem a sua personalidade, são carinhosos, são colaboradores.” (Entrevista educadora cooperante) Quando chegam demonstram interesse em partilhar novidades com a educadora e auxiliares presentes na sala. É um grupo que demonstra bastante autonomia, tendo interesse em realizar tarefas sozinhos.

Relativamente à autonomia, é possível observar que as crianças do grupo se encontram em níveis diferentes. As que já frequentavam a sala no ano letivo anterior demonstram níveis mais elevados de autonomia, sendo capazes de realizar tarefas de forma independente e, em muitos momentos, assumem um papel de apoio às crianças mais novas, sobretudo durante as rotinas diárias. Esta colaboração entre pares pode ser observada através da nota de campo número 17:

“Uma das crianças que estava responsável era uma das mais novas, mas ainda assim desempenhou a sua tarefa com bastante cuidado, sendo auxiliada pela outra responsável, que era mais velha.” (NDC17).

Por outro lado, as crianças que integram a sala pela primeira vez ainda se encontram numa fase de adaptação às rotinas e dinâmicas do grupo. Essa adaptação reflete-se, por exemplo, na menor atenção que atribuem aos mapas e instrumentos de organização existentes na sala, necessitando de um maior acompanhamento por parte dos adultos e dos colegas mais experientes.

“Em conversa com o grupo pediu aos finalistas para explicarem às crianças mais nova como se preenchia o mapa das atividades. Uma das crianças explicou que quando chegassem deveriam dar os bons dias e de seguida marcar a sua presença num outro mapa de presenças que se encontra na

parede da sala e só depois escolher duas atividades fazendo um círculo e pintando o mesmo só depois das atividades estarem finalizadas.” (NDC10).

No *Anexo P* encontra-se um mapa de caracterização das crianças que sintetiza as principais características sociodemográficas do grupo.

2.6 Caracterização das Famílias

O contexto familiar assume um papel central no desenvolvimento e aprendizagem da criança, sendo neste meio que ela cresce, aprende e se constrói enquanto indivíduo. Este processo é profundamente influenciado pelas práticas educativas e pela cultura própria de cada família, que contribuem significativamente para o percurso educativo da criança (Silva et al., 2016).

De acordo com Mata e Pedro (2021), a participação dos pais em atividades educativas revela-se benéfica para todos os intervenientes. Para os pais, esta participação permite uma maior compreensão do papel do educador, das práticas pedagógicas implementadas e das atividades desenvolvidas, conduzindo a uma valorização do trabalho do profissional. Além disso, cria-se uma ligação mais próxima com o educador, permitindo a partilha de ideias, o conhecimento do projeto curricular e a tomada de consciência sobre as aprendizagens das crianças. Para os filhos, esta proximidade favorece o fortalecimento do vínculo com os pais, a valorização do seu contributo, e o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade. Já para os educadores, esta cooperação permite um conhecimento mais aprofundado das famílias, fortalece a relação com os cuidadores e oferece uma compreensão mais ampla das crianças e da sua realidade familiar (Mata & Pedro, 2021).

Neste sentido, Fuertes (2018) reforça que o educador deve adotar comportamentos eficazes na relação com as famílias. É essencial acolhê-las com simpatia, tratando cada membro pelo nome próprio, e partilhar a sua experiência e conhecimento na área da educação de infância. Deve também mostrar-se disponível para ouvir, responder às dúvidas e acolher sugestões, explicando sempre que necessário o que faz e por que motivo

o faz. A confiança mútua é fundamental, tal como a valorização de uma comunicação aberta e honesta.

Um exemplo da importância atribuída à comunicação com as famílias pode ser observado no registo nº 54, datado de 30 de outubro: “A educadora foi falando com todos os pais que iam chegando, dando os bons dias e perguntando se estavam interessados na fotografia de grupo. Os pais mostraram-se todos interessados e foram assinando o consentimento para a fotografia de grupo e conversando sobre outros temas com a educadora da sala.” (NDC54).

Na organização socioeducativa onde decorreu o estágio, o envolvimento familiar ultrapassa a participação dos pais, contando também com um papel ativo dos avós. Estes acompanham frequentemente os netos nas rotinas diárias, entregando-os na instituição e, por vezes, participando em atividades e eventos organizado. Esta participação é visível em registos como:

“No dia anterior a educadora começou a decorar as cartas que fizemos para enviar aos avós” (NDC153).

“No recreio fui-me sentando com as crianças e enquanto iam brincando eu ia estabelecendo um diálogo sobre os avós e registando o que me iam dizendo para mais tarde construirmos um mural com fotografias deles com os avós e as respetivas frases.” (NDC157).

Segundo Fuertes (2024), os avós podem exercer uma influência significativa na vida das crianças. Para além de serem, muitas vezes, cuidadores principais na ausência ou indisponibilidade dos pais, são também uma fonte de apoio financeiro e emocional. Em Portugal, é comum os avós levarem os netos à escola, prepararem refeições ou acompanhá-los ao parque, desempenhando assim um papel essencial na sua educação e bem-estar.

No que diz respeito à caracterização das famílias da sala onde decorreu o estágio, verifica-se que estas são, na sua maioria, de nacionalidade portuguesa, apresentando níveis elevados de escolaridade e estabilidade socioeconómica e profissional. Através da análise da grelha presente no Anexo D, é possível verificar a ocupação profissional dos

pais, embora não tenha sido possível obter dados relativos à idade e ao nível de escolaridade das famílias.

A entrevista realizada à educadora da sala permitiu compreender melhor a relação estabelecida com as famílias. A educadora promove uma relação de proximidade e envolvimento ativo, referindo: “Por exemplo, temos a hora de trabalho com pais. Existe uma hora de trabalho com os pais e foi divulgado na reunião. Escrevem e dizem: ‘Olha, eu gostava de vir contar uma história’, ou pode ser uma coisa relacionada com um projeto. Uma família, por exemplo, tem algo em casa que se relaciona com o nosso projeto e vem partilhar as suas aprendizagens e as suas experiências.”

Além desta abertura, a educadora recorre frequentemente a diálogos informais no quotidiano, partilhando com as famílias acontecimentos, projetos e atividades. A sala está sempre disponível para acolher as famílias, permitindo que estas possam agendar uma manhã ou uma tarde para desenvolver atividades ou partilhar algo significativo, em articulação com os temas abordados com as crianças. Como referiu a educadora: “Outra estratégia que eu uso muito e digo sempre: ‘venham 5/10 minutos observar com ele e fazer um jogo.’”

Através da observação direta, foi possível perceber que o momento de acolhimento vai além da receção da criança, estendendo-se também às famílias. Muitas vezes, os familiares permanecem alguns minutos na sala, participando em pequenas atividades, como jogos ou pinturas. Este momento é valorizado pela equipa educativa como uma oportunidade para reforçar a relação com as famílias e criar um ambiente de confiança e partilha.

Importa ainda destacar o papel ativo dos avós neste contexto. Não só acompanham as crianças no momento da chegada à sala, como também desenvolvem relações de proximidade com o grupo e com a equipa pedagógica, contribuindo para um ambiente de afetividade e continuidade entre a casa e a instituição.

Em suma, enquanto estagiária, tenho mantido um contacto regular com as famílias, especialmente no momento de acolhimento, aproveitando este tempo para dialogar e conhecer melhor a realidade de cada criança. Este contacto é fundamental para

a construção de uma parceria educativa sólida e significativa, que valoriza não apenas o desenvolvimento das crianças, mas também a relação com os seus contextos familiares.

3. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

| | " | | " |

3.1. Intenções para a ação

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016), “a ação profissional do/a educador/a caracteriza-se por uma intenção, que implica uma reflexão sobre as finalidades e sentidos das suas práticas pedagógicas e os modos como organiza a sua ação” (p. 5). É, por conseguinte, necessário ter uma abordagem consciente e refletida sobre as práticas pedagógicas, tendo por base uma análise cuidadosa do contexto em que se desenvolve a intervenção educativa. Durante a minha Prática Profissional Supervisionada II (PPSII), procurei incorporar esta perspetiva, refletindo cuidadosamente sobre cada ação pedagógica e procurando um equilíbrio entre as orientações curriculares para Educação Pré-Escolar e as especificidades do grupo de crianças com quem trabalhei. Esta reflexão foi sustentada pelas observações realizadas ao longo da minha prática, pelos registos efetuados, como notas de campo e documentação pedagógica e entrevista realizada à educadora da sala. Tive também em consideração os princípios defendidos pelo modelo pedagógico do Movimento Escola Moderna, uma vez que é o modelo implementado pela organização socioeducativa e que vai ao encontro da prática adotada pela educadora de sala “Utilizo muito a pedagogia de participação, sigo o movimento escola moderna que é o método pedagógico da escola.”(entrevista educadora).

Estas ferramentas foram fundamentais para orientar e fundamentar a minha prática.

Nesse sentido, as caracterizações elaboradas anteriormente, revelam ser um instrumento de análise essencial para definir as intenções educativas que orientarão a minha ação e prática pedagógica, adequando-a “ao contexto social, às características das crianças e das famílias e à evolução das aprendizagens de cada criança e do grupo” (Silva et al., 2016, p.13).

Estas intenções devem abranger não apenas as crianças, mas também as famílias e a equipa educativa, num processo de articulação que promove a coerência e a eficácia da intervenção.

Na minha perspetiva, as intenções pedagógicas implicam, as motivações e os valores que orientam o trabalho do educador. Neste sentido, reconheço que cada

educador traz consigo um percurso único, uma maneira particular de trabalhar, que, embora distinta, converge num objetivo comum: promover o desenvolvimento integral das crianças. No meu caso, o meu percurso é marcado pelas experiências vividas, tanto a nível pessoal como profissional, que moldaram a forma como vejo e exerço a minha prática. Através deste processo, desenvolvi uma identidade profissional que se alicerça numa abordagem afetiva, que privilegia a comunicação emocional como ponto de partida para a construção de um ambiente acolhedor e seguro. Acredito que este ambiente incentiva as crianças a expressarem-se livremente, a partilharem as suas emoções e a interagirem de forma significativa com o mundo à sua volta.

3.1.1 Intenções para com as crianças

De acordo com Ferreira (2018), um projeto educativo de qualidade deve integrar diversos elementos fundamentais na relação com as crianças. Um aspeto central é a criação de relações próximas e de elevada qualidade, que oferecem às crianças suporte emocional e oportunidades para explorar o mundo que as rodeia. Estas relações de proximidade contribuem significativamente para o desenvolvimento da capacidade de comunicação e das habilidades de interação social (Ferreira, 2018). Paralelamente, é essencial proporcionar um ambiente seguro onde as crianças possam ter liberdade para explorar e experimentar diferentes atividades. Nesse contexto, a brincadeira e os jogos surgem como ferramentas privilegiadas para a aprendizagem e o crescimento, promovendo a autonomia e o desenvolvimento global das crianças (Ferreira, 2018).

As relações positivas entre o educador e a criança desempenham, assim, um papel crucial no desenvolvimento infantil. Segundo Marcelino (2020), essas relações proporcionam às crianças um espaço seguro e acolhedor que lhes permite desenvolver competências sociais eficazes para negociar conflitos e superar desafios. Mais do que isso, estas relações devem ser caracterizadas pelo respeito mútuo e pelo carinho, transmitindo às crianças a sensação de que os educadores são uma fonte confiável de segurança e apoio emocional. Ainda para Marcelino (2020), este vínculo afetivo é essencial para que as crianças se sintam valorizadas e protegidas, o que favorece não só

o seu bem-estar emocional, mas também a sua confiança para explorar, aprender e interagir no ambiente educativo.

A educadora refere a importância desta relação com as crianças, afirmando “Nunca deixo uma novidade que uma criança traga uma participação que traz, tento sempre incluir isso, mas o movimento escola moderna também tem um mapa do contar e eles têm sempre de comunicar ao grupo, e daí às vezes partem os projetos, essa partilha que eles têm observação, planificação, documentação e avaliação que vai fazendo ao longo do ano letivo.” (Entrevista educadora).

Estas relações criam as condições necessárias para que as crianças se sintam seguras e motivadas a explorar o mundo, desenvolver competências sociais e enfrentar desafios com confiança.

Deste modo, considero enquanto futura educadora que a comunicação entre o adulto e a criança é primordial pois é através desta comunicação regular que se estabelece a confiança. Isto possibilita a resposta eficaz às necessidades individuais de cada criança.

Ao refletir sobre os meus valores a nível pessoal e profissional delineeii diversas intenções para com as crianças no decorrer da minha prática profissional supervisionada. A minha primeira intenção foi **(i) criar uma relação afetiva e de confiança com as crianças**. De acordo com Marcelino (2020), as relações positivas entre educadores e crianças são fundamentais para estabelecer um ambiente seguro e acolhedor. Este tipo de relação permite que as crianças desenvolvam competências sociais, como a resolução de conflitos e a capacidade de superar desafios. Tendo em consideração que, para mim, o primeiro passo para criar um percurso saudável e de qualidade com as crianças é estabelecer laços afetivos de confiança, procurei garantir que as minhas ações durante o estágio estivessem alinhadas com este princípio. Acredito que é essencial conhecer as crianças de forma individual, respeitando as suas características e personalidades únicas. Durante a PPSII, coloquei esta intenção em prática de várias maneiras, procurando sempre promover um ambiente onde as crianças se sentissem à vontade e seguras para se expressar. No início, dediquei um tempo para me apresentar ao grupo e proporcionar a oportunidade para que cada criança também se apresentasse. Isso ajudou-me a entender

melhor as suas personalidades e preferências, além de permitir que elas se sentissem reconhecidas e ouvidas.

“De seguida, apresentei-me e pedi ao grupo para se apresentar, e todas as crianças se apresentaram dizendo o seu nome” (NDC3).

Esta primeira interação foi uma oportunidade crucial para estabelecer um vínculo inicial, que serviu de base para as interações subsequentes. Ao adotar uma postura acolhedora e atenta, procurei transmitir às crianças a minha disponibilidade para as apoiar em todas as situações, sejam elas desafios diários ou momentos de exploração. As crianças, por sua vez, começaram a perceber que poderiam confiar em mim, sentindo-se mais confortáveis no meu envolvimento nas suas atividades e conversas. Acredito que esse clima de confiança, que comecei a construir desde o início, foi essencial para facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento delas, pois uma relação afetuosa e segura é a base para que as crianças se sintam valorizadas e motivadas a explorar e participar ativamente nas dinâmicas do grupo.

A minha segunda intenção para com as crianças foi **(ii) estimular o desenvolvimento integral de cada criança**, participando gradualmente nas suas rotinas diárias e atividades de grupo proporcionando experiências diversificadas que as desafiem e as ajudem a desenvolver em todas as áreas (Silva et al., 2016, p.10).

Desde os primeiros dias na instituição, procurei integrar-me gradualmente nas rotinas já estabelecidas, com o objetivo de me envolver de forma natural e progressiva no ambiente educativo. Dediquei-me a observar e a compreender a dinâmica do grupo, procurando conhecer cada criança de forma individual para criar uma relação de proximidade e confiança. Tentei que as crianças se fossem sentindo à vontade com a minha presença e pudessem continuar as suas atividades diárias de forma confortável e segura. Ao chegar à instituição, percebi que já existia uma rotina bem definida, assim como um conjunto de atividades previamente planeadas e em desenvolvimento. Respeitando este enquadramento, procurei, ao longo dos dias, participar ativamente nos diferentes momentos do dia. Esta participação incluiu o acompanhamento das crianças em várias atividades e a colaboração com a equipa educativa, de forma a contribuir para

a continuidade das práticas pedagógicas sem interromper a dinâmica já estabelecida. Ao mesmo tempo, mantive uma postura de observação reflexiva, o que me permitiu compreender melhor as necessidades do grupo e adaptar a minha intervenção de acordo com o contexto. A minha intenção foi sempre integrar-me de forma harmoniosa, respeitando os tempos e as rotinas das crianças, enquanto desenvolvia uma ligação genuína e empática com cada uma delas.

A interligação das características intrínsecas de cada criança, como o seu património genético, o seu processo de maturação biológica e as experiências de aprendizagem que vive, resulta numa diversidade de capacidades, interesses e formas de aprender, tornando cada criança única, com um desenvolvimento singular (Silva et al., 2016). Posto isto, e tendo em conta as intenções acima descritas, considere fundamental **(iii) respeitar os ritmos e aprendizagens de cada criança, assumindo-as como seres únicos e individuais** (Silva et al., 2016). Neste contexto, adaptar as minhas ações às necessidades individuais de cada criança tornou-se essencial para garantir que todas se sentissem respeitadas e valorizadas, sem perder de vista as suas particularidades. Esse desafio, levou-me a desenvolver uma prática assente na diferenciação pedagógica, com o objetivo de atender às especificidades de cada uma. Desta forma, procurei garantir que todas as crianças fossem integradas nas atividades propostas, respeitando o ritmo e as preferências individuais. Compreendi que, para criar um ambiente inclusivo, não deveria forçar a participação das crianças, mas sim proporcionar um espaço onde se sentissem confortáveis e incluídas. Assim, pude assegurar que todas as crianças se sentissem valorizadas dentro do grupo, respeitando a sua individualidade. Através de conversas informais com a educadora cooperante, aprofundei a consciência sobre a importância de respeitar o espaço individual de cada criança, reconhecendo que a participação ativa em todas as atividades nem sempre é imprescindível para o seu desenvolvimento ou bem-estar. Esta compreensão permitiu-me aceitar que cada criança possui o seu próprio tempo e forma de envolvimento, sendo, por vezes, mais relevante proporcionar um ambiente afetivamente seguro e encorajador do que insistir na adesão imediata às propostas pedagógicas.

Esta perspetiva permitiu-me ajustar a minha abordagem educativa, criando oportunidades que considerassem simultaneamente as preferências individuais das

crianças e a dinâmica do grupo. O respeito pelas diferenças revelou-se fundamental na construção de relações mais autênticas, promovendo um ambiente inclusivo no qual cada criança se reconhecesse como parte integrante e sentisse que o seu contributo era valorizado.

Deste modo procurei também **(iv) fomentar a participação e a autoestima de cada criança, incentivando-as a envolverem-se na aprendizagem, com base nos seus interesses e curiosidades.** Como afirma Silva et al. (2016), é fundamental proporcionar a todas as crianças condições estimulantes para o seu desenvolvimento e aprendizagem, promovendo em todas elas um sentido de segurança e autoestima. Com esta intenção pedagógica, concentrei-me em fomentar a curiosidade natural das crianças, utilizando estratégias que despertassem o seu entusiasmo e as encorajassem a participar de forma ativa. A escolha e adaptação das atividades foram realizadas de forma a respeitar os ritmos e as preferências do grupo, permitindo que cada criança encontrasse um ponto de ligação entre as suas vivências e as propostas pedagógicas. Por exemplo, numa atividade em que trabalhei com o grupo, fiz uma tabela com as cores das folhas e, ao explorar as cores, o grupo partilhou que encontrou uma cor que não esperava, mas que não sabia se era roxo ou rosa.

“Deste modo, fiz uma tabela com as cores das folhas e o grupo diz que encontrou uma cor que não esperava encontrar, mas que não sabe se é bem roxo ou rosa por isso escreveram naquela coluna “roxo/rosa” (NDC131)

Este momento ilustrou a importância de permitir que as crianças participem ativamente, oferecendo-lhes um ambiente que estimula a exploração e o desenvolvimento da sua autoestima.

Após esta intenção, surgiu outra, centrada em **(v) incentivar a comunicação verbal da criança através das atividades desenvolvidas.** De acordo com Silva et al. (2016), “É no clima de comunicação criado pelo/a educador/a que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais corretas e complexas, adquirindo um maior domínio da expressão e da comunicação que lhe permitam formas mais elaboradas de representação.” Nesse sentido, procurei promover

diversos momentos de comunicação verbal, pois considero que a verbalização é essencial para o desenvolvimento da linguagem e da expressão das crianças. Em atividades mais específicas, como numa em que fiquei com o grupo de crianças de 3 e 4 anos a fazer bolinhas coloridas para decorar árvores de Natal, mantive um diálogo contínuo sobre o tema, proporcionando-lhes oportunidades para se expressarem e partilharem as suas ideias.

"Eu fiquei com o grupo das crianças dos 3 e 4 anos a fazer bolinhas com diversas cores nas árvores de Natal. No decorrer deste trabalho, fui mantendo um diálogo sobre o Natal" (NDC160).

Este tipo de interação permitiu não só reforçar o tema da atividade, mas também incentivou as crianças a comunicarem, expressando os seus pensamentos, sentimentos e perceções, desenvolvendo, assim, a sua capacidade de comunicação.

A minha última intenção para com as crianças foi delineada com o objetivo de **(vi) promover a aprendizagem através do brincar**, sendo esta uma atividade natural, voluntária e da iniciativa da própria criança, motivada intrinsecamente, que lhe dá prazer e potencia o desenvolvimento e aprendizagem (Sutton-Smith, 1997 e Whitebreath, 2012, citados por Lino & Parente, 2018).

De acordo com Silva et al. (2016), a articulação entre as áreas de desenvolvimento e a aprendizagem está relacionada com o reconhecimento de que o brincar é uma atividade natural da iniciativa da criança, que revela a sua forma holística de aprender. Deste modo, o brincar é uma atividade rica e estimulante que promove o desenvolvimento e aprendizagem e é caracterizado pelo envolvimento da criança, demonstrando através do prazer, concentração persistência e empenho (Silva et al. 2016). Ao longo da minha prática tentei sempre envolver-me nos momentos de brincadeira estabelecendo um diálogo,

"As crianças da sala onde estou a estagiar pediram para brincar com elas e eu fui brincando com alguns bonecos e conversando um bocadinho com elas." (NDC6)

Ao longo da ação tive como principal intenção para com o grupo de crianças reforçar o papel da escola como espaço promotor de vínculos intergeracionais e de uma

relação próxima com as famílias, uma vez que se trata do tema da minha investigação. Reforcei o contacto com as famílias em especial com os avós desenvolvendo um projeto com o grupo em que incluí as famílias.

Para além desta intenção, pretendi demonstrar o meu gosto por trabalhar com crianças conseguindo criar laços de afetividade e um bom ambiente relacional. Considero ser bastante afetiva e como futura educadora tentarei sempre promover uma boa comunicação com as crianças que me rodeiam, assim como com as suas famílias e a equipa educativa.

3.1.2 Intenções para com as famílias

De acordo com Silva et al. (2016), “cada criança não se desenvolve e aprende apenas no contexto de educação de infância, mas também noutros em que viveu ou vive, nomeadamente no meio familiar” (p. 8). O envolvimento das famílias é, assim, fundamental para fortalecer os laços entre os contextos escolar e familiar, proporcionando às crianças uma sensação de continuidade e segurança, permitindo que se sintam apoiadas e valorizadas em ambos os ambientes.

Mata e Pedro (2021) referem que este envolvimento requer esforço e responsabilidade, uma vez que as famílias desempenham um papel essencial no apoio à aprendizagem, sendo parceiras dos profissionais desde o nascimento das crianças até ao fim da sua escolaridade. A participação das famílias favorece a integração das crianças, sendo os primeiros contactos fundamentais para esclarecer e compreender as preocupações dos pais e familiares, que também vivenciam e sentem a separação da criança no contexto escolar (Silva et al., 2016).

Neste sentido, o momento do acolhimento assume uma importância particular, pois é um período em que esta interação entre famílias e escola se torna evidente. Durante este momento, as famílias entram na sala, interagem com as crianças, com a educadora e com a auxiliar, e, progressivamente, também comigo. Este contacto diário permite que os

familiares deixem as crianças na sala com maior tranquilidade, observando o seu bem-estar e garantindo uma separação mais serena.

Enquanto estagiária tentei sempre ter em conta o contexto familiar e, por isso, defini algumas intenções essenciais para promover a relação entre escola e família. Em primeiro lugar, procurei estabelecer **(i) uma relação de confiança e respeito, proporcionando uma colaboração assente na partilha e na disponibilidade.** Tendo em conta Fuertes (2018), o educador deve utilizar alguns comportamentos eficazes para se relacionarem com os pais, os educadores devem acolher as famílias na sua sala e na sua prática abordando-os pelo nome próprio, com simpatia, devem também partilhar a sua experiência e o seu conhecimento pela educação de infância acolhendo as suas perguntas e sugestões, explicando as vezes que forem necessárias o que faz e a razão pela qual faz, confiando nas famílias ouvindo e respeitando as suas preocupações e valorizando uma comunicação honesta. Posto isto, durante a prática, empenhei-me em estabelecer uma relação positiva com as famílias, estando presente nos momentos de acolhimento e criando oportunidades para interações significativas. Foi através destas trocas que fui fortalecendo os laços com as famílias e promovendo uma colaboração ativa. Em segundo lugar, procurei **(ii) desenvolver uma relação de proximidade através da comunicação,** demonstrando-me sempre disponível para responder a eventuais questões e fornecendo informações sobre as atividades desenvolvidas. Além disso, incentivei o envolvimento e a participação das famílias, garantindo que estivessem a par das dinâmicas da sala.

Desta forma, surgiu uma terceira intenção, **(iii) incentivar as famílias a serem agentes ativos na educação dos filhos.** Para isso, planeei e implementei atividades que permitissem a participação ativa dos familiares. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016), "(...) a participação dos pais/famílias em reuniões ou em atividades da sala, bem como das relações com parceiros da comunidade é fundamental para o processo educativo" (p. 14). Assim, criei oportunidades para que as famílias se envolvessem na dinâmica da sala, reforçando a parceria entre o contexto escolar e familiar. Um exemplo desse envolvimento pode ser observado na seguinte nota de campo:

"Eu, nesta manhã, estive também com a educadora a planificar o mês de dezembro, abordando o Natal e o projeto dos avós e criando momentos em que se interligassem." (NDC134)

Por fim, estabeleci uma quarta intenção, (iv) **promover a participação dos avós no processo educativo das crianças, reconhecendo o papel único que desempenham na sua vida.** A presença ativa dos avós no contexto educativo contribui para a criação de experiências intergeracionais significativas, nas quais se promove a partilha de afetos, saberes e vivências. Como defende Silva (2012), "a coexistência de várias gerações, em que identificamos o convívio intergeracional como algo benéfico, [...] pode ser estimulada com a perspectiva de um enriquecimento mútuo, através da troca de afeto e conhecimentos e de comunicação entre as gerações" (p. 70). Acredito que os avós, pela sua experiência e sabedoria, têm muito a oferecer no contexto escolar, e a sua presença pode enriquecer a aprendizagem, fortalecendo os vínculos afetivos entre as gerações. Para concretizar esta intenção, e em conversa com o grupo e educadora considerámos relevante convidar os avós a estarem presentes na sala, proporcionando-lhes a oportunidade de partilhar histórias, experiências e conhecimentos com as crianças.

"Eu e a educadora falámos com o grupo e concordámos todos que seria interessante fazer um projeto que envolvesse os avós, uma vez que estes estão bastante presentes na vida das crianças."(NDC129)

A minha intenção foi garantir que os avós não fossem apenas observadores, mas participantes ativos, colaborando em momentos de partilha de tradições familiares, vivências e atividades. A inclusão dos avós nas atividades fortaleceu as relações intergeracionais e proporcionou momentos de aprendizagem valiosos para as crianças e para os próprios avós. Esta iniciativa revelou-se enriquecedora, promovendo a participação ativa das famílias e, em particular, dos avós, no quotidiano das crianças, valorizando a sua importância no percurso educativo e afetivo dos netos.

3.1.3. Intenções para com a equipa educativa

Tendo em conta Silva et al., (2016) percebe-se o ambiente educativo como um “(...) contexto facilitador do processo de desenvolvimento e aprendizagem de todas e cada uma das crianças, de desenvolvimento profissional e de relações entre os diferentes intervenientes” (p.5).

A comunicação eficaz entre os profissionais de educação é essencial para assegurar uma prática colaborativa e cooperativa que beneficie o ambiente educativo. Covey (2000) destaca a importância de uma equipa caracterizada pela comunicação aberta, baseada na confiança e no apoio mútuo, onde a colaboração, a cooperação e a solidariedade sejam valores fundamentais.

De acordo com Roldão (2007), o trabalho colaborativo “permite alcançar melhor os resultados visados, com base no enriquecimento trazido pela interação dinâmica de vários saberes específicos e vários processos cognitivos em colaboração” (p.27).

Tendo em conta esta perspetiva, e após consultar a Carta de Princípios para uma Ética Profissional da Associação de Profissionais de Educação de Infância (2011), estabeleci quatro intenções fundamentais para o meu desempenho enquanto futura educadora: **(i) estabelecer uma relação de respeito, confiança e partilha de conhecimentos com a equipa educativa da sala; (ii) desenvolver uma atitude colaborativa e prestável com a equipa educativa; (iii) respeitar e considerar todos os princípios e metodologias adotadas pela equipa; (iv) participar de forma ativa no planeamento e na implementação de atividades.**

Ao longo da minha Prática Profissional Supervisionada II, mantive uma relação próxima com a educadora cooperante e com toda a equipa educativa. Este acompanhamento constante proporcionou-me uma visão clara sobre a importância da cooperação no contexto educativo. Desde o início, demonstrei interesse e empenho em todas as atividades realizadas na sala, partilhando ideias e reflexões que não só contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional, mas também para a melhoria das práticas pedagógicas implementadas no grupo.

Senti sempre um forte compromisso por parte da equipa educativa, que me acolheu de forma calorosa e fez-me sentir verdadeiramente integrada como membro do

grupo de trabalho. Essa experiência ajudou-me a compreender a importância de definir intenções específicas para o trabalho em equipa, pois a relação entre os membros da equipa educativa é um dos pilares fundamentais para o bom funcionamento do ambiente pedagógico. Através da seguinte nota de campo, é possível observar o trabalho colaborativo que fui desenvolvendo ao longo da minha prática profissional:

"Quando chegámos à biblioteca, eu, a auxiliar e a educadora dividimos tarefas. A educadora apontava os livros escolhidos enquanto a auxiliar e eu íamos chamando as crianças e auxiliando na escolha dos livros."
(NDC28)

Além disso, participei em reuniões semanais com a educadora cooperante, que consistiram em conversas informais, mas extremamente proveitosas para ambas as partes. Estes momentos de partilha permitiram-nos refletir em conjunto sobre situações do quotidiano, promovendo uma análise crítica das práticas realizadas. Para mim, estas reuniões foram particularmente valiosas, pois ajudaram-me a melhorar o meu desempenho, a clarificar dúvidas e a consolidar aprendizagens. Por outro lado, acredito que também foram enriquecedoras para a educadora, pois proporcionaram uma troca de perspetivas que fortaleceram o nosso trabalho colaborativo.

A colaboração, o respeito e a partilha revelaram-se elementos essenciais para o sucesso da prática educativa e para a criação de um ambiente harmonioso, beneficiando tanto os profissionais como as crianças e as suas famílias. Assim, considero fundamental a existência de uma comunicação eficaz entre os profissionais, promovendo uma prática cooperativa e coesa, orientada para um ensino de qualidade.

Ao longo da PPS III, foi possível observar, compreender e admirar o ambiente de respeito, complementaridade e partilha vivido na sala. Como referido por Post e Hohmann (2011, p. 306), “quando as equipas de educadores partilham o espaço, as observações e as ideias (...) passam a confiar e a depender umas das outras para apoio e aconselhamento”. Esta dinâmica colaborativa fortalece não só o trabalho em equipa, mas também a qualidade das interações e aprendizagens no contexto educativo.

3.2. Processos de Intervenção

No âmbito da minha prática profissional supervisionada II, procurei promover estratégias pedagógicas que favorecessem a interação intergeracional, criando oportunidades de partilha e cooperação entre os diferentes intervenientes do processo educativo. Durante esta prática, tive em consideração todas as intenções designadas no capítulo anterior. Com base nos objetivos delineados para a presente investigação, a minha intervenção centrou-se na criação de momentos estruturados e espontâneos que permitissem o envolvimento ativo das famílias e dos idosos na vida das crianças da sala. Para tal, tive sempre em conta a organização do ambiente educativo, as necessidades do grupo e os princípios pedagógicos adotados pela instituição. Deste modo, valorizei também os princípios defendidos pelo Movimento da Escola Moderna, uma vez que é o modelo implementado pela instituição e que está alinhado com a prática adotada pela educadora da sala. Ao longo da PPSII, fui acompanhando as práticas pedagógicas adotadas, com o intuito de alinhar as minhas intervenções aos princípios deste modelo educativo.

Para além disso, valorizei a observação e a escuta ativa das crianças, que se tornaram essenciais para uma compreensão mais profunda das suas necessidades. Tal como define Parente (2012), a observação permite conhecer melhor as crianças e as suas particularidades, enquanto a escuta ativa ajuda a perceber as suas mensagens mais implícitas, muitas vezes expressas por gestos, comportamentos ou interações com o ambiente e com os outros.

A prática da observação foi complementada por momentos de reflexão diária e semanal, nos quais registava as minhas observações em notas de campo. Como afirmam Hohmann e Weikart (2009), o “pensar reflexivo” sobre as observações das crianças permite ao educador perceber detalhes que poderiam ter sido ignorados à primeira vista, relacionando novas informações com o que já se sabe sobre a criança e especulando sobre possíveis significados. Este processo de reflexão foi essencial para ajustar as minhas intervenções pedagógicas, de forma a tornar o ambiente mais recetivo às necessidades

das crianças. Através dessas reflexões, questionava constantemente a minha prática, confrontava a teoria e procurava identificar melhorias a implementar.

Um dos aspetos centrais da minha prática foi a realização de conversas informais e reuniões com a educadora, o que me permitiu compreender a sua visão sobre a importância das relações intergeracionais no contexto educativo, bem como sobre outros aspetos do quotidiano. Discutíamos diariamente o que tinha acontecido e refletíamos juntas sobre o que poderíamos fazer para melhorar. Estes diálogos ajudaram a estruturar melhor as atividades propostas e a identificar estratégias para incentivar uma participação mais ativa das famílias. Assim, pude mapear diferentes atividades que fomentassem este envolvimento, avaliando o seu impacto através de registos fotográficos, notas de campo e observação direta. Após a realização das atividades, refletia novamente sobre o meu desempenho e sobre o das crianças.

Além disso, no que diz respeito à avaliação das atividades, é importante frisar que esta não deve estar centrada apenas no produto final alcançado pelas crianças, mas sim no processo que levou até esse resultado (Parente, 2015). Por isso, enquanto realizava as atividades, ia observando e escutando o grupo, para depois redigir as notas de campo. Em colaboração com a equipa educativa, também fazíamos registos que nos permitiam, em conjunto, refletir e identificar oportunidades para aprofundar determinadas competências nas crianças. De facto, a avaliação das crianças nunca se centrou apenas nos momentos das atividades, mas sim no conjunto de registos recolhidos nesses momentos e em todos os outros vividos no dia a dia da rotina do grupo. Nestes registos, refletíamos sobre “o que fizemos” e “o que queremos fazer”, garantindo que as experiências desenvolvidas estivessem alinhadas com os objetivos propostos e que houvesse um progresso contínuo. Tendo em conta Cardona (2017), os educadores devem realizar reflexões contínuas ao longo do ano, com o intuito de recolher informação essencial para adaptar o seu planeamento ao grupo, conseguindo assim apoiar da melhor forma possível o processo de aprendizagem e desenvolvimento holístico de cada criança.

De acordo com Parente (2015), os portefólios reflexivos constituem uma ferramenta essencial no processo de formação e prática pedagógica, permitindo documentar, registar e estruturar os processos de aprendizagem, tanto das crianças como dos próprios educadores. Esta “estratégia de avaliação autêntica” implica a participação da criança,

valorizando a sua voz, conferindo-lhe o espaço e liberdade para decidir e assumir responsabilidades sobre as suas aprendizagens (Silva & Craveiro, 2014, p. 1). Neste sentido, um dos elementos essenciais do meu processo de intervenção foi a realização de um portefólio individual de uma criança, onde acompanhei de perto o seu desenvolvimento. Esta criança entrou mais tarde na sala de atividades e foi, gradualmente, ganhando confiança e autonomia nas suas interações, demonstrando um crescente interesse pelas dinâmicas de grupo e pelas interações com os adultos e com os idosos. Este acompanhamento permitiu compreender, de forma mais aprofundada, o impacto positivo que a presença dos idosos pode ter no desenvolvimento infantil, nomeadamente na construção da identidade e na valorização da experiência e sabedoria das gerações mais velhas.

A experiência ao longo desta prática reforçou a minha convicção de que a relação entre crianças, famílias e idosos deve ser valorizada e promovida no contexto educativo. Pascoal et al., (2019) evidencia precisamente o valor das atividades intergeracionais, salientando que estas contribuem para a valorização das pessoas mais velhas e promovem o desenvolvimento integral das crianças. Estas experiências favorecem a construção de vínculos afetivos, o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, e o reconhecimento da importância das diferentes gerações na construção de uma comunidade mais inclusiva. A participação ativa da família no processo educativo das crianças é essencial para o seu desenvolvimento emocional e social, pois, como destaca Almeida (2016), "a colaboração entre família e escola contribui para o fortalecimento da identidade da criança e a promoção de valores como a responsabilidade e o respeito mútuo" (p. 45). Posto isto, o envolvimento das famílias e dos idosos na vida da sala não só fortaleceu a ligação entre gerações, como também proporcionou às crianças oportunidades enriquecedoras de aprendizagem, onde o respeito, a cooperação e a partilha de experiências se tornam fundamentais para o seu crescimento pessoal e social. Assim, concluo que uma educação verdadeiramente inclusiva e participativa deve considerar a comunidade como um todo, criando pontes entre as diferentes gerações e promovendo um ambiente educativo onde todos têm um papel ativo na construção do conhecimento e das relações humanas.

4. INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

| ' ' | | ' ' |

Neste capítulo, são apresentados e analisados os dados coligidos, tendo em consideração as opções metodológicas e éticas adotadas na reflexão sobre a problemática que sustenta esta investigação. Esta problemática foi identificada no contexto do Jardim de Infância onde realizei a minha Prática Profissional Supervisionada II (PPSII).

Além disso, defini um conjunto de princípios éticos que orientaram todo o processo de recolha e análise dos dados. No entanto, antes de abordar estes aspetos, justifiquei a escolha da temática de investigação, apresentei os objetivos delineados e elaborei uma revisão da literatura que sustenta a problemática em estudo.

Deste modo, este capítulo organiza-se em quatro subcapítulos principais: (i) identificação e fundamentação da problemática; (ii) revisão da literatura sobre a temática em análise; (iii) opções metodológicas e princípios éticos adotados na investigação; e (iv) apresentação e discussão dos dados recolhidos.

4.1. Identificação da problemática

A escolha do presente tema emergiu de uma observação atenta e sistemática do contexto educativo onde decorreu a minha Prática Profissional Supervisionada II (PPSII). Este contexto revelou-se particularmente rico no que respeita à relação entre gerações, sobretudo entre crianças e idosos, o que suscitou em mim uma reflexão aprofundada sobre a importância das interações intergeracionais no ambiente educativo.

A instituição onde realizei o estágio mantém uma parceria ativa com um centro de dia local, que permite a presença regular de idosos no espaço socioeducativo. Esta colaboração resulta numa dinâmica de partilha onde, por vezes, é o próprio centro de dia que propõe atividades conjuntas, e noutras ocasiões são as diversas salas da organização socioeducativa que tomam a iniciativa de envolver os idosos em projetos e momentos significativos. Estas atividades partilhadas que incluem jogos, conversas, experiências artísticas, musicais e culinárias possibilitam momentos de interação autêntica e enriquecedora entre as crianças e os idosos.

Além desta parceria formal, existe também uma relação de proximidade com um lar de idosos situado perto da instituição, o que facilita contactos frequentes e promove

um maior envolvimento da comunidade na vida da instituição. Paralelamente, a presença diária de diversos avós que acompanham os netos ao chegar e sair da instituição reforça a importância da figura dos avós no cotidiano das crianças. Esta presença não se resume ao aspecto logístico, mas está também fortemente enraizada nas vivências das crianças, que frequentemente falam sobre os avós, partilham histórias e descrevem momentos significativos passados com eles, revelando uma ligação emocional profunda. Esta dimensão torna-se visível também nos registros do cotidiano educativo. O seguinte excerto da nota de campo n.º 167, datada de 7 de janeiro, ilustra de forma clara esta proximidade intergeracional:

“Na reunião do dia hoje falámos sobre o avô de uma menina que veio à sala contar como era o seu Natal” (NDC167).

Este episódio não é um caso isolado, é exemplo concreto de como a instituição valoriza e integra os avós nas dinâmicas da sala, promovendo momentos de partilha que aproximam gerações e enriquecem a vivência das crianças.

A conjugação destes fatores, tanto como a parceria com o centro de dia, a proximidade de um lar de idosos e o envolvimento frequente dos avós, tornou evidente a relevância das relações intergeracionais na dinâmica socioeducativa desta organização.

Mais do que uma curiosidade pedagógica, esta realidade suscitou em mim um verdadeiro interesse investigativo, levando-me a questionar qual a perceção das famílias, da educadora e diretora relativamente à construção de parcerias em contexto de jardim de infância. Para além disso, uma das questões centrais da minha reflexão prende-se com os benefícios que os momentos de partilha entre crianças e idosos podem representar.

Segundo Arsénio (2018), a relação com os avós é portadora de valores, memórias e experiências que ligam o passado e o presente, sendo uma mais-valia para a construção da identidade da criança. Assim, esta investigação procura compreender o impacto das relações intergeracionais no quotidiano do jardim de infância, bem como as perceções de todos os intervenientes quanto ao valor destas interações.

Com base neste enquadramento, definiram-se os seguintes objetivos: (i) Compreender as perceções das famílias, da diretora e da educadora acerca da importância da construção de parcerias com as famílias em contexto de jardim de infância; (ii) Sinalizar e caracterizar as práticas e atividades que a organização

socioeducativa promove para incentivar a participação e envolvimento das famílias; (iii) Analisar as potencialidades do convívio intergeracional para o bem-estar e desenvolvimento das crianças; (iv) Sinalizar e caracterizar as práticas e atividades que a organização promove com vista à promoção de relações entre crianças e idosos; (v) Analisar as percepções das crianças e dos avós sobre as relações que estabelecem entre si.

4.2. Revisão da literatura sobre a problemática identificada

4.2.1. A participação e o envolvimento da família no ambiente educativo;

O envolvimento das famílias no percurso educativo das crianças é um processo fundamental que exige esforço e responsabilidade por parte de todos os intervenientes. De acordo com Mata e Pedro (2021), as famílias assumem um papel essencial no apoio à aprendizagem, sendo parceiras dos profissionais desde o nascimento das crianças até à conclusão da sua escolaridade. Esta relação de parceria contribui significativamente para o desenvolvimento integral da criança, uma vez que permite a continuidade entre os contextos familiar e escolar, reforçando a segurança emocional e o sentimento de pertença.

Além disso, a participação ativa das famílias na vida escolar favorece a integração das crianças e fortalece a sua motivação para aprender. Segundo Silva et al. (2016), os primeiros contactos estabelecidos entre a escola e a família são cruciais para compreender as preocupações dos pais e para garantir uma adaptação mais harmoniosa da criança ao ambiente educativo.

De acordo com Mata e Pedro (2021), o envolvimento das famílias no ambiente educativo traduz-se em inúmeros benefícios, contribuindo para a valorização do papel das famílias e das suas vivências quotidianas no contexto familiar. Esta participação ativa possibilita que as crianças fortaleçam os laços afetivos com os seus familiares,

promovendo um maior sentido de segurança e bem-estar emocional, sendo estes fatores essenciais para o seu desenvolvimento integral.

Para além disso Mata e Pedro (2021), referem que a colaboração entre educadores e famílias potencia um ambiente mais consistente entre a escola e o lar, promovendo a continuidade das aprendizagens e uma maior coerência nos valores e estratégias educativas. Esta relação é vantajosa também para os profissionais de educação, uma vez que lhes proporciona um conhecimento mais aprofundado das dinâmicas familiares, das necessidades específicas de cada criança e das potencialidades do seu contexto.

É importante referir uma perspetiva de Epstein, (2010), este autor destaca que a forma como as escolas cuidam das crianças também reflete a forma como cuidam das famílias, salientando que, quando os educadores olham para os alunos apenas como estudantes, tendem a separar a família da escola. Porém, se os alunos forem vistos como crianças, famílias e comunidade são considerados parceiros da escola na educação e desenvolvimento infantil.

Deste modo, torna-se imprescindível que as organizações socioeducativas de educação de infância incentivem práticas colaborativas, criando oportunidades de diálogo e envolvimento familiar em atividades pedagógicas.

4.2.2.Desafios e barreiras na relação entre a escola e a família;

A colaboração entre a escola e a família é essencial para o sucesso educativo das crianças. No entanto, esta parceria enfrenta diversos desafios que podem comprometer a sua efetividade. Os autores Tavares & Nogueira (2013), consideram que embora a cooperação entre a organização socioeducativa e as famílias, contribua significativamente para o processo de aprendizagem, nem sempre ocorre de forma harmoniosa, podendo, em alguns casos, gerar conflitos. Para que a relação seja verdadeiramente eficaz, é fundamental que escola e a família se reconheçam como agentes complementares no percurso educativo das crianças, estabelecendo uma parceria sólida de cooperação.

De acordo com Mata e Pedro (2021), um dos principais obstáculos nesta colaboração, reside no facto de as organizações socioeducativas nem sempre refletirem profundamente sobre a importância e as dinâmicas do envolvimento parental no contexto escolar. Esta lacuna pode traduzir-se em práticas institucionais pouco eficazes na promoção da articulação entre ambos os contextos.

Para além disso, existem fatores externos e subjetivos que dificultam esta relação. O **distanciamento social**, frequentemente associado à falta de tempo e à sobrecarga profissional dos encarregados de educação, reduz a disponibilidade para um envolvimento ativo na vida escolar das crianças. A pressão do mundo laboral, caracterizada por horários exigentes e instabilidade profissional, limita as oportunidades de participação das famílias nas atividades escolares, contribuindo para um sentimento de **afastamento da instituição educativa**.

Outro desafio significativo está relacionado com a **ausência de um espaço de diálogo** contínuo entre os profissionais da educação e as famílias. A inexistência de uma comunicação eficaz pode dificultar a construção de uma relação de confiança e cooperação mútua, levando a interpretações erradas das expectativas e preocupações de ambas as partes. Por isso, o envolvimento parental tende a ser esporádico e meramente formal, em vez de refletir uma participação ativa e significativa.

Além disso, as experiências passadas dos encarregados de educação relativamente ao seu próprio percurso escolar influenciam, frequentemente, a forma como se relacionam com a escola dos seus filhos. Para algumas famílias, memórias negativas do seu trajeto académico podem gerar sentimentos de desconfiança ou resistência face à organização socioeducativa, levando a um envolvimento mais distante e reticente.

Neste sentido, é essencial que as escolas adotem práticas inclusivas e estratégias inovadoras que promovam uma relação mais próxima, aberta e colaborativa com as famílias. Mata e Pedro (2021) sublinham ainda a importância de sensibilizar os encarregados de educação para o seu papel ativo na educação das crianças. O fortalecimento da parceria entre escola e família deve assentar numa relação de respeito mútuo, onde os pais e outros cuidadores sejam reconhecidos como elementos fundamentais no processo educativo. Para tal, é crucial que a organização socioeducativa incentive momentos de partilha, formação parental e um diálogo contínuo, ajudando as

famílias a compreenderem a relevância do seu envolvimento no sucesso acadêmico e pessoal das crianças.

4.2.3.A organização socioeducativa e o educador como impulsionadores da relação entre a escola e a família;

As organizações socioeducativas, assim como os educadores, desempenham um papel essencial na promoção e no fortalecimento da relação entre a escola e a família. Enquanto principais impulsionadores desta parceria, assumem a responsabilidade de criar um ambiente baseado na colaboração e no respeito mútuo entre todos os intervenientes no processo educativo. Neste contexto, cabe ao educador estar atento às diferentes condicionantes que influenciam a relação com as famílias, procurando fortalecê-la de forma contínua. A participação das famílias não deve ser vista apenas como um complemento ou um apoio à ação do educador, mas como um elemento ativo no processo educativo. Como referem os autores Mata e Pedro (2021), os encarregados de educação devem ser considerados "alguém que desafia, questiona, tem ideias válidas e que pode contribuir significativamente para o seu crescimento profissional, para o desenvolvimento de novas competências e para uma resposta educativa de qualidade" (p. 83).

Para que esta parceria seja eficaz, é fundamental que o educador promova uma comunicação clara e assertiva, baseada na confiança e na proximidade com as famílias. Conhecer as suas expectativas, valores, cultura e história de vida permite construir uma relação de cooperação mútua, onde todos trabalham em conjunto para o desenvolvimento integral da criança. Como destaca Folque (2019), esta colaboração entre educadores e famílias constitui um fator determinante para o sucesso educativo das crianças, garantindo um percurso escolar mais enriquecedor e significativo.

Segundo Fuertes (2020), uma parceria eficaz entre a escola e a família deve assentar em cinco aspetos fundamentais, tais como: a **comunicação, compromisso, valorização, confiança e respeito**.

A **comunicação** deve ser positiva, construtiva e respeitosa, garantindo que todas as partes envolvidas sintam que as suas opiniões são consideradas. Para ser eficaz, deve

ser frequente e centrada nas necessidades reais das crianças e das famílias, assentando na escuta ativa, na reflexão e num planeamento adequado. A transparência e a coerência na comunicação são essenciais para evitar mal-entendidos e fortalecer a confiança entre educadores e famílias.

O **compromisso**, por sua vez, deve ser flexível e ajustado às particularidades de cada criança e família, reconhecendo que cada núcleo familiar enfrenta desafios distintos. As organizações socioeducativas e os educadores devem manter as promessas realizadas, demonstrando disponibilidade e apoio total, sempre que necessário. A consistência e a confiança são fundamentais para criar um sentimento de segurança e envolvimento mútuo.

A **valorização** é outro aspeto essencial, pois todos é importante que todos os membros desta parceria se sintam reconhecidos e competentes no seu papel educativo. Valorizar ativamente as famílias implica não apenas reconhecer as suas capacidades e conhecimentos, mas também fomentar uma cultura de equidade e inclusão, garantindo que todas as famílias tenham oportunidades de participação.

A **confiança** é um pilar essencial desta relação, devendo basear-se no caráter, na competência e na honestidade dos membros da parceria. Para que esta confiança se estabeleça, os educadores devem demonstrar profissionalismo, ética e dedicação, transmitindo segurança às famílias e reforçando a sua credibilidade enquanto agentes educativos.

Por fim, o **respeito** deve estar presente em todas as interações entre o ambiente educativo e a família, manifestando-se na forma como comunicam e nas ações desenvolvidas em conjunto. O educador e a instituição devem adotar uma postura empática, compreendendo as diferentes realidades familiares e evitando julgamentos ou discriminações.

De acordo com Fuertes (2018), os educadores devem adotar estratégias eficazes na relação com as famílias, promovendo um acolhimento caloroso e próximo. Para isso, devem receber as famílias com simpatia, tratá-las pelo nome e criar um ambiente de confiança. Além disso, é essencial que os educadores partilhem o seu conhecimento e experiência na educação de infância, esclarecendo dúvidas e ouvindo ativamente as preocupações das famílias. A explicação clara dos princípios pedagógicos subjacentes às

práticas educativas contribui para um maior envolvimento dos encarregados de educação no percurso escolar das crianças.

Deste modo, a construção de uma parceria sólida entre escola e família requer um esforço contínuo por parte dos educadores e das organizações socioeducativas, que devem adotar estratégias baseadas na **comunicação** eficaz, no **compromisso**, na **valorização**, na **confiança** e no **respeito**. Apenas através do reconhecimento mútuo e da cooperação será possível criar um ambiente educativo harmonioso e enriquecedor, onde as crianças possam desenvolver-se plenamente com o apoio tanto da instituição educativa como das suas famílias.

4.2.4. Relações intergeracionais para o desenvolvimento infantil;

As relações intergeracionais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças. Conforme Oliveira (2011), estas relações podem ser compreendidas como vínculos estabelecidos entre duas ou mais pessoas de idades distintas e em diferentes estádios de desenvolvimento, que permitem o cruzamento de experiências, saberes e afetos, contribuindo para a construção da unidade dentro da multiplicidade geracional. A relação entre avós e netos exemplifica, assim, este intercâmbio intergeracional, sendo reconhecida como uma das práticas mais antigas da civilização.

No contexto da educação e do cuidado, as relações intergeracionais assumem uma importância ainda maior. De acordo com Souza (2016), a interação entre gerações não é apenas um espaço de convívio, mas sobretudo um espaço educativo onde se desenvolvem práticas de cuidado mútuo e aprendizagem compartilhada. Os avós estabelecem com os seus netos relações intergeracionais, transmitindo não só conhecimentos culturais e familiares, mas também valores éticos e sociais que contribuem para o crescimento integral da criança.

Vieira (2010) destaca que a implementação de programas intergeracionais tem vindo a crescer um pouco por todo o mundo, revelando-se uma estratégia eficaz para fomentar o contacto e a colaboração entre diferentes gerações. Estes programas estruturam ambientes onde o conhecimento, a experiência e o afeto são partilhados de forma sistemática, promovendo o desenvolvimento integral das crianças e simultaneamente valorizando a experiência de vida dos idosos. Através destas iniciativas, é possível contrariar o isolamento social dos idosos e, ao mesmo tempo, enriquecer a educação das crianças pelo contacto direto com as memórias, histórias e saberes dos mais idosos.

Segundo Barros (1987), a verdadeira dimensão das relações intergeracionais ganha relevo quando os avós assumem o papel ativo de transmissores de conhecimentos e experiências acumuladas ao longo da vida. Durante a primeira infância, período crucial para a construção da identidade e do sentimento de pertença, a interação com os avós pode proporcionar à criança um ambiente emocionalmente seguro, onde se sente valorizada e integrada na continuidade familiar e cultural. Este contacto favorece a construção de uma identidade sólida, permitindo à criança reconhecer-se como parte de uma linhagem familiar com história, valores e tradições. Barros (1987) destaca ainda que a sabedoria e a experiência acumulada pelos avós tornam-se recursos valiosos para o enriquecimento do universo cognitivo e afetivo das crianças.

Por último, sublinha-se que a educação e o cuidado nas relações intergeracionais são componentes indispensáveis para a construção de sociedades inclusivas, solidárias e sustentáveis. Souza (2016) reforça que promover estas relações, é garantir que as crianças crescem numa rede de suporte que valoriza a história, a cultura e o afeto, fomentando aprendizagens significativas e a construção de laços familiares e sociais duradouros.

Além disso, Oliveira (2011) e Vieira (2010) salientam que o fortalecimento dos laços afetivos e a implementação de programas intergeracionais contribuem decisivamente para o bem-estar emocional das crianças e para a valorização da população sénior, promovendo, assim, a coesão social e comunitária.

4.2.5.O papel dos avós na relação com os netos

Os avós desempenham um papel cada vez mais significativo na vida dos netos, assumindo funções que vão muito além do simples vínculo afetivo. Segundo Coutrim et al. (2018), a convivência próxima entre avós e netos proporciona uma série de aprendizagens essenciais para o crescimento das crianças. Esta relação, para além de transmitir valores e tradições familiares, favorece o desenvolvimento da autonomia, da empatia e da segurança emocional. É especialmente evidente nos contextos em que os avós assumem responsabilidades diretas no cuidado diário dos netos, funcionando como figuras de referência e apoio constante.

Taralho (2015) reforça esta perspetiva ao afirmar que “a relação entre avós e netos pode ser entendida como uma relação de apoio mútuo ou dependência afetiva e financeira, uma vez que os netos dependem economicamente dos avós e os avós dos cuidados dos netos. Os avós contribuem com apoio emocional e financeiro, exercem as funções de aconselhamento e de estabelecimento de regras e limites, contrariando o senso comum sobre a permissividade excessiva dos avós” (p. 46). Assim, a relação entre avós e netos transcende o papel tradicional de afeto e lazer, assumindo um carácter educativo, orientador e, muitas vezes, estrutural para o equilíbrio familiar.

Neste contexto, Ósório et al. (2018) evidenciam que os avós contemporâneos têm vindo a assumir um papel cada vez mais central no quotidiano das famílias, muitas vezes substituindo ou complementando as funções parentais. O estudo realizado por estes autores demonstra que os avós passaram a exercer um papel de referência dentro da estrutura familiar, sendo em muitos casos os principais responsáveis pela criação dos netos. Ainda segundo os autores, o envolvimento dos avós na educação e cuidado das crianças permite criar um ambiente emocionalmente seguro, onde as experiências de vida, os afetos e os saberes se cruzam para favorecer o crescimento das novas gerações, ao assumirem um protagonismo na educação dos netos, os avós tornam-se elementos essenciais na mediação das relações familiares, promovendo segurança e continuidade afetiva. Neste enquadramento, Fuertes (2024) sublinha que os avós participam na educação das crianças de formas múltiplas e diferenciadas, assumindo, em muitos casos, o papel de cuidadores principais. Esta realidade é particularmente evidente em Portugal,

onde é habitual os avós desempenharem funções que vão desde o apoio no acompanhamento escolar, à preparação de refeições, passando pela oferta de momentos de lazer, como passeios ao parque ou participação em atividades culturais. A sua presença constante e a disponibilidade que frequentemente demonstram tornam-se elementos essenciais para o equilíbrio da vida familiar, especialmente quando os pais se encontram sobrecarregados com responsabilidades laborais. Nesse sentido, a autora aborda um conjunto de recomendações pertinentes que visam reforçar o papel dos avós no contexto educativo. Entre estas, destaca-se a importância de conhecer melhor os avós e as suas realidades, promovendo uma aproximação entre gerações. Sugere-se ainda a criação de momentos de partilha e escuta com os avós, aproveitando, por exemplo, os momentos em que deixam ou vão buscar as crianças à escola. Acresce a relevância de partilhar com eles valores e informações sobre educação, saúde ou alimentação, bem como de os incluir ativamente nas iniciativas pedagógicas, mesmo quando manifestam visões distintas das mais contemporâneas.

Ainda para Fuertes (2024), o currículo educativo deve reconhecer a família como um eixo central do processo de aprendizagem e do bem-estar das crianças, sendo os avós, em muitos casos, uma das figuras familiares mais presentes e influentes. Integrá-los no quotidiano pedagógico pode traduzir-se num enriquecimento significativo da experiência educativa das crianças, enquanto se valoriza a história, a memória e a continuidade entre gerações. Num contexto em que os profissionais de educação têm vindo a investir na participação ativa de pais e mães, alargar esse compromisso aos avós representa não só um desafio pedagógico, mas também uma oportunidade profundamente humana e transformadora.

Em síntese, os avós assumem hoje um papel de elevada relevância enquanto agentes educativos e afetivos, contribuindo de forma estruturante para a formação das crianças e para a coesão das famílias. Reconhecer e valorizar a sua presença e participação é essencial para a construção de uma abordagem educativa mais inclusiva e intergeracional.

4.3. Roteiro Metodológico e Ético

No presente subcapítulo serão apresentadas as opções metodológicas e éticas referentes à problemática emergente da Prática Profissional Supervisionada II (PPSII). Serão ainda referidos os participantes envolvidos no estudo.

É importante referir que o grupo onde realizei a minha PPSII, é constituído por 25 crianças, das quais 13 meninas e 12 meninos com idades compreendidas entre os 2 e 5 anos. Tal como podemos verificar na tabela presente no cf. Anexo P, no início da minha prática havia uma criança com 2 anos que concluiu os 3 anos em dezembro. Há 14 crianças com 3 anos, 5 crianças com 4 anos e 6 crianças com 5 anos.

Considerando os objetivos delineados, foram definidas as opções metodológicas (natureza da investigação e design metodológico), selecionadas as técnicas e instrumentos de recolha de dados, assim como, as respetivas técnicas de análise e os resultados esperados tal como apresentado no *cf. Anexo E*.

Assim, tendo em conta os objetivos delineados, optou-se por realizar uma investigação assente na metodologia de estudo de caso que, segundo Yin (2001), é uma metodologia que visa a compreensão, através da particularização. Ainda de acordo com o autor, o estudo de caso é utilizado como uma estratégia de investigação na área da educação, permitindo responder a questões como “como” e “porquê”. No contexto desta investigação, o objetivo é compreender de que forma o entrelaçamento de gerações na educação de infância, através de partilhas, vivências e interações pode beneficiar tanto as crianças como os idosos. Ainda, de acordo com Yin (2001), o estudo de caso é um dos métodos utilizados para realizar uma pesquisa em ciências sociais e é considerado uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real.

O presente estudo de caso assenta numa abordagem de natureza qualitativa. Segundo Carmo e Ferreira (2008), numa investigação qualitativa, “o investigador é o “instrumento” de recolha de dados; a validade e a fiabilidade dos dados dependem muito da sua sensibilidade, conhecimento e experiência” (p. 198). Tendo em conta Flick (2009), a pesquisa qualitativa consiste na escolha adequada de métodos e teorias convenientes;

no reconhecimento e análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores como processo de produção de conhecimento na variedade de abordagens e métodos.

No que diz respeito às técnicas e aos instrumentos de recolha de dados, com base nas opções metodológicas salientadas anteriormente, e tal como refere Ketele e Roegiers (1999), esta recolha trata-se de um processo organizado, posto em prática para obter informações através de diversas fontes. A recolha de dados nesta investigação envolveu a utilização de diversas técnicas e instrumentos, permitindo uma análise aprofundada do tema. Entre as técnicas adotadas, destacam-se a observação direta participante, a observação direta não participante, observação indireta observação naturalista. Para estas recorri a instrumentos como a análise documental do Projeto Educativo da organização socioeducativa, para entender de que forma a família está presente na instituição, e para obter um enquadramento mais detalhado sobre a abordagem da instituição à interação entre gerações. Recorri também a notas de campo, registos fotográficos e registos de pequenas frases de forma a documentar as interações e dinâmicas observadas. Deste modo, para registar as várias situações de interação que ocorreram durante as minhas observações diárias de cariz participante, recorri às notas de campo, tendo sido um instrumento fundamental utilizado com mais frequência. No que trata o tema da investigação, selecionei as notas de campo que tinham “registos detalhados, descritivos e focalizados do contexto, das pessoas (...), das sua interações e ações (...) que incluem, ainda (...) material reflexivo” (Máximo-Esteves, 2008, p. 88). Estas observações encontram-se identificadas pela data, local, número de registo, tema, observações se inferências por pistas para planeamento/intervenção.

Além disso, realizei uma entrevista semiestruturada *cf. Anexos C e H* à educadora cooperante e à diretora da organização socioeducativa, norteada por um guião especificamente construído para a presente investigação. Para complementar esta recolha de dados, mantive diversas conversas informais com a educadora, com o objetivo de compreender as suas perspectivas relativamente ao tema.

No que diz respeito às famílias, apliquei um inquérito por questionário através de um formulário, de modo a recolher informações sobre a perceção das famílias em relação à sua presença e à presença dos avós na instituição, num curto espaço de tempo, respeitando simultaneamente o anonimato e a confidencialidade das respostas. Este

instrumento, integrou tanto questões de respostas fechadas, maioritariamente com escalas de concordância como também questões de respostas abertas. As questões de respostas fechadas foram submetidas a tratamento estatístico, designadamente contagem de frequência e as questões de respostas abertas foram sujeitas a análise de conteúdo (Marôco, 2018). É de salientar que a utilização de inquéritos por questionário é uma técnica fortemente associada a estudos de natureza quantitativa; porém, também “pode prestar um importante serviço à investigação qualitativa” (Meirinhos & Osório, 2010, p.62).

Realizei registos informais com base na observação naturalista, centrando a atenção nos momentos em que as crianças expressaram as suas reflexões sobre a visita dos avós à sala. A observação naturalista, conforme defendido Marchão e Henriques (2017), permite uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas espontâneas e das relações que se estabelecem entre as diferentes gerações em contextos educativos. Estes autores enfatizam a importância de ouvir as crianças, reconhecendo-as como participantes ativos na construção do seu conhecimento e nas interações com outros membros da comunidade educativa. Para além disso, realizei uma breve entrevista aos avós que visitaram a sala dos seus netos, centrando-me na questão: "O que significou para si a sua visita e participação no espaço educativo dos seus netos?". Esta questão visou entender a perspetiva dos avós sobre o seu envolvimento nas atividades educativas e a importância do seu papel na vida educativa dos netos. No que diz respeito à perceção das crianças sobre a relação com os avós, realizei também uma breve entrevista com a questão: "O que acham dos avós?", esta questão foi colocada após a leitura da história “Os nossos avós”, de Clara Cunha (2024) fomentando a reflexão e promovendo a discussão sobre o tema. Através dessa questão, procurei captar as opiniões das crianças e compreender o significado que atribuem a esta figura familiar, que está tão presente nas suas vidas.

Os instrumentos utilizados revelaram-se fundamentais para a aplicação eficaz das técnicas de recolha de dados, permitindo obter uma visão abrangente e detalhada sobre o fenómeno estudado.

No que concerne à análise dos dados recorri à análise de conteúdo. A análise de conteúdo permite compreender e interpretar cada registo da mensagem original, desenvolvendo-se em três fases distintas (Bardin, 2009). A primeira fase é a pré-análise,

onde se realiza uma leitura inicial e exploratória do material recolhido, selecionam-se os documentos a analisar e organiza-se o conteúdo a estudar. Segue-se a fase de exploração do material, na qual se definem as unidades de análise e se procede à codificação das informações. Por fim, ocorre o tratamento e interpretação dos resultados, etapa em que os dados são analisados, podendo recorrer-se a operações estatísticas simples ou mais complexas, sendo depois sintetizados com o objetivo de se construírem inferências e interpretações significativas (Bardin, 2006, citada por Silva & Fossá, 2013, p.8).

Tendo em conta, Santos (2012), este refere ainda que esta técnica permite ao investigador juntar “um número significativo de informações organizadas em duas etapas: inventário (onde isolam-se os elementos comuns) e classificação (onde se divide os elementos e impõem-se organização)” (Santos, 2012, p.386)

O quadro que se segue diz respeito ao desenho da investigação e respetivos participantes.

Quadro 1*Desenho da Investigação e Participante*

Investigação da PPSII				
Problemática	Entrelaçar Gerações em Educação de Infância: Vivências, Partilhas e Interações entre Crianças e Idosos numa sala de Pré-Escolar			
Natureza da Investigação	Qualitativa			
Design Investigativo	Estudo de Caso			
Objetivo Geral	Explorar o papel da organização socioeducativa como espaço promotor de partilhas, vivências e interações entre crianças e idosos.			
Objetivos Específicos	Técnicas	Instrumentos de Recolha de Dados	Participantes	Resultados Esperados
-Compreender as perceções das famílias, da diretora e da educadora acerca da importância da construção de parcerias com as famílias em contexto de jardim de infância;	-Observação direta não participante (naturalista); -Entrevista semiestruturada à educadora cooperante; -Entrevista semiestruturada à diretora da organização socioeducativa; -Inquérito por questionário semiestruturado às famílias.	- Guiões de entrevista; -Formulário do questionário.	-Educadora Cooperante; - 24 Famílias; - 25 crianças da sala; - Diretora da organização socioeducativa;	-Identificar as perceções das famílias; da diretora e da educadora acerca da importância da parceria entre a organização socioeducativa e as famílias; -Identificar as perceções das crianças sobre a relação que estabelecem com os avós;
-Sinalizar e caracterizar as práticas e atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a participação e envolvimento das famílias;	-Entrevista semiestruturada à educadora cooperante; -Entrevista semiestruturada à diretora da organização socioeducativa; -Inquérito por questionário semiestruturado às famílias.	-Guiões de entrevista; -Formulário do questionário; - Projeto Educativo.	- 2 avós; - 3 avós.	-Identificar práticas e atividades da organização socioeducativa que promovem

	- Análise documental.			a interação das crianças com as famílias e com os idosos;
-Analisar as potencialidades do convívio intergeracional para o bem-estar e desenvolvimento das crianças.	-Observação direta não participante (naturalista); -Conversas informais; -Entrevista semiestrutura à diretora da organização socioeducativa; -Inquérito por questionário semiestruturado às famílias.	- Guiões de entrevista; -Formulário do questionário; -Notas de Campo.		-Identificar as potencialidades do convívio entre gerações para o bem estar das crianças e dos avós.
-Sinalizar e caracterizar as práticas e atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a relação entre as crianças e os idosos;	-Observação direta não participante (naturalista); -Observação direta participante; -Entrevista semiestrutura à diretora da organização socioeducativa;	-Guiões de entrevista; -Notas de Campo; -Registos fotográficos.		
-Analisar as perceções das crianças e dos avós sobre as relações que estabelecem entre si;	- Observação direta participante; - Conversas informais; -Breve entrevista às crianças centrada apenas numa questão; -Breve entrevista aos avós centrada apenas numa questão.	- Questão central; -Registos informais das respostas das crianças; -Registos informais das respostas dos avós.		

Nota: Fonte Própria

Tendo em conta a minha PPSII defini princípios éticos e deontológicos que considerei indispensáveis para orientar a minha intervenção pedagógica.

Assim sendo, com base no conjunto de princípios éticos e deontológicos para o trabalho de investigação com crianças determinados por Tomás (2011), e na Carta de Princípios dos Associados da APEI para a Tomada de Decisão Eticamente Situada (APEI, 2011), elaborei um roteiro ético *cf. Anexo F* com os princípios pelos quais guiei a minha prática.

Este roteiro foi construído com base nos princípios éticos a seguir enumerados: (i) objetivos do trabalho; (ii) custos e benefícios; (iii) respeito pela privacidade e confidencialidade; (iv) decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir; (v) planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação; (vi) consentimento informado; (vii) uso e relato das conclusões; (viii) possível impacto nas crianças famílias ou equipa; (ix) informação às crianças e adultos/as envolvidos/as; (x) tratamento de dados.

4.4. Apresentação e Discussão dos Resultados

Neste subcapítulo, será apresentada a análise e discussão dos resultados obtidos, sendo a mesma norteadada pelos objetivos delineados para a presente investigação.

Para proceder à análise e organização dos dados recolhidos, incluindo a entrevista realizada à diretora da organização socioeducativa, à educadora cooperante, às crianças da sala T, o inquérito por questionário aplicado às famílias e a grelha de registos das observações e perceções dos netos e dos avós, elaborada ao longo da minha PPS II foram criadas tabelas categoriais *cf. D, I, L, M, N O*. Estas tabelas permitiram estruturar e interpretar a informação de forma sistemática, possibilitando uma análise mais rigorosa e fundamentada das relações intergeracionais e do envolvimento das famílias no contexto educativo.

Paralelamente, foi também realizada uma análise documental ao Projeto Educativo da Organização Socioeducativa, com o intuito de compreender o lugar da família na instituição.

(i) As percepções das famílias, da diretora e da educadora acerca da importância da construção de parcerias com as famílias em contexto de jardim de infância

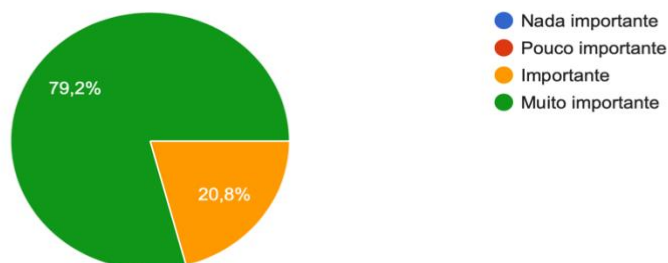
Neste primeiro item irei analisar as percepções das famílias, da diretora e da educadora no que concerne à importância da construção de parcerias com as famílias em contexto de jardim de infância na sala onde realizei a minha PPSII. Para tal, convocam-se os dados do inquérito por questionário, realizados às famílias, e os dados da entrevista semiestruturada à educadora da sala onde realizei a minha prática profissional supervisionada II e ainda os dados da entrevista semiestruturada realizada à diretora da organização socioeducativa.

É importante referir que o inquérito por questionário foi aplicado a 25 famílias sendo que obtive 24 respostas, o que corresponde a uma taxa de retorno de 96%. O gráfico que se segue representa as respostas das famílias ao inquérito por questionário no que concerne a questão “Que importância atribui à relação entre a família e a organização socioeducativa?”

Figura 6

Resposta das famílias à questão: "Que importância atribui à relação entre a família e a organização socioeducativa?"

Que importância atribui à relação entre a família e a organização socioeducativa?
24 respostas



Nota: Fonte Própria

A leitura do gráfico acima permite verificar que das vinte e quatro famílias, 12 (79,2%) consideram que a relação entre a família e a organização socioeducativa é Muito Importante e as restantes 5 famílias (20,8%) consideram esta relação Importante. Os resultados revelam, por conseguinte, que para os sujeitos auscultados, a relação estabelecida entre a família e a organização socioeducativa é visivelmente valorizada.

No decurso desta pergunta, foi solicitado às famílias que justificassem a sua resposta. A análise destes dados encontra-se sintetizada na Tabela Síntese apresentada abaixo e pode ser consultada de forma integral no *cf. Anexo L*. A tabela apresenta a justificação dada pelas famílias à questão anterior “Que importância atribui à relação entre a família e a organização socioeducativa?”. Realizei uma análise das respostas dadas pelas doze famílias que justificaram a sua resposta e dividi as justificações em categorias (i) organização socioeducativa como extensão da família; (ii) relação promotora do bem estar da criança; (iii) alinhamento e consistência entre a organização socioeducativa e família.; (iv) necessidade de uma relação próxima entre a organização socioeducativa e a família; (v) relação promotora do desenvolvimento da criança.

Tabela 1

Síntese da justificação das famílias à questão "Que importância atribui à relação entre a família e a organização socioeducativa?"

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo (exemplos)	Frequência	N.º de Sujeitos
Importância relação família-organização socioeducativa.	Organização socioeducativa como extensão da família	“A organização socioeducativa é uma extensão da família visto que as crianças passam lá o dia praticamente todo.” (...)	3	3
	Relação promotora do bem-estar da criança	“A colaboração entre a escola e a família é importante para o bem estar das crianças.”	1	1
	Alinhamento e consistência entre a organização socioeducativa e a família.	“A escola deve integrar o interesse e a postura da família e vice-versa. Esta consistência ajudará a criança.”	1	1
	Necessidade de uma relação próxima entre a organização socioeducativa e a família.	“Não há sociedade verdadeiramente equilibrada sem uma relação próxima entre os estabelecimentos de ensino e as famílias, sobretudo quando as crianças são mais novas.” (...)	3	3

	Relação promotora do desenvolvimento da criança	“Fundamental para, em conjunto, ajudarmos as nossas crianças a crescerem e aprenderem.”	1	1
--	---	---	---	---

Nota: Fonte Própria

Uma das categorias que mais se destaca é a **necessidade de uma relação próxima entre a organização socioeducativa e a família**, sendo sublinhado por três sujeitos. As famílias reconhecem que ambas desempenham um papel essencial na vida da criança e salientam a importância de um alinhamento entre os dois contextos para garantir um percurso educativo harmonioso. Defendem que a proximidade entre a organização socioeducativa e a família é crucial para o bem-estar e o desenvolvimento infantil, bem como para a construção de uma sociedade equilibrada. Outra categoria relevante refere-se à **organização socioeducativa como extensão da família**, também, sublinhado por três sujeitos. As respostas evidenciam a percepção de que a organização socioeducativa funciona como uma extensão do ambiente familiar, dado que as crianças passam lá grande parte do dia. A **relação promotora do bem-estar da criança** surge igualmente como uma razão para a colaboração entre a organização socioeducativa e a família, ainda que com menor frequência. A resposta associada a esta categoria evidencia a preocupação da família em assegurar que as crianças se sintam seguras, apoiadas e integradas no ambiente educativo, o que realça a importância desta parceria. A categoria **alinhamento e consistência entre a organização socioeducativa e a família** reforça a necessidade de uma articulação entre os valores, interesses e posturas de ambos os contextos. O sujeito destaca a importância de garantir uma abordagem coerente, que permita à criança sentir estabilidade e continuidade entre o ambiente familiar e educativo. Por fim, a categoria **relação promotora do desenvolvimento da criança** sublinha a relevância da colaboração entre a instituição e família para o crescimento e a aprendizagem das crianças. A resposta recolhida nesta categoria evidencia a percepção de que esta parceria contribui de forma significativa para o desenvolvimento integral da criança.

Posto isto, de uma forma geral, os dados analisados mostram que as famílias valorizam a existência de uma relação próxima e colaborativa com a organização socioeducativa. Esta valorização vai ao encontro do que é defendido por Silva et al. (2016), ao afirmarem que, para a construção de um ambiente inclusivo e valorizador da

diversidade, é fundamental que o estabelecimento educativo promova uma ligação próxima com os pais e as famílias, sendo estes, reconhecidos como parceiros no processo educativo.

Através da análise da tabela apresentada abaixo, bem como da tabela completa disponibilizada *cf. Anexo D* da entrevista realizada à educadora, entendi a sua percepção acerca da relação entre a organização socioeducativa e as famílias.

Tabela 2

Síntese das respostas dadas pela educadora cooperante à entrevista semiestruturada realizada

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo
Relação entre a organização socioeducativa e as famílias	Envolvimento e participação das famílias na organização socioeducativa	“Somos uma escola muito aberta, as famílias entram e estão e tem sempre a porta aberta.”
	Estratégias utilizadas pela organização socioeducativa para promover esta relação	“No início do ano é-lhes dado um questionário sobre as perspetivas que eles têm, o que é que gostariam que se desenvolvesse ao longo do ano (...)”
	Potencialidades desta relação	“As crianças ganham sempre com essa abertura e com essa presença da família (...)”
	Dificuldades desta relação	“Os pais não são todos iguais e gerem às vezes as coisas como o filho dele sendo único na turma e não percebem que às vezes temos que funcionar em grupo e acha que o dele é que pode trazer um chupa chupa para comer a meio da manhã e temos que os alertar.”

Nota: Fonte Própria

A educadora enfatiza a importância da construção de parcerias com as famílias no contexto do jardim de infância, considerando que um ambiente educativo aberto e acolhedor contribui de forma significativa para o bem-estar e desenvolvimento das crianças. Refere que esta abertura fortalece os laços entre a organização socioeducativa e as famílias, promovendo maior proximidade e envolvimento parental: “Somos uma escola muito aberta, as famílias entram e estão e têm sempre a porta aberta.”

Segundo a educadora, mesmo as pequenas interações por parte dos pais, têm um impacto positivo nas crianças. Destaca que essa presença promove conforto, segurança e

um sentimento de pertença nas crianças: “a sala não é só minha, é da minha família também.”

Assim, a educadora sublinha que a colaboração entre a instituição e as famílias é essencial para um percurso educativo mais rico e significativo. Acredita que este envolvimento fortalece não apenas o desenvolvimento das crianças, mas também a construção de uma comunidade educativa mais coesa, participativa e inclusiva.

Para compreender a perceção da diretora acerca da importância da construção de parcerias com as famílias em contexto de jardim de infância, foi elaborada uma tabela categorial, apresentada em forma de síntese abaixo e na sua versão completa no *cf. Anexo I*, com base na entrevista realizada. A análise desta informação permitiu identificar a relevância atribuída à relação entre a organização socioeducativa e as famílias e o impacto positivo desta ligação no desenvolvimento das crianças.

Tabela 3

Síntese das respostas dadas pela diretora às questões relacionadas com a Participação e envolvimento das famílias e apoios às famílias

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
Relação estabelecida entre a organização socioeducativa e as famílias	Participação e envolvimento das famílias	<p>“Aqui é assim, a nossa instituição tem no fundo como carisma precisamente a família, nós somos um instituto de vida consagrada, nós somos leigas consagradas e o nosso fim, o nosso carisma é precisamente a família.”</p> <p>“Como é que tudo que seja referente à família referida à família, nós estamos abertas, estamos atentas e tentamos ajudar naquilo que nos é possível, também ajudar.”</p>
	Apoio às famílias	<p>“Olha eu estou a pensar que, nós aqui também, aqui no botãozinho, nós já demos de jantar centenas e centenas de crianças que às vezes ficam para mais tarde e nós também damos-lhe o jantar, eles nunca vão para casa sem comer porque a nossa hora de jantar é às 19h e a essa hora se os pais ainda não vieram, porque têm um acidente na estrada, aconteceu uma reunião mais demorada e os pais não conseguiram vir a tempo e horas e dizem que vão chegar mais tarde e pronto, nós levamos a criança para a nossa sala de jantar e os meninos e até de filhos de funcionárias que não só o jantar mas até o banhinho nós lhe dávamos.”</p>

Nota: Fonte Própria

Através da análise da tabela 3 torna-se evidente que a diretora da organização socioeducativa sublinha a importância central da família na educação das crianças, considerando-a um dos pilares fundamentais da ação educativa da instituição. Destaca que existe uma forte abertura e disponibilidade para apoiar as famílias nas suas necessidades, reconhecendo que o envolvimento familiar contribui para o bem-estar e desenvolvimento harmonioso das crianças, ao reforçar os laços afetivos e criar um ambiente mais seguro e acolhedor.

Para além do envolvimento pedagógico, a diretora evidencia uma dimensão prática e afetiva da relação com as famílias, revelando que a instituição se esforça por responder a situações imprevistas, como cuidar das crianças fora do horário regular, fornecendo refeições ou garantindo cuidados básicos.

Esta perspetiva demonstra uma abordagem humanizada e colaborativa, onde a parceria com as famílias é vista como essencial para o desenvolvimento integral da criança e para o fortalecimento da comunidade educativa.

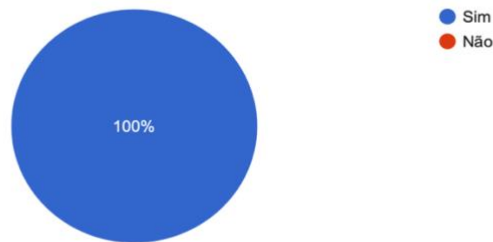
(ii) Práticas e atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a participação e envolvimento das famílias

A organização socioeducativa desenvolve diversas práticas e atividades com o objetivo de promover e incentivar a participação e o envolvimento das famílias. Neste sentido, procurei entender a perspetiva das famílias, relativamente à sua participação e envolvimento nas dinâmicas da instituição.

Figura 7

Resposta das famílias à questão: "Considera que existe uma boa relação entre as famílias e a organização socioeducativa?"

Considera que existe uma boa relação entre as famílias e a organização socioeducativa?
24 respostas



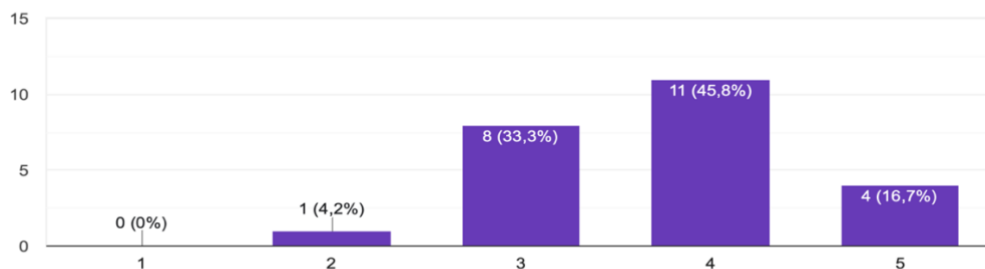
Nota: Fonte Própria

Relativamente à pergunta “Considera que existe uma boa relação entre as famílias e a organização socioeducativa?”, 24 (100%) dos inquiridos responderam afirmativamente, assinalando “Sim”. Este resultado evidencia uma perceção unânime de que existe uma relação positiva entre as famílias e a instituição. Posto isto é perceptível que esta organização socioeducativa desempenha atividades de envolvimento familiar.

Figura 8

Resposta das famílias à questão: "Como avalia a sua participação nas atividades organizadas pela organização socioeducativa"

Como avalia a sua participação nas atividades organizadas pela organização socioeducativa?
24 respostas

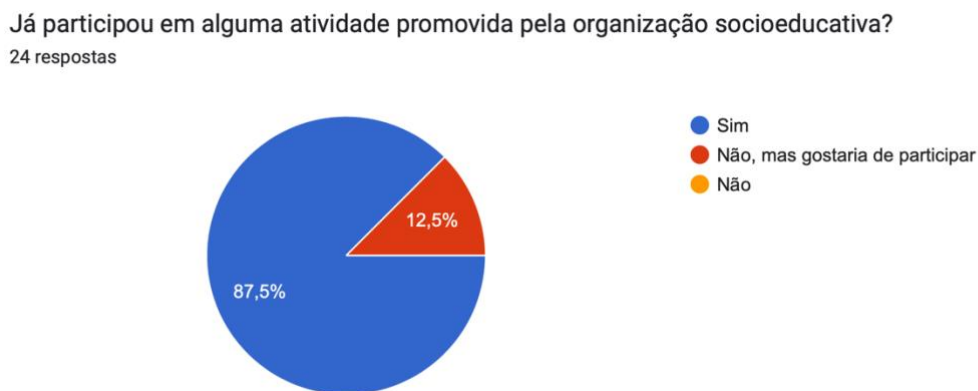


Nota: Fonte Própria

De seguida, procurei compreender a perceção das famílias relativamente ao seu envolvimento nas dinâmicas da instituição, através da questão: “Como avalia a sua participação nas atividades organizadas pela organização socioeducativa?”. Como evidencia o gráfico presente na figura 8, a maioria das famílias 11 (45,8%) atribuiu a pontuação 4, evidenciando um nível elevado de envolvimento, 8 (33,3%), avaliaram a sua participação com 3, indicando um envolvimento moderado. Ainda assim, 4 (16,7%) escolheram a pontuação máxima (5), demonstrando uma participação muito ativa. Apenas 1 (4,2%) inquirido atribuiu a pontuação 2, refletindo uma participação mais reduzida, e nenhum avaliou com 1. Estes resultados indicam que, de um modo geral, as famílias reconhecem e valorizam as iniciativas desenvolvidas pela instituição, participando ativamente nas dinâmicas propostas.

Figura 9

Resposta das famílias à questão “Já participou em alguma atividade promovida pela organização socioeducativa?”



Nota: Fonte Própria

O gráfico apresentado na Figura 9 refere-se à questão sobre a participação das famílias em atividades promovidas pela organização socioeducativa. A análise dos dados revela que a maioria dos inquiridos 21 (87,5%) já participou em pelo menos uma atividade, o que demonstra um elevado nível de envolvimento familiar. Ainda assim, 3

(12,5%) afirmaram que, embora ainda não tenham participado, gostariam de o fazer no futuro, o que evidencia um interesse latente. Não se registaram respostas que indicassem desinteresse total. Estes resultados sugerem que a organização tem conseguido incentivar a participação das famílias, promovendo um ambiente colaborativo e de proximidade.

Os dados analisados evidenciam que a organização socioeducativa tem conseguido fomentar a participação das famílias através das práticas e atividades implementadas.

Ainda através do inquérito por questionário realizado às famílias procurei entender que atividades as famílias gostavam que fossem promovidas pela organização socioeducativa através da pergunta “Que tipo de atividades gostaria que fossem promovidas para envolver mais as famílias?”. Após analisar as respostas realizei a seguinte tabela categorial com base nas 6 famílias que responderam a esta questão e dividi as justificações em categorias (i) atividades a promover para envolver as famílias em sala; (ii) atividades a promover para envolver as famílias fora do horário laboral; (iii) atividades a promover para envolver as famílias no espaço exterior e (iv) atividades a promover para envolver as famílias.

Tabela 4

Respostas dadas pelas famílias à questão "Que tipo de atividades gostaria que fossem promovidas para envolver mais as famílias?"

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo (exemplos)	Frequência	N.º de sujeitos
Atividades que as famílias sentem que deviam ser promovidas	Atividades a promover para envolver as famílias em sala	“Dias de família em sala” “Algum tipo de atividade entre os vários pais e as crianças que permita conhecer as famílias da sala”	2	2
	Atividades a promover para envolver as famílias fora do horário laboral	“Atividades no horário laboral eu infelizmente nunca poderia participar, mas as vezes algumas sugestões para fazer fora do horário laboral onde pudéssemos ampliar a vivência com mais amiguinhos e pais, seria ótimo” “Mais projetos em que as famílias pudessem participar, mas compreendo	2	2

		que tenham de ser fora do horário de trabalho dos pais e também dos educadores.”		
	Atividades a promover para envolver as famílias no espaço exterior	“Atividades desportivas e de lazer, incluindo no meio da natureza.”	1	1
	Atividades a promover para envolver as famílias	“Não acho que deveria haver mais atividades uma vez que a escola já promove muitas atividades com a família.”	1	1

Nota: Fonte Própria

Algumas das famílias sugerem a realização de “dias de família em sala” e de atividades que permitam um maior conhecimento entre os pais e as crianças, sendo esta uma proposta mencionada duas vezes por dois sujeitos. Outras salientam a importância de iniciativas fora do horário laboral, uma vez que muitas vezes não conseguem participar nas atividades realizadas durante o dia. Além disso, foi referida a necessidade de mais atividades no espaço exterior, nomeadamente desportivas e de lazer na natureza.

Das 24 famílias que responderam ao inquérito por questionário, apenas 6 (25%) se pronunciaram sobre esta questão. Isto sugere que as restantes famílias poderão considerar que a organização socioeducativa já desenvolve atividades suficientes. Além disso, 1 das respostas indica que a organização socioeducativa promove um número adequado de iniciativas, não sendo necessário aumentar a oferta.

Através da análise da entrevista realizada à educadora cooperante *cf. anexo D* também é possível entender as práticas que a mesma utiliza para envolver as famílias.

Tabela 5

Síntese das respostas dadas pela educadora cooperante às questões relacionadas com as estratégias utilizadas para promover a relação entre a organização socioeducativa e a família

Categoria	Subcategoria	Unidade de registo
------------------	---------------------	---------------------------

Relação entre a organização socioeducativa e as famílias	Estratégias utilizadas pela organização socioeducativa para promover esta relação	<p>“No início do ano é-lhes dado um questionário sobre as perspetivas que eles têm, o que é que gostariam que se desenvolvesse ao longo do ano (...)”</p> <p>“Por exemplo temos a hora de trabalho com pais existe 1 hora de trabalhos com os pais e foi divulgado na reunião, escrevem e dizem olha eu gostava de vir contar uma história, ou pode ser uma coisa relacionada com um projeto e com uma família, por exemplo tem algo em casa que se relaciona com o nosso projeto e vêm partilhar as suas aprendizagens e as suas experiências.”</p> <p>“Outra estratégia que eu uso muito e digo sempre venham 5/10 minutos observar com ele e fazer um jogo. “</p>
--	---	--

Nota: Fonte Própria

A educadora cooperante implementa várias estratégias para envolver as famílias, promovendo uma relação próxima e participativa. No início do ano, aplica um questionário para conhecer as suas perspetivas e interesses: “é-lhes dado um questionário sobre as perspetivas que eles têm, o que é que gostariam que se desenvolvesse ao longo do ano”. Esta prática está em consonância com a intencionalidade educativa referida por Silva et al. (2016), que sublinha que a ação do educador é caracterizada por uma reflexão contínua sobre os objetivos e os sentidos das suas práticas pedagógicas, organizada através de um ciclo interativo – observar, planejar, agir e avaliar. Além disso, existe uma “hora de trabalho com os pais”, onde podem contar histórias ou partilhar experiências ligadas aos projetos. Também incentiva as famílias a estarem por momentos curtos na sala “digo sempre, venham 5/10 minutos observar com ele e fazer um jogo”.

A diretora da organização socioeducativa também partilhou através da entrevista *cf. anexo I* algumas das práticas que utiliza para promover esta relação.

Tabela 6

Síntese das respostas dadas pela diretora da organização socioeducativa no que concerne as estratégias utilizadas para promover a relação entre a instituição e as famílias.

Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo
Relação estabelecida entre a organização socioeducativa e as famílias	Estratégias utilizadas para promover a relação entre a instituição e as famílias	“Tentamos também ajudar no acompanhamento de casais, no apoio que possamos dar mesmo às famílias que vêm, aqui à instituição, que trazem os seus filhos e, portanto, todo o bem que nós possamos fazer, nós tentamos realmente sermos uma luz que os pode ajudar a guiar, a conduzir os seus caminhos.”

		<p>“Nós temos um movimento de famílias, pais e filhos que é chamado MLC Movimento Por um Lado Cristão e essas famílias têm, portanto, encontros mensais (...)”</p>
--	--	--

Nota: Fonte Própria

A diretora destaca a importância do envolvimento das famílias na organização socioeducativa, referindo que “a nossa instituição tem no fundo como carisma precisamente a família” e que procuram estar sempre disponíveis para apoiar as famílias naquilo que for possível. Para fortalecer esta relação, implementam estratégias como o acompanhamento de casais e a promoção de encontros mensais através do “Movimento Por um Lado Cristão”, incentivando a participação ativa dos pais e filhos na comunidade educativa.

Para além disso, através da análise documental realizada ao Projeto Educativo (2021-2024), da instituição é perceptível que a família ocupa um lugar central na Missão, Visão e Valores da organização.

Na sua **Missão**, a instituição compromete-se a "promover a família, na sua dimensão social e espiritual, cooperando com esta na educação e no desenvolvimento integral da criança entre os 3 meses e os 6 anos: acolhendo, respeitando, inovando, na procura constante de um serviço de excelência", evidenciando o papel ativo da família no percurso educativo da criança. Relativamente à **Visão**, a organização socioeducativa pretende "alargar a resposta prestada às famílias, identificando-se enquanto instituição reconhecida pela qualidade", o que demonstra uma orientação clara para o apoio e a proximidade às famílias, bem como para a valorização da sua participação. Por fim, no que concerne os **Valores** destaca-se o carisma da Família, sendo apontados princípios fundamentais como a espiritualidade, que se expressa na criação de um ambiente de tolerância, afeto, proximidade e abertura à família e à comunidade, e a liberdade com responsabilidade, orientando a formação de cidadãos autónomos, conscientes e participativos.

Este alinhamento institucional reflete uma intencionalidade clara em construir uma relação de proximidade e cooperação com as famílias, reconhecendo o seu papel estruturante no desenvolvimento das crianças e na vida da comunidade educativa.

(iii) Potencialidades do convívio intergeracional para o bem-estar e desenvolvimento das crianças e dos idosos

Neste ponto, procura-se explicitar as potencialidades, do convívio intergeracional para o bem estar e desenvolvimento das crianças. Para entender estas potencialidades recorri às NDC, ao inquérito por questionário realizado às famílias, à entrevista semiestruturada realizada à diretora e a conversas informais que fui tendo com a educadora cooperante.

“No recreio fui-me sentando com as crianças e enquanto iam brincando eu ia estabelecendo um diálogo sobre a visita dos avós e registando o que me iam dizendo para mais tarde construirmos um mural com fotografias deles com os avós e as respetivas frases. Registei frases como “gosto de passear com a minha avó”, “gosto de fazer bolos com a minha avó”, “gosto de ver televisão com o meu avô”...”(NDC157)

Através desta nota de campo, é possível perceber que as crianças mantêm uma relação significativa com os seus avós e que o convívio intergeracional proporciona diversos benefícios. Atividades como passear, cozinhar ou simplesmente partilhar momentos de lazer contribuem para o bem-estar das crianças, fortalecendo laços afetivos e promovendo aprendizagens enriquecedoras.

Para além disso, as conversas informais realizadas com a educadora permitiram compreender melhor a relação entre as crianças e os seus avós. De um modo geral, esta relação revela-se muito positiva, sendo os avós figuras de grande importância no quotidiano das crianças. Apenas uma criança da sala não tem os avós presentes na sua vida, mas conta com a presença de uma pessoa idosa que assume esse papel. As restantes crianças mantêm, pelo menos, um vínculo próximo com um dos avós, evidenciando a relevância desta ligação intergeracional.

Durante uma das interações no grupo, surgiu uma partilha significativa:

“De seguida falaram nos avós uma vez que o AR mostrou a sua capa realizada em conjunto com os avós. Eu e a educadora falámos com o grupo e concordámos todos que seria interessante fazer um projeto que envolvesse os avós uma vez que estes estão bastante presentes na vida das crianças.” (NDC129)

Esta evidência demonstra que o convívio intergeracional não é apenas frequente, mas também enriquecedor, reforçando a necessidade de valorizar e potenciar estas relações no contexto educativo. A forte presença dos avós na vida das crianças confirma que esta interação contribui significativamente para o seu bem-estar, proporcionando-lhes segurança emocional, afeto e oportunidades de aprendizagem intergeracional.

Através do inquérito por questionário aplicado às famílias, obtive 24 respostas à pergunta: “A criança tem contacto frequente com os avós?”. Esta questão permitiu-me compreender de forma mais aprofundada a frequência e a proximidade da relação entre as crianças e os seus avós, possibilitando uma análise relevante sobre o papel destes na vida quotidiana e no desenvolvimento das crianças.

Figura 10

Respostas das famílias à questão: "A criança tem contacto frequente com os avós?"



Nota: Fonte Própria

O gráfico mostra que a maioria das crianças mantém um contacto frequente com os avós, sendo que 12 (50%) têm contacto diário e 11 (45,8%) semanalmente. Apenas 1 (4,2%) das respostas indica que o contacto é ocasional, e nenhum dos inquiridos referiu que a criança não tem qualquer contacto com os avós.

Para além disso, foi colocada a questão “De que forma os avós participam na rotina da criança?”, com o objetivo de compreender de que maneira os avós estão envolvidos no quotidiano dos seus netos.

Figura 11

Resposta das famílias à questão: "De que formas os avós participam na rotina das crianças?"

De que forma os avós participam na rotina da criança?
24 respostas



Nota: Fonte Própria

Através da análise do gráfico da figura 7 é notório que a participação dos avós na rotina das crianças assume diferentes formas. A maioria dos inquiridos (7) indicou que os avós desempenham um papel ativo, com 29,2% referindo que vão levar e buscar a criança à organização socioeducativa e 6 (25%) indicaram que brincam e conversam com os netos. Além disso, 5 (20,8%) destacaram que os avós partilham histórias e vivências, e 3 (12,5%) afirmaram que prestam cuidados diários à criança. As restantes respostas distribuem-se por outras formas de participação, incluindo passeios, envolvimento em atividades organizadas pela instituição ou a realidade de viverem noutro país que foi a opção selecionada por apenas 1 dos inquiridos.

É importante destacar o apoio que muitos avós oferecem na rotina das crianças, desde os cuidados básicos ao acompanhamento escolar, ajudando a criar um ambiente

mais estável. Para além de garantirem suporte prático no dia a dia, os avós contribuem para o bem-estar das crianças, fortalecendo os laços familiares e proporcionando momentos de aprendizagem e partilha. De acordo com Dias (2002) “...podemos constatar que a contribuição dos avós aos netos é bastante rica e complexa, depende da relação estabelecida entre ambos e das características individuais.” (p.36).

Posto isto e com base no gráfico é possível verificar que as crianças da sala de referência estabelecem relações ricas com os seus avós.

Através da entrevista semiestruturada realizada à diretora *c.f. anexo H*, foi possível perceber a importância da relação entre os avós e os netos no contexto educacional e familiar. A diretora referiu que muitas crianças têm uma relação muito positiva com os avós, destacando o papel ativo que estes desempenham no dia a dia das crianças. Como foi mencionado na entrevista:

“(...) muitas crianças que têm uma relação muito boa com os avós porque muitos deles, os avós vêm buscá-los, dão esse apoio aos netos e aos filhos, claro, porque os vêm buscar à escola, porque têm uma relação muito forte com eles e isso é um bem muito forte.”
(entrevista diretora)

Esta auscultação evidencia que, para muitas crianças, os avós desempenham um papel essencial não apenas como figuras afetivas, mas também como apoiantes na rotina diária. O facto de os avós se envolverem no transporte das crianças para a escola, por exemplo, reflete a proximidade e a relação sólida entre eles. Este tipo de interação vai além das atividades do quotidiano, criando uma rede de suporte que beneficia tanto as crianças quanto os pais como os avós.

Portanto, a partir das entrevistas, das notas de campo, do inquérito por questionário, e das conversas informais é possível concluir que a relação entre avós e netos, além de ser uma fonte de apoio no dia a dia, é também um elemento importante para o desenvolvimento.

(iv) Práticas e atividades que a organização Socioeducativa promove para incentivar a relação entre as crianças e os idosos

Durante as minhas observações, pude identificar várias práticas e atividades implementadas pela organização socioeducativa com o objetivo de incentivar e fortalecer a relação entre as crianças e os idosos. Essas iniciativas de interação entre as crianças e os avós promoviam tanto o envolvimento intergeracional, mas também contribuíam para a aprendizagem mútua, a partilha de vivências a criação de laços afetivos entre as duas gerações.

Uma das principais ações observadas foi a criação de projetos que envolvem diretamente os avós. Como mencionado na nota de campo:

“De seguida falaram nos avós, uma vez que o AR mostrou a sua capa realizada em conjunto com os avós. Eu e a educadora falámos com o grupo e concordámos todos que seria interessante fazer um projeto que envolvesse os avós, uma vez que estes estão bastante presentes na vida das crianças.” (NDC129)

No decorrer do projeto observado, o grupo pediu para os avós irem à sala de atividades. Tiveram a ideia de realizar uma carta para convidar os avós tal como é perceptível a partir da seguinte nota de campo:

“Para além disso, acabámos de fazer com quem faltava a carta a convidar os avós para virem partilhar um momento à nossa sala.” (NDC165)

Este convite formal, através de uma carta, foi uma forma de envolver os avós de uma maneira mais estruturada, garantindo que se sentissem valorizados e bem-vindos. A visita dos avós à sala permitiu que estes partilhassem não apenas experiências de vida,

mas também momentos culturais, como a partilha de histórias sobre o Natal, como registrado na seguinte nota:

“Na reunião do dia hoje falámos sobre o avô de uma menina que veio à sala contar como era o seu Natal.” (NDC167)

Esses momentos de partilha foram fundamentais para que as crianças conheçam diferentes perspetivas e tradições, enriquecendo o seu entendimento sobre o mundo à sua volta. Alguns dos avós foram à sala partilhar algumas das suas vivências de infância, brinquedos, brincadeiras e até profissões, como foi observado na visita especial dos avós de RA:

“No dia de hoje, tivemos a visita especial dos avós da RA. Os avós vieram à sala partilhar as suas vivências. Falaram dos seus brinquedos e brincadeiras. Falaram também das profissões do seu tempo e de como passavam o Natal.” (NDC175)

Este tipo de atividade intergeracional não só enriqueceu as crianças com o saber e as histórias contadas pelos avós, mas também proporcionou aos idosos um espaço de valorização e de participação ativa, criando um ambiente de troca e aprendizagem mútua.

Através da entrevista semiestruturada realizada à diretora, foi possível entender o empenho da organização socioeducativa na promoção de atividades que incentivam a interação entre as crianças e os idosos, promovendo, assim, uma relação intergeracional rica e significativa. A diretora destacou na entrevista semiestruturada *cf. anexo H* que, um dos principais objetivos da instituição é criar oportunidades para que as crianças e os idosos possam interagir de forma lúdica e educativa. De acordo com a tabela categorial *cf. anexo I* na subcategoria “Programas e projetos de interação entre crianças e idosos”, é possível identificar algumas dessas práticas.

Um exemplo claro de iniciativa observada foi a organização de atividades que envolvem a ida das crianças ao lar de idosos próximo à instituição, permitindo que ambas as gerações possam partilhar momentos de convivência e aprendizagem. Como a diretora mencionou, "O objetivo é mesmo criar esta interação com os idosos porque eu sei, nós

temos aqui um lar muito perto de nós e é aí que os meninos já têm ido lá a trabalhar com eles, interagir com eles com jogos, bola e mais outros materiais" (diretora da organização socioeducativa). Este tipo de atividade permite que as crianças se envolvam em contextos de socialização diferentes do seu quotidiano educativo, além de proporcionar também aos idosos momentos de interação.

Além disso, a diretora referiu também que estão presentes idosos que as crianças nomeiam como “avós do coração” durante alguns meses na instituição. A diretora referiu que a relação entre crianças e idosos tem sido enriquecedora para ambas as partes, particularmente no que diz respeito ao impacto positivo que a presença das crianças tem nos idosos. Segundo a diretora, "Aqui com estes avós que estão cá agora assim por uns meses, estes senhores que nós recebemos, também tem sido muito bom e também tenho falado com a responsável e ela diz que tem sido ótima e com as educadoras também tem sido muito bom a relação das crianças com os idosos" (cf. anexo L).

Por fim, as atividades desenvolvidas pela organização socioeducativa para promover a interação entre crianças e idosos são um exemplo claro de como a instituição integra práticas educativas que valorizam as relações intergeracionais. Este tipo de projeto contribui para uma educação mais inclusiva e solidária, onde a troca de experiências entre diferentes faixas etárias é vista como uma riqueza para ambas as partes. Através destas iniciativas, a instituição não só promove o desenvolvimento social e emocional das crianças, mas também oferece aos idosos uma oportunidade de partilhar a sua sabedoria, enriquecer o seu dia a dia e fortalecer os laços familiares e comunitários.

As figuras que se seguem, acompanhadas das respetivas legendas, ilustram alguns dos registos fotográficos que realizei durante as atividades desenvolvidas entre as crianças e os idosos na organização socioeducativa. Estas imagens foram integradas nas notas de campo, servindo como suporte visual dos momentos de interação, e permitindo uma documentação mais completa e significativa das experiências vivenciadas.

Figura 12

Atividades em parceria com o centro de dia



Nota: Fonte Própria

Figura 13

Vista dos avós à sala T



Nota: Fonte Própria

Figura 14

Jogos tradicionais do tempo dos avós



Nota: Fonte Própria

Figura 16

Placar feito pelos netos sobre os avós



Nota: Fonte Própria

estabelecem entre si, diversificando as estratégias de recolha de dados, articulando momentos de observação naturalista com entrevistas breves e atividades em grupo. Esta abordagem permitiu captar as vozes de ambos, valorizando as suas experiências, opiniões e sentimentos no âmbito das interações vivenciadas durante as atividades partilhadas.

Assim, realizei uma breve entrevista junto dos avós que visitaram a sala de atividades dos seus netos, centrada apenas na questão: "O que significou para si a visita e participação na sala dos seus netos?". Esta interrogação pretendeu aceder às perspetivas dos avós sobre o seu envolvimento nas dinâmicas educativas e compreender o valor que atribuem ao seu papel na vida dos netos. Paralelamente, no sentido de recolher as perceções das crianças relativamente aos avós, desenvolvi uma breve entrevista onde lhes foi colocada a questão: "O que significa avós?", procurando, assim, captar as representações e os significados que atribuem a esta figura familiar tão relevante. Esta recolha foi enriquecida após a leitura da obra "*Os nossos avós*", de Clara Cunha (2024), momento em que lancei a pergunta, com o objetivo de estimular a reflexão e abrir espaço à partilha coletiva de ideias, sentimentos e memórias em torno do tema.

Estas atividades foram complementadas pela observação naturalista, que me permitiram registar, em momentos de conversa espontânea ou reflexão partilhada, as opiniões expressas pelas crianças acerca das visitas dos avós à organização socioeducativa, contribuindo para uma visão mais ampla das suas vivências e perceções relativamente às experiências promovidas neste contexto.

v.1. Perceção das Crianças sobre os seus Avós

As respostas das crianças presentes no *cf. anexo O* evidenciam a importância dos avós na sua vida quotidiana, com grande destaque para os momentos partilhados em torno de atividades culinárias. Muitas crianças referiram gostar dos avós porque estes fazem bolos e outras guloseimas com elas: "A avó faz bolos comigo e eu gosto muito dos bolos que ela faz" ou "Faz bolos e faz gomas". Estas expressões mostram que as atividades culinárias não são apenas uma experiência gastronómica, mas também momentos afetivos de partilha e aprendizagem.

Outras crianças destacaram o gosto por acompanhar os avós no trabalho: “Gosto de ir com o avô para o trabalho, tem uma loja de relógios e anéis” ou “Tem uma garagem grande onde trabalha e tem muitos brinquedos, eu brinco lá com os brinquedos”. Estas respostas revelam a curiosidade infantil e o desejo de imitar os adultos, estabelecendo uma ligação forte através da observação e participação nas atividades dos avós.

A brincadeira também surge como um dos principais elementos desta relação, sendo mencionada por diversas crianças: “Os avós brincam muito e têm brinquedos lá em casa” ou “Brinco com eles no jardim”. Este aspeto demonstra que, para as crianças, a presença dos avós está associada ao lazer e à diversão.

Além disso, a dimensão das saídas e passeios também é valorizada: “Eles levam-me ao parque” ou “Gosto de passear com o avô e comer gelados”. Estas respostas demonstram que os momentos ao ar livre com os avós são particularmente significativos para as crianças, contribuindo para o fortalecimento do vínculo afetivo entre ambas as gerações.

v.2 Perceção dos Avós sobre os seus Netos

Os avós, por sua vez, expressaram grande satisfação e emoção ao visitarem a sala dos seus netos, evidenciando a importância destas interações no seu bem-estar emocional. Algumas expressões ilustram o impacto positivo desta experiência: “Entrar nestas salas faz-me lembrar o meu tempo de criança, é uma altura muito feliz das nossas vidas, recordar as cantigas, os cheiros” e “Quando estamos com as crianças assim, a gente rejuvenesce com esta juventude”. Estas respostas sugerem que a relação com os netos proporciona aos avós uma sensação de vitalidade e rejuvenescimento, reforçando o seu papel ativo na vida das crianças.

Além disso, os avós demonstraram um enorme carinho e reconhecimento do valor dos seus netos na sua vida: “Os netos são os bens mais preciosos que temos a seguir aos filhos” e “Os netos fazem muita companhia e são os nossos segundos amores depois dos filhos”. Estas perceções revelam o papel central que os netos desempenham na vida dos avós, sendo uma fonte de amor, alegria e companheirismo.

Através da breve entrevista realizada aos avós e aos netos, centrada numa única questão, e da posterior análise dos dados recolhidos, foi possível concluir que a relação estabelecida entre crianças e avós revela-se profundamente enriquecedora para ambos, evidenciando-se como uma fonte de bem-estar, partilha afetiva e valorização mútua. Com efeito, para as crianças auscultadas, os avós representam figuras de afeto, diversão e aprendizagem, estando associados a momentos felizes de partilha e brincadeira. Para os avós auscultados, a interação com os netos proporciona bem-estar emocional e um sentimento de continuidade geracional. As atividades promovidas pela organização socioeducativa que incentivam esta interação revelam-se, assim, fundamentais para fortalecer os laços entre as gerações e potenciar o desenvolvimento social e emocional das crianças e dos idosos.

Principais Conclusões do Estudo

Após a triangulação dos dados recolhidos, através das diferentes técnicas de investigação utilizadas, foi possível compreender de forma integrada e aprofundada as dinâmicas estabelecidas entre a organização socioeducativa, as famílias, as crianças e os idosos. A análise evidenciou que a construção de parcerias sólidas e próximas entre a instituição e as famílias, assim como a valorização das relações intergeracionais, são aspetos centrais e valorizados pelos diferentes intervenientes. Os dados recolhidos permitiram não só identificar as perceções e práticas existentes na organização socioeducativa, mas também compreender as potencialidades educativas destas relações, que se revelam promotoras do bem-estar, da aprendizagem mútua, do desenvolvimento emocional e social das crianças e dos idosos, contribuindo para a construção de contextos educativos mais humanizados, inclusivos e participativos.

No que trata as **(i) Perceções das famílias, da diretora e da educadora acerca da importância da construção de parcerias com as famílias em contexto de jardim de infância**. A análise dos dados recolhidos evidencia de forma clara que tanto as famílias, como a educadora e a diretora reconhecem e valorizam a importância da construção de parcerias entre a organização socioeducativa e a família. As famílias

expressaram unanimemente a percepção de que esta relação é crucial, destacando sobretudo a necessidade de uma relação próxima e colaborativa que permita um acompanhamento mais efetivo e harmonioso do percurso educativo das crianças. Esta valorização é justificada pelo tempo significativo que as crianças passam na instituição, bem como pela importância de garantir uma continuidade entre os contextos familiar e educativo, refletindo preocupações de alinhamento, bem-estar e desenvolvimento integral das crianças.

De acordo com Silva. et. al. (2016), a construção de parcerias sólidas entre educadores e famílias é essencial para o desenvolvimento integral da criança. Esta colaboração baseia-se numa comunicação contínua e numa cooperação ativa, permitindo que as famílias se sintam parte integrante do processo educativo.

Por sua vez, a educadora destacou que um ambiente aberto, em que as famílias se sintam acolhidas, favorece não só a comunicação e o sentimento de pertença, mas também contribui para um percurso educativo mais enriquecedor. A diretora, reforça esta perspetiva, referindo que, apesar das dificuldades que as famílias enfrentam no seu quotidiano, é da responsabilidade da instituição manter a porta aberta ao envolvimento familiar.

Tendo em conta a análise das **(ii) Práticas e atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a participação e envolvimento das famílias**, é notório que as atividades promovidas pela organização socioeducativa demonstram um investimento consistente no incentivo ao envolvimento das famílias, tendo sido evidenciado um elevado grau de participação por parte destas.

Tanto a educadora como a diretora evidenciaram práticas consolidadas de incentivo ao envolvimento familiar, desde a abertura diária da sala às famílias, até à realização de encontros e momentos de partilha. Esta multiplicidade de estratégias revela uma preocupação efetiva da organização em criar ambientes participativos, onde as famílias se sintam valorizadas e integradas, reforçando a importância de práticas inclusivas e diversificadas para o fortalecimento desta relação. O estudo de Francisco (2022), chega às mesmas conclusões, pois ambos evidenciam que o envolvimento das famílias nas atividades educativas contribui positivamente para o desenvolvimento das crianças. As práticas institucionais, como encontros formativos e momentos de partilha,

são estratégias eficazes para fortalecer a colaboração entre a escola e a família, alinhando-se às conclusões da minha pesquisa sobre a participação e envolvimento das famílias no contexto educativo.

Ao analisar as **(iii) Potencialidades do convívio intergeracional para o bem-estar e desenvolvimento das crianças e dos idosos**, pude concluir que a relação entre as crianças e os seus avós ou outras figuras idosas é profundamente enriquecedora, contribuindo para o bem-estar de ambos. As crianças valorizam estes momentos, associando-os a atividades prazerosas, de partilha de histórias, de brincadeira e de experiências significativas. Os dados demonstraram ainda que os avós têm um papel ativo na rotina das crianças, reforçando o papel de suporte diário e de transmissão de saberes.

Neste sentido, o estudo de Caldeira (2010) reforça estas conclusões, ao evidenciar que os avós que mantêm uma relação próxima e percebem a companhia dos netos como positiva apresentam níveis mais baixos de stress, ansiedade e depressão, confirmando o impacto positivo destas interações no bem-estar psicológico dos idosos. Esta dinâmica destaca a importância da promoção de momentos de interação intergeracional em contextos educativos, contribuindo para o fortalecimento dos laços familiares e comunitários, tal como enfatizado por diversas investigações sobre a temática (Dias, 2002)

Através da análise das **(iv) Práticas e atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a relação entre as crianças e os idosos**, entendi que as práticas promovidas pela organização socioeducativa, demonstram um forte compromisso em valorizar estas interações no quotidiano institucional. Destacam-se projetos que integram a participação ativa dos avós nas atividades da sala, visitas ao lar de idosos próximo e a presença dos designados “avós do coração” na organização, evidenciando a criação intencional de espaços de encontro e de partilha entre as diferentes gerações.

As evidências recolhidas mostram que estas práticas são fundamentais para uma educação mais inclusiva e humanizadora, potenciando aprendizagens significativas, reforçando o respeito intergeracional e promovendo o reconhecimento do valor das experiências de vida dos idosos no processo educativo, tal como demonstrado no estudo de caso de Meireles (2017), que conclui que as interações entre crianças e idosos

contribuem para a construção de valores como o respeito, a empatia e a solidariedade, impactando de forma positiva ambas as gerações.

Segundo Coutrim et al. (2018), a convivência próxima entre avós e netos promove diversas aprendizagens fundamentais para o desenvolvimento crianças. Ao analisar as **(v) Percepções das crianças e dos avós sobre a relação que estabelecem entre eles** foi perceptível que as crianças revelaram que os avós ocupam um lugar central e afetivo nas suas vidas, associando-os a momentos de brincadeira, partilha culinária, acompanhamento em atividades quotidianas e passeios, reforçando o papel dos avós como figuras de conforto, segurança e prazer. Por sua vez, os avós expressaram sentimentos de rejuvenescimento, felicidade e gratidão pelo envolvimento com os netos, valorizando profundamente estas interações, que lhes proporcionam alegria, companhia e um sentido renovado de propósito.

Estes testemunhos reforçam a importância das experiências intergeracionais enquanto espaço de partilha, afetividade e bem-estar para ambas as partes, sublinhando a necessidade de continuar a promover estas interações no contexto educativo. As percepções evidenciam uma valorização mútua e uma consciência clara do impacto positivo que estas relações têm no desenvolvimento social, emocional e afetivo das crianças, bem como no bem-estar emocional dos idosos.

Em suma, as conclusões desta investigação permitem afirmar que a promoção de relações intergeracionais em contexto de jardim de infância, em articulação com práticas que incentivem o envolvimento familiar, contribui decisivamente para o desenvolvimento harmonioso das crianças, para o bem-estar dos idosos e para a construção de comunidades educativas mais inclusivas, participativas e afetivas. A organizações socioeducativa apresenta práticas consistentes que potenciam estas dinâmicas.

As conclusões desta investigação convergem com os resultados obtidos por Canejo (2018), que evidenciam o papel significativo das relações intergeracionais na formação pessoal e social das crianças. Ambos os estudos destacam que a interação entre crianças e idosos não só enriquece o desenvolvimento emocional e social das crianças, mas também promove um sentimento de utilidade e rejuvenescimento nos idosos.

A investigação de Canejo (2018) sublinha ainda a importância de projetos intergeracionais estruturados, que envolvam a comunidade educativa e promovam o

respeito intergeracional. Esta perspectiva é corroborada pelos dados recolhidos no presente estudo, que evidenciam a eficácia de práticas institucionais que incentivam a participação dos idosos nas atividades do jardim de infância, contribuindo para uma educação mais inclusiva e humanizadora.

Em suma, a comparação entre os dois estudos reforça a ideia de que as relações intergeracionais são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças e para o fortalecimento dos laços comunitários, destacando a necessidade de continuar a promover e a valorizar estas interações no contexto educativo.

5. CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE

| | " | | " | |

Ao analisar a experiência vivida nos dois módulos da Prática Pedagógica Supervisionada (PPS), em Creche e Jardim de Infância (JI), senti que ambas constituíram uma etapa fulcral no meu percurso formativo, proporcionando um crescimento significativo tanto a nível individual quanto coletivo. De acordo com Vasconcelos et. al (2011) “avaliar de modo reflexivo o seu próprio trabalho é estar a tornar o seu trabalho transparente” (p.17).

Cada contexto, com as suas especificidades, desafios e oportunidades, permitiu-me construir uma visão mais abrangente e reflexiva sobre a prática educativa e consolidar a minha identidade enquanto futura educadora. Esta reflexão visa apresentar uma análise aprofundada do percurso realizado, destacando os aspetos essenciais do processo vivenciado e a forma como contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao longo do estágio no contexto de creche, senti que evoluí significativamente, ganhando mais confiança e autonomia com o passar do tempo. Esta experiência ajudou-me a superar algumas inseguranças e permitiu-me compreender o quão desafiadora, mas também recompensadora, é esta prática. Esta prática reforçou ainda mais a minha certeza de que quero ser educadora, ensinando e aprendendo com as crianças, que têm tanto para oferecer. Por outro lado, a prática em Jardim de Infância tornou-se num ambiente mais familiar com bastantes desafios, exigindo um equilíbrio constante entre flexibilidade e planeamento diário estruturado. Este contexto destacou a importância de uma abordagem pedagógica intencional, orientada para o desenvolvimento de competências específicas.

Ao longo desta experiência, tive a oportunidade de aperfeiçoar as minhas competências de planificação e organização, fundamentais para preparar atividades que fossem simultaneamente desafiantes e adequadas aos interesses e ritmos de cada criança. Além disso, foquei-me em implementar uma intervenção inclusiva, reconhecendo e valorizando as características únicas de cada criança e promovendo a sua participação ativa em todas as dinâmicas do grupo. Um dos aspetos mais enriquecedores desta prática foi perceber, que as crianças são verdadeiramente protagonistas do seu processo de aprendizagem. Posto isto, entendi que cabe ao educador não apenas orientá-las, mas também criar um ambiente estimulante e seguro, onde possam explorar, experimentar e crescer de forma plena. Este estágio proporcionou igualmente a oportunidade de

fortalecer a relação com as famílias, reconhecendo-as como parceiras fundamentais no processo educativo. Foi possível promover uma comunicação aberta e regular, que permitiu partilhar informações, ouvir perspectivas e alinhar expectativas, criando um ambiente de confiança mútua. “No dia de hoje que quando cheguei estava na sala o pai da ES que me pediu o favor de espalhar fitas pela sala para o momento da manhã que ia ser dinamizado pela mãe da ES.”(NDC146). Esta colaboração ativa apresentada na nota de campo N°145, revelou-se essencial para apoiar o desenvolvimento integral das crianças, garantindo que as práticas pedagógicas fossem ajustadas às suas necessidades, interesses e realidades familiares.

Este envolvimento familiar estende-se além dos pais, com uma participação significativa dos avós, que frequentemente acompanham os netos nas suas rotinas, deixando-os na instituição e participando, ocasionalmente, em atividades e eventos organizados pela mesma. “Eu e a educadora falámos com o grupo e concordámos todos que seria interessante fazer um projeto que envolvesse os avós uma vez que estes estão bastante presentes na vida das crianças.”(NDC129). Fuertes, 2024 afirma que os avós podem fazer a diferença, envolvem-se na educação das crianças como principais cuidadores na ausência ou indisponibilidade dos pais, são uma fonte de apoio financeiro ou matéria, cuidam dos netos durante o tempo de trabalho dos pais. Esta inclusão dos avós na dinâmica do jardim de infância foi uma experiência rica e significativa, pois permitiu que partilhassem as suas vivências e histórias, estabelecendo uma ponte entre as gerações. Este contacto proporcionou uma mais-valia, pois as crianças puderam aprender diretamente com as experiências de vida dos avós, enriquecendo as suas perspectivas sobre o mundo. Além disso, a participação dos avós no ambiente escolar fortaleceu os laços familiares e promoveu uma sensação de comunidade, onde as várias gerações se encontram e colaboram no processo de aprendizagem.

Esta experiência reforçou a minha convicção de que ser educadora é um processo contínuo de aprendizagem, onde cada dia traz novos desafios, mas também momentos de grande satisfação e realização pessoal e profissional.

Folque e Bettencourt (2018), afirmam ainda que os educadores devem criar circuitos e espaços de comunicação entre adultos, tal como fazem com as crianças, para que sejam identificadas e debatidas questões que preocupam os profissionais, pois é com

base nesse levantamento que são pensadas e planejadas propostas, situações e experiências, que são distribuídas responsabilidades e tarefas, com o intuito de que ambos os profissionais participem. No âmbito coletivo, as relações estabelecidas com as crianças, as famílias e os profissionais dos diferentes contextos foram determinantes para o meu crescimento. Na Creche, a interação com as crianças permitiu-me compreender a importância de observar, ouvir e respeitar o ritmo individual de cada uma. Ao criar um ambiente de segurança e confiança, consegui estabelecer laços que facilitaram a intervenção pedagógica e promoveram o bem-estar das crianças. A colaboração com as educadoras cooperantes e outros profissionais nos dois contextos foi igualmente enriquecedora. A minha relação com as educadoras, tanto em creche como no jardim de infância, foi fundamental para o meu desenvolvimento como futura educadora. O apoio constante delas foi crucial, proporcionando-me um ambiente de confiança e aprendizagem. Ambas, incutiram-me noções extremamente valiosas que pretendo levar para toda a minha vida profissional. Graças a estas educadoras, adquiri uma experiência prática significativa, tendo sido guiada e apoiada em todos os momentos, o que me permitiu crescer como futura educadora. A sua disponibilidade e dedicação foram essenciais para o meu desenvolvimento. Ofereceram-me momentos de discussão, partilha de ideias e análise crítica das práticas e ajudaram-me a perceber que a educação é um trabalho em equipa. Este reconhecimento reforçou em mim a importância de um ambiente de trabalho colaborativo, onde diferentes perspetivas se complementam para o bem-estar e desenvolvimento das crianças.

A elaboração de documentação semanal foi fundamental em ambas as práticas, permitindo-me refletir de forma contínua sobre o meu desempenho. As reflexões semanais possibilitaram uma análise detalhada das situações vivenciadas, ajudando-me a identificar tanto os pontos fortes como os pontos menos fortes. Este processo de autoavaliação foi essencial para o meu crescimento enquanto profissional, pois desafiou-me a desenvolver estratégias para aprimorar a minha prática educativa. Além disso, essas reflexões ajudaram-me a perceber melhor o meu papel como futura educadora, promovendo uma abordagem mais crítica e construtiva em relação às minhas escolhas pedagógicas. As realizações de planificações, por sua vez, proporcionaram-me uma abordagem mais intencional na elaboração das planificações das atividades. Ao refletir

cuidadosamente sobre as necessidades e características do grupo, consegui selecionar atividades mais adequadas ao desenvolvimento de cada criança e aos objetivos pedagógicos estabelecidos. Este planejamento estruturado garantiu que as ações fossem mais direcionadas e eficazes, promovendo experiências de aprendizagem significativas. As notas de campo desempenharam, igualmente, um papel fundamental na minha reflexão diária. Estas permitiram-me registar os momentos mais relevantes de cada dia, refletindo sobre o que correu bem e o que poderia ser melhorado. Estas anotações tornaram-se uma prática essencial para manter uma visão clara e atualizada da minha intervenção pedagógica, ajudando-me a ajustar as minhas abordagens e a garantir que estivesse sempre em sintonia com as necessidades e os interesses das crianças.

Por fim, como futura educadora de infância, pretendo ser uma profissional dedicada, empática e atenta às necessidades de cada criança. Acredito que a creche e jardim de infância deve ser um espaço de descoberta e crescimento, onde as crianças se sintam seguras e motivadas a aprender através de experiências significativas. A realização destas práticas, foi fundamental para compreender melhor e refletir sobre o tipo de educadora que desejo ser. Ao estar em contacto direto com as crianças e com os diferentes contextos educativos, consegui perceber a importância da adaptação constante e do desenvolvimento de uma abordagem individualizada que valorize a diversidade de cada criança. Com as minhas práticas fui valorizando cada vez mais a participação ativa das crianças. Entendo que é fundamental no processo educativo incluir as crianças nos processos de planeamento, gestão e avaliação, permitimos que deixem de ser agentes passivos para se tornarem protagonistas da sua aprendizagem. “A educadora de sala apresentou-se e de seguida reuniu o grupo conversando com o mesmo sobre o que queriam fazer, o que já tinham feito com suporte de uma folha que tem como nome “diário”.” (NDC3) Através da nota de campo nº3 é possível verificar a participação ativa das crianças uma vez que a educadora da sala dá abertura ao grupo de dizerem o que gostavam de fazer. Dessa forma, compreendem que as suas opiniões e ideias têm valor, o que contribui para o desenvolvimento da sua autonomia, confiança e envolvimento no seu percurso educativo.

Estes estágios permitiram-me crescer enquanto profissional e consolidar a minha visão sobre o que significa ser educadora de infância.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

| | " | | "

Ao chegar ao fim deste percurso académico e formativo, é inevitável não sentir um profundo sentimento de gratidão. Gratidão pelas experiências vividas, pelas pessoas com quem me cruzei e, acima de tudo, por ter tido a oportunidade de desenvolver um projeto que me é tão significativo, um projeto que entrelaça gerações e desafia visões tradicionais da educação na infância.

O contacto direto com crianças e idosos, no contexto de uma sala de pré-escolar, revelou-se uma viagem de partilhas, de afetos e de aprendizagens mútuas. Este estudo de caso permitiu-me observar, escutar e refletir sobre os laços que se criam entre diferentes gerações, bem como o impacto transformador que estas interações podem ter no desenvolvimento infantil e no envelhecimento ativo. Mais do que recolher dados, vivi o valor das relações humanas, da empatia e do respeito pela história de vida de cada um.

Esta investigação não esteve isenta de desafios, quer a nível prático, quer teórico. A recolha de dados junto das famílias revelou-se complexa, exigindo a gestão da disponibilidade dos participantes e a criação de um ambiente de confiança que favorecesse a partilha. Uma das principais limitações foi o número reduzido de avós que participaram diretamente nas atividades em sala o que condicionou a diversidade das interações observadas. Caso o estágio tivesse decorrido por um período mais alargado, teria sido possível acompanhar a presença de um maior número de avós e aprofundar ainda mais a análise das dinâmicas intergeracionais. No que concerne a investigação, a procura de literatura científica revelou-se também um desafio, uma vez que o tema das relações intergeracionais em contexto de educação de infância ainda é pouco explorado, exigindo um esforço acrescido na seleção e adaptação das fontes teóricas. Ainda assim, foi precisamente nestes momentos de maior exigência que mais cresci, quer enquanto futura profissional de educação, desenvolvendo resiliência, sentido crítico e capacidade de adaptação, quer enquanto ser humano, ao aprofundar a compreensão sobre o valor das relações entre gerações no desenvolvimento das crianças.

Ao longo deste processo, ficou clara a importância de promover ambientes educativos que acolham e valorizem a diversidade geracional. A presença dos idosos na

vida das crianças trouxe-lhes histórias, tradições, escuta atenta e afetos, ao mesmo tempo que ofereceu aos mais velhos um sentimento de pertença, utilidade e reconhecimento.

Este percurso não termina aqui. Levo comigo a certeza de que educar é, e será sempre, um ato coletivo, onde cada gesto, cada palavra e cada relação conta. Continuarei a investigar, a refletir, e a construir a minha prática com base numa pedagogia assente no respeito, na escuta e na valorização do outro. Como diz o provérbio africano, “*é preciso toda uma aldeia para educar uma criança*”. Esta sabedoria resume de forma perfeita o que vivi e aprendi durante este percurso. A educação não é um esforço isolado, mas um trabalho coletivo, onde cada indivíduo da criança ao idoso, do educador à família desempenha um papel fundamental. A “*aldeia*”, composta por diferentes gerações, é o espaço onde se constrói o futuro, partilham-se saberes e cultivam-se valores que perduram. Levo comigo, portanto, a certeza de que o verdadeiro significado de educar está na colaboração, no respeito mútuo e na capacidade de aprender uns com os outros, independentemente da idade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

| | " | | "

Almeida, L. (2016). *A prática reflexiva no desenvolvimento profissional do educador: A importância da avaliação contínua*. Edições Pedagógicas.

Arsénio, J. (2018). *A relação entre avós e netos, rituais familiares, clima famílias e bem-estar psicológico em jovens adultos*. Universidade de Lisboa- Faculdade de Psicologia. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37824/1/ulfpie053277_tm.pdf

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Barros, M. (1987) *Autoridade e Afeto: Avós, Filhos e Netos na Família Brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. <https://books.google.pt/books?id=POBFUruLvGC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>

Caldeira, S. (2010). *Contacto intergeracional e bem-estar psicológico dos avós*. Tese de Mestrado. ISPA – Instituto Universitário. <https://repositorio.ispa.pt/entities/publication/21b10596-f4b7-4782-aadd-b799faef65b8>

Canejo, M. (2018). *Os contributos das relações intergeracionais na formação pessoal e social da criança*. Instituto Piaget Campus Universitário de Almada, Escola Superior de Educação Jean Piaget. <https://comum.rcaap.pt/entities/publication/840ffb32-58fc-4a03-9d1e-200b97b6aa70>

Cardona, M. J., Silva, I., Marques, L., Rodrigues, P. (2021) *Planear e Avaliar Na Educação Pré-Escolar*. <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/planearavaliar.pdf>

Cardona, M. J. (1992). *A organização do espaço e do tempo na sala de Jardim de Infância*. Caderno de educação de infância Decreto-Lei nº241/2001, de 30 de agosto de 2001. <https://files.diariodarepublica.pt/1s/2001/08/201a00/55725575.pdf>

Cardona, M. J. (2017). *Planear e avaliar na educação pré-escolar: a realidade portuguesa das últimas décadas*. Revista Linhas. Florianópolis, 18(38), 143-159.

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação – Guia para autoaprendizagem*. (2.a ed.). Universidade Abe.

Coelho, L. S., Osório, N. B., & Silva Neto, L. S. (2024). *Envelhecimento, avosidade, intergeracionalidade*. Revisão integrativa de literatura. Revista Humanidades e Inovação, 10(16), 294–301. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/8117>

Coutrim, R., Figueiredo, A., Júnio, J., & Resende, A. (2018). *O papel dos avós nos cuidados com a educação e a saúde das crianças*. Revista Estudos Aplicados em Educação, v.3, n5, p.101-110. https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_estudos_aplicados/article/view/5092/2493

Cunha, C. (2024). *Os nossos avós*. Livros Horizonte. <https://www.wook.pt/livro/os-nossos-avos-clarra-cunha/30025948>

Dias, C. (2002). *A influência dos avós nas dimensões familiar e social*. Universidade Católica de Pernambuco. Consultado em: 23 de março de 2025. https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5743/5743.PDF?utm_source=chatgpt.com

Epstein, J. L. (2010). *School, family, community partnerships: Caring for the children we share*. Kappan Classic, p.81–96.

Ferreira, M. (2018). *A Creche e o Desenvolvimento Da Criança*. Instituto Superior de Serviço Social do Porto. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/28246/1/Monica%20Catarina%20Duarte%20Ferreira.pdf>

Flick, Uwe. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa*.

Folque, M. & Bettencourt, M. (2018). *Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche*. Porto: Porto Editora.

Folque, M. A. (2019). *Uma visão holística e sistémica da educação de infância*. EDULOG Educação de Infância: o que temos e que queremos. Discurso direto EDUTALKS, 3, 27-31. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/26998/1/Edutalks%20EI%202019.pdf>

Francisco, D. (2022). *Envolvimento família/jardim de infância*. Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra. https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/42077/1/DANIELA_FRANCISCO.pdf&ved=2ahUKEwjN_qns_J6NAXzQvEDHRw9DEEQFnoECBsQAQ&usg=AOvVaw2KH8k8ufQQAplOaL4FqPiP

Fuertes, M. (2018). “*Queridos, mudei a relação família-educadores/as!*” *Pistas para a parceria e relação positiva entre famílias e educadores/as*. Primeiros anos. <https://primeirosanos.iscte-iul.pt/2018/11/14/queridos-mudei-a-relacao-familia-educadores-as-pistas-para-a-parceria-e-relacao-positiva-entre-familias-e-educadores-as/>

Fuertes, M. (2024). *Os nossos avós podem fazer a diferença*. *Revista Contemporânea de Educação*. Consultado a 14 de novembro de 2024 em: <https://primeirosanos.iscte-iul.pt/2024/05/15/os-nossos-avos-podem-fazer-a-diferenca/>

Instituto Nacional de Estatística. (2021). *Resultados provisórios dos Censos 2021: Resultados da população residente em Portugal*.

Hohmann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. Fundação Calouste Gulbenkian. 5ª Edição.

Ketele, J. & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da recolha de dados – Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos* (C. Brito, Trad.). Instituto Piaget.

Lino, D. & Parente, C. (2018). *Play and learning in early childhood education: The contribution of High Scope, Reggio Emilia, and Montessori Pedagogical approaches*. In, C. Huertas & E. Gómez (ed.) *Early childhood education from an intercultural and bilingual perspective*. (pp. 147-163). IGI GLOBAL.

Marcelino, C. (2020). *Relações Sociais no Jardim de Infância: A relação educador- criança e a qualidade das amizades entre pares*. Instituto Universitário de Lisboa- Dissertação do grau de Mestre em Psicologia Social e das Organizações. https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/21144/1/Master_Catarina_Costa_Marcelino.pdf

Marchão, A., & Henriques, H. (2018). *Investigação com crianças: Reflexão sobre a escuta das vozes das crianças através de processos de entrevista*. Aula, 24, 135-144. Ediciones Universidad de Salamanca.

Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (7.ª ed.). ReportNumber.

Mata, L. & Pedro, I. (2021). *PARTICIPAÇÃO E ENVOLVIMENTO DAS FAMÍLIAS –CONSTRUÇÃO DE PARCERIAS EM CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto Editora.

Meireles, M. (2017). *Qual o contributo das relações intergeracionais para a aprendizagem de valores e atitudes em crianças do 3 aos 10 anos: Um estudo de caso*. Tese de Mestrado. Instituto Piaget, Campus Universitário de Almada, Escola Superior de Educação
Jean Piaget.
https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/22863/1/Mafalda%2520Meireles.pdf&ved=2ahUKEwi62ZKE_56NAxXjBNsEHeKyF_4QFnoECAkQAO&usg=AOvVaw0Sn_13xo_r4HESPkVvXknz

Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). *O estudo de caso como estratégia de investigação em educação*. EDUSER, Vol 2(2), 49-65.

Oliveira, C. (2011) *Relações Intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*.
<https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10400.5/3100>

Osório, N. B., Neto, L. S., & Souza, J. M. de. (2018). *A era dos avós contemporâneos na educação dos netos e relações familiares: Um estudo de caso na Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins*. Universidade Federal do Tocantins.
https://www.researchgate.net/publication/326619154_A_ERA_DOS_AVOS_CONTEMPORANEOS_NA_EDUCACAO_DOS_NETOS_E_RELACOES_FAMILIARES_UM_ESTUDO_DE_CASO_NA_UNIVERSIDADE_DA_MATURIDADE_DA_UNIVERSIDADE_FEDERAL_DO_TOCANTINS

Parente, C. (2015). *Avaliação na educação de infância: construindo portfólios de aprendizagem*. In F. Ferreira & C. Anjos (Org.), *Educação de Infância. Formação, identidades e desenvolvimento profissional* (pp. 29-41).

Parente, C. (2012). *Observar e escutar na creche para aprender sobre a criança*. CNIS

Pascoal, D., Figueiredo, M. do C., Afonso, C., & Pereira, I. (2020). “*Vidas com história*”: *Intergeracionalidade para a promoção de atividades recreativas com idosos*. *Revista da UI_IPSantarém*, 8(1), 109–123.

Portugal, G. (2011). *No âmago da educação em creche—o primado das relações e a importância dos espaços*. Conselho Nacional de Educação, *Educação da criança dos 0 aos 3*, 47-60.

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebés em infantários – cuidados e primeiras aprendizagens* (4.^a ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

Roldão, M. (2007). *Colaborar é preciso: questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores*. In Dossier: Trabalho colaborativo dos professores, *Revista Noesis*, 71, p.24-29.

Santos, F. (2012). *Análise de Conteúdo: A visão de Laurence Bardin* (Ed. 70, 2011,229), Vol 6, p.383-387.

Serralha, F. (2009). *Caracterização do Movimento da Escola Moderna*. *Escola Moderna*, 35 (5^asérie), 33-36.

https://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/em/rev/serie5/rev_em_35/2009_em_35_fserralha_caratmem_p5.pdf

Silva, A. M. (2012). *A colaboração dos avós na educação dos netos*. Interfaces Científicas Educação, 1(1),67-75.

https://www.researchgate.net/publication/276901322_A_colaboracao_dos_avos_na_educacao_dos_netos

Silva, B. & Craveiro, C. (2014). *O portefólio como estratégia de avaliação das aprendizagens na educação de infância: Considerações sobre a sua prática*. Revista zero-a-seis. 1(29), 33-53.

Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação.

http://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf

Silva, A. H. & Fossa, M. I. (2013). *O processo de socialização organizacional como estratégia de integração indivíduo e organização*. Cadernos da Escola de Negócios, 1(11), 17-28.

Souza, A. (2016). *Educação e cuidado nas relações intergeracionais*. Memoralidades, 119–139.

Tavares, M & Nogueira, M. (2015). *Relação família-escola: Possibilidades e desafios para a construção de uma parceria*. Revista Formação@Docente- Belo Horizonte, 5(31), p.43-57.

Vasconcelos, T., Rocha, C., Loureiro, C., Rodrigues, P. F., Castro, J. d., & Menau, J. (2011). *Trabalhos por projetos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens Integrar Metodologias*. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/2679>

Vieira, S. (2010). *PAREDES QUE SEPARAM GERAÇÕES: CRIANÇAS IDOSOS EM INSTITUÇÕES*. Universidade de Aveiro.
<https://core.ac.uk/download/pdf/15563912.pdf>

Yin , R. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2.^a ed.). Bookman.
https://www.academia.edu/6937026/Estudo_de_Caso_Planejamento_e_Metodos_Robert_k_Yin

ANEXOS

| | " | | "

ANEXO A: PORTEFÓLIO DA
PRÁTICA PROFISSIONAL
SUPERVISIONADA

| ' ' | | ' ' |

Para garantir a confidencialidade dos intervenientes, o Portfólio Profissional foi disponibilizado em um documento PDF separado, intitulado Portefólio_BeatrizOliveira_PPSII.

O Portefólio da criança encontra-se em anexo no documento referido e foi entregue em suporte de papel ao encarregado de educação da criança em questão.

ANEXO B: GUIÃO DA ENTREVISTA
REALIZADA À EDUCADORA
COOPERANTE

| | ' ' | | ' ' |

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista; • Motivar o entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação para a realização do relatório da PPS I. - O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. - Pedir autorização para gravar áudio; - Informar devolução das transcrições. 	
B. Definição do perfil do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o percurso profissional do/a educador/a 	B1. Qual o seu percurso formativo e profissional? B2. O que significa ser educadora de infância?	B1.1 Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância? E na atual OS?
C. Perspetivas sobre a educação dos 0 aos 3 anos;	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o grau de importância que a educadora atribui à creche 	C1. Qual a importância da educação pré-escolar para a(s) criança(s)? E para as famílias(s)?	
D. Trabalho em equipa	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender como é caracterizado o trabalho em equipa 	D1. Pode caracterizar o trabalho em equipa nesta OS? Dê exemplos. D2. Identifique dois pontos fortes e dois pontos a melhorar em relação ao trabalho em equipa na sala de atividades?	-
E. Relação com as Famílias	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a participação das famílias das crianças na creche; • Conhecer as estratégias utilizadas pela educadora de modo a promover a articulação com as famílias 	E1. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização para os promover? E as suas? E2. Quais são as potencialidades e dificuldades que tem nesta dimensão?	

F. Conceção e lugar da(s) criança(s) na creche	<ul style="list-style-type: none"> • Caraterizar conceções de criança e infância • Compreender e situar o(s) lugar(es) das crianças na creche 	<p>F1. Como define criança? Que lugar ocupa a criança na creche e na sala/grupo, na sua opinião?</p> <p>F2. Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente? Como faz esse diagnóstico?</p>	
G. Abordagem Pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os princípios pedagógicos seguidos pela educadora. • Identificar o modelo pedagógico implementado pela educadora. 	<p>G1. Quais são os princípios pedagógicos que fundamentam/sustentam a sua prática?</p> <p>G2. Adota algum modelo pedagógico para organizar a prática? Se sim, qual? Como o implementa?</p>	
H. Observação, Planificação/Documentação/Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os procedimentos de observação e avaliação da criança e do ambiente educativo. • Compreender como é elaborada a planificação educacional. 	<p>H1. Como planifica o seu trabalho durante o ano letivo (através de planificações anuais, trimestrais, mensais, diárias, etc.) e que critérios aplica?</p> <p>H2. Como é feita a avaliação das crianças (procedimentos e instrumentos) e a avaliação do ambiente educativo?</p>	
Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Finalizar a entrevista 	<p>-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p> <p>- Obrigada pela sua disponibilidade</p>	<p>- Confirmar se existe algo mais a acrescentar</p> <p>- Agradecer a disponibilidade</p>

ANEXO C: TRANSCRIÇÃO DA
ENTREVISTA À EDUCADORA
COOPERANTE

| ' ' | ' ' |

- A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a**
- A1. Esta entrevista tem como principal objetivo a obtenção de informação necessária à realização do tópico “caraterização reflexiva do contexto socioeducativo” referente ao relatório da PPS I.**
- A2. O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido.**

OK

- A3. Autoriza que grave a entrevista?**

Sim.

- A4. Assim que tiver a devida transcrição envio-lhe para validação**

B. Definição do perfil do/a entrevistado/a

- B1. Qual o seu percurso formativo e profissional?**

Então iniciei uma o meu percurso como educadora já há muitos anos e passei por um bairro com dificuldades, económicas, emocionais de relação. Foi muito importante para mim como início de carreira, fui a pensar que ia ser educadora e ia ser assim um mundo maravilhoso e deparei-me com algumas dificuldades que me ajudaram imenso a crescer e se calhar a dar uma volta àquilo que eu achava que era o trabalhar com crianças. Depois passei para aqui para onde estou agora e é uma realidade diferente com características diferentes, mas também com desafios que como todas as crianças nos dão. Os desafios aqui foram desafios que me ajudaram a pôr em prática mais a minha concessão como educadora como como aquilo que eu gosto de transmitir às crianças passei também pela creche foi uma experiência diferente estava muito habituada ao pré-escolar em que há muita mais dinâmica há muita mais interação e depois cheguei à creche era agora eu é que tenho que acalmar. Acabou por ser também interessante, acabei por viver um bocadinho mais até o papel de mãe do que educadora pois na creche os cuidados básicos

são muito importantes a nossa relação enquanto estamos a dar esses cuidados básicos é muito interessante. Eu só podia tirar educadora de infância pronto, só podia. Fiz o curso da Maria Ulrich, estagiei em cascais foi a minha primeira experiência como educadora.

B1.1. Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância

Sou educadora há 40 anos, comecei exatamente com 22.

B2. O que significa, para si, ser educador/a de infância?

Para mim é ser pequena também, é aproveitar também, é ouvi-los nas coisas mais pequeninas e parece que não, que não são importantes, mas cada pergunta que eles fazem cada observação que fazem não consigo deixar de responder.

C. Perspetivas sobre a educação de infância e contextos educativos:

Importância da educação dos 3 aos 6 anos e Importância socioeducativa dos jardins de infância.

C1. Qual a importância do pré-escolar para a(s) criança(s)? E para as famílias(s)?

Permite que as famílias tenham a sua atividade profissional, que não podiam fazê-lo se não existissem as escolas no Jardim de infância, não é? Penso que todas as famílias têm as crianças na escola porque precisam de trabalhar. É também para as crianças criarem relação com os outros e aprender a respeitar e fazer atividades que lhes permitem o desenvolvimento de motricidade, se calhar com mais evidência do que se vivessem em casa a socialização. Estar em grupo saber esperar saber respeitar e depois também dar-lhes oportunidade que eles sejam ouvidos e que o que eles nos pedem e que sugerem seja feito. Dar-lhes a liberdade de poderem executar as suas coisas, as suas necessidades.

D. Trabalho em equipa

D1. Pode caracterizar o trabalho em equipa nesta OS? Dê exemplos.

Olha o trabalho em equipa aqui é mesmo de equipa é um por todos e todos por um. Na minha equipa alargada somos colaboradores, ouvimos imenso umas às outras e ouvimos às vezes algumas críticas, mas que nos ajudam a mudar. Em grupo conseguimos melhor chegar a um consenso.

Com a minha equipa de sala que é a minha auxiliar é estarmos em sintonia sempre é eu poder dizer S agora passe aqui porque eu não consigo é S aqueles meninos ali precisam de si e ela ouvir-me sempre e tentar nos ajudar, percebemos um bocado ela já sabe até qual é o trabalho que temos, o que é que é mais importante fazer em cada momento. E é ouvi-la também, ouvir também o feedback que ela tem em relação aos meninos, alguma coisa que ela precise mudar, a opinião dela é muito importante.

D2. Identifique dois pontos fortes e dois pontos a melhorar em relação ao trabalho em equipa nesta OS? E na sala de atividades?

Primeiro numa escola tão grande como esta há sempre coisas a mudar e aspetos a melhorar. Fortes que acontecem na equipa é que defendemos que é importante reuniões periódicas para tratarmos de assuntos que no dia a dia, de um lado para o outro, não é possível tratar e nós conseguimos manter uma reunião pelo menos por semana. Em conjunto encontrarmos soluções e encontrarmos até estratégias e outras coisas para fazer. Por exemplo, a nível dos recreios de momento não estão muito preparados, mas temos feito um esforço imenso para que os recreios sejam saudáveis e não sejam só lugar onde eles vão só correr não que tenham outros objetos e outras outros materiais que facilitem a descoberta. Quanto a melhorar, não temos, nós ouvimo-nos, é uma equipa que se dá. Não temos desencontros de opinião, mas temos aceitação umas pelas outras acho que não há assim nenhum ponto.

E na sala o que é que acha que a equipa poderia melhorar?

A equipa na sala, com a minha auxiliar eu precisava de ter de dar um bocadinho mais tempo para ela me dar feedback de algumas ansiedades dela porque eu não sou de conversar, muito porque o meu foco são eles. Tu reparas que eu não falo com a S, só falo

naqueles momentos que ela me diz L atenção, isto tem de ser assim e eu precisava de dar um bocadinho mais tempo para ela dialogar comigo.

E. Relação com as Família

E1. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização para os promover? E as suas?

Somos uma escola muito aberta, as famílias entram e estão e tem sempre a porta aberta. No início do ano é-lhes dado um questionário sobre as perspetivas que eles têm, o que é que gostariam que se desenvolvesse ao longo do ano e, portanto, eles aí já estão a participar, já estão a ajudar um bocadinho a fazer o nosso projeto a delinear os pontos que achamos importantes para desenvolver ao longo do ano eles próprios participam na realização do projeto educativo.

Depois estratégias como tu estás a perceber por exemplo o facto de pedirmos às famílias que participarem no projeto existem outras estratégias eu tenho aqui na sala, por exemplo, cada família está a criar uma história, que parte da sala. Aconteceu uma história na sala mas a história não tem fim e vai para casa da família para dar continuidade à história.

Por exemplo temos a hora de trabalho com pais existe 1 hora de trabalhos com os pais e foi divulgado na reunião, escrevem e dizem olha eu gostava de vir contar uma história, ou pode ser uma coisa relacionada com um projeto e com uma família, por exemplo tem algo em casa que se relaciona com o nosso projeto e vêm partilhar as suas aprendizagens e as suas experiências. Também podem vir ensinar uma música, ou uma culinária, podem vir à sala. Outra estratégia que eu uso muito e digo sempre venham 5/10 minutos observar com ele e fazer um jogo. Muitos ficam na sala um bocadinho e a criança pensa a sala não é só minha é da minha família também, isso é muito importante para eles.

E.2 Quais são as potencialidades e dificuldades que tem nesta dimensão?

As crianças ganham sempre com essa abertura e com essa presença da família aqui há famílias que não gerem muito bem isso. Às vezes a criança depois já não percebe se o pai era para ficar durante a manhã ou não. Os pais não são todos iguais e gerem às vezes as coisas como o filho dele sendo único na turma e não percebem que às vezes temos que funcionar em grupo e acha que o dele é que pode trazer um chupa chupa para comer a meio da manhã e temos que os alertar. O facto de haver horário nós dizemos, mas às vezes vêm perturbar, entram às 10 e ainda entram na sala com a criança, não é fácil, não gosta de vestir o bibe, ainda tem que haver aqui uma pausa para a birra, para a separação. Pensam como só sendo um elemento e são muitos, somos um grupo e às vezes é importante funcionarem em grupo.

F. Conceção e lugar da(s) criança(s) no pré-escolar?

F.1. Como define criança? Que lugar ocupa a criança no pré-escolar e na sala/grupo, na sua opinião?

Criança no pré-escolar na sala já está em evolução com emoções espírito crítico pronta a alicerçar a sua personalidade que é o lugar que ocupa aqui. Cada criança é única, não há nenhuma criança igual a ela, por isso ocupa um lugar único, como seres únicos.

F.2. Como caracteriza o grupo de crianças com o qual trabalha atualmente? Como faz esse diagnóstico?

O grupo tem a sua personalidade, são carinhosos, são colaboradores. Não são sempre da mesma forma, têm as suas alterações, as suas fases, mas é um grupo colaborador. A espontaneidade deles é sempre bem-vinda, que sai dentro dele, é que os caracteriza, mas às vezes percebo quando a sua expressão, a aceitação de uma proposta, ou não, é tão acarinhada. A qualquer momento eu percebo se a criança está a gostar daquilo que estamos a fazer. Percebo a sua forma de vir ter connosco, se vem aconchegar-se no colo, se pede um colo ou se pede a nossa mão, é porque se calhar está a precisar de um mimo. Tenho que fazer para o projeto pedagógico e consigo logo após a adaptação após estarem um tempo na escola perceber se vai ser um grupo que eu tenho que ir mais pelo lado das

emoções, tenho que vir mais pelo lado físico, se querem brincadeiras mais de rua, ou tenho que ir por outro lado, pelo lado mais das emoções, de brincarmos mais no chão.

G. Abordagem Pedagógica

G.1 Quais são os princípios pedagógicos que fundamentam/sustentam a sua prática?

São muito os valores em que eu acredito e aquilo que eu gosto de transmitir a um grupo. Há sempre valores que são inerentes a qualquer pessoa e a qualquer ser, não é? Utilizo muito a pedagogia de participação, sigo o movimento escola moderna que é o método pedagógico da escola. Nunca deixo uma novidade que uma criança traga uma participação que traz, tento sempre incluir isso, mas o movimento escola moderna também tem um mapa do contar e eles têm sempre de comunicar ao grupo, e daí às vezes partem os projetos, essa partilha que eles têm observação, planificação, documentação e avaliação que vai fazendo ao longo do ano letivo.

G.2 Adota algum modelo pedagógico para organizar a prática? Se sim, qual? Como o implementa?

Respondida anteriormente.

H. Observação, Planificação/Documentação/Avaliação

H.1. Como planifica o seu trabalho durante o ano letivo (através de planificações anuais, trimestrais, mensais, diárias, etc.) e que critérios aplica?

Temos que sempre seguir um bocadinho as orientações curriculares e os seus conteúdos, nós temos que passar por elas. Na prática tentamos que tudo saia das sugestões das crianças e do que elas manifestam que gostavam de fazer aí depois eu tento incluir todas as áreas das orientações. No diário semanalmente nós escrevemos aquilo que gostaríamos de fazer e é a partir do diário que sai depois as planificações.

H.2. Como é feita a avaliação das crianças (procedimentos e instrumentos) e a avaliação do ambiente educativo?

A avaliação das crianças tem a ver com a escolha que eles fazem, nós guardamos os trabalhos na pasta, as crianças vão à sua prateleira tiram alguns desenhos que querem guardar no portfólio e é mediante esses desenhos que nós tentamos fazer uma avaliação. Pegamos no desenho com a própria criança desenho e tu podes perguntar as cores até o objetivo se a intenção é saber se eles já sabem as cores. Há sempre um desenho que parece que tem uma pessoa e eu pergunto se desenhaste a pessoa então aqui são os olhos, os braços, fazemos uma leitura dos trabalhos deles.

Para fazer uma avaliação com os mais crescidos fundamentamos mais um bocadinho, tenho um conjunto de perguntas, faço lendo os seus desenhos, os seus trabalhos. Fazemos uma série de perguntas para sabermos em que nível é que eles estão. por exemplo e essas perguntas são iguais para todas as crianças dos mais velhos. Registo se aqueles conteúdos já estão adquiridos, portanto através desta avaliação consigo avaliar as áreas da matemática, desenvolvimento linguístico, de expressão. Essas perguntas acabam por responder a cada área.

Ao longo do ano observo se alguma área não está a funcionar plenamente, tento levar novidades a essa área para lhes criar essa vontade de explorar. É verdade que nesta altura do ano ainda não vão muito mas eu sei que no final do ano a área das experiências estará muito mais dinâmica e da natureza, vou ajustando a vou percebendo se há aquela área das pedras soltas não está a ser nada investida estão ali as caixinhas com aquelas com aqueles elementos e não estão a ir lá pronto ainda arranjar uma maneira de fazer com que eles descubram que ali também é giro explorar vou criando forma de criar dinâmicas diferentes para eles se sentirem mais próximos das áreas.

Finalização da entrevista

Obrigada pela sua disponibilidade.

ANEXO D: TABELA CATEGORIAL DA
ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS
PELA EDUCADORA

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidade de registo
Relação entre a organização socioeducativa e as famílias	Perceção da Educadora da sala	Envolvimento e participação das famílias na organização socioeducativa	“Somos uma escola muito aberta, as famílias entram e estão e tem sempre a porta aberta.”
		Estratégias utilizadas pela organização socioeducativa para promover esta relação	<p>“No início do ano é-lhes dado um questionário sobre as perspetivas que eles têm, o que é que gostariam que se desenvolvesse ao longo do ano (...)”</p> <p>“Por exemplo temos a hora de trabalho com pais existe 1 hora de trabalhos com os pais e foi divulgado na reunião, escrevem e dizem olha eu gostava de vir contar uma história, ou pode ser uma coisa relacionada com um projeto e com uma família, por exemplo tem algo em casa que se relaciona com o nosso projeto e vêm partilhar as suas aprendizagens e as suas experiências.”</p> <p>“Outra estratégia que eu uso muito e digo sempre venham 5/10 minutos observar com ele e fazer um jogo. “</p>
		Potencialidades desta relação	“As crianças ganham sempre com essa abertura e com essa presença da família (...)”

			<p>“Muitos ficam na sala um bocadinho e a criança pensa a sala não é só minha é da minha família também, isso é muito importante para eles.”</p>
		Dificuldades desta relação	<p>“. Os pais não são todos iguais e gerem às vezes as coisas como o filho dele sendo único na turma e não percebem que às vezes temos que funcionar em grupo e acha que o dele é que pode trazer um chupa chupa para comer a meio da manhã e temos que os alertar.”</p> <p>“O facto de haver horário nós dizemos, mas às vezes vêm perturbar, entram às 10 e ainda entram na sala com a criança, não é fácil, não gosta de vestir o bibe, ainda tem que haver aqui uma pausa para a birra, para a separação.”</p> <p>“Pensam como só sendo um elemento e são muitos, somos um grupo e às vezes é importante funcionarem em grupo.”</p>

ANEXO E: ROTEIRO METODOLÓGICO

| | " | | "

Investigação da PPSII				
Problemática	Entrelaçar Gerações em Educação de Infância: Vivências, Partilhas e Interações entre Crianças e Idosos numa sala de Pré-Escolar			
Natureza da Investigação	Qualitativa			
Design Investigativo	Estudo de Caso			
Objetivo Geral	Explorar o papel da organização socioeducativa como espaço promotor de partilhas, vivências e interações entre crianças e idosos.			
Objetivos Específicos	Técnicas	Instrumentos de Recolha de Dados	Participantes	Resultados Esperados
-Compreender as perceções das famílias, da diretora e da educadora acerca da importância da construção de parcerias com as famílias em contexto de jardim de infância;	-Observação direta não participante (naturalista); -Entrevista semiestruturada à educadora cooperante; -Entrevista semiestruturada à diretora da organização socioeducativa; -Inquérito por questionário semiestruturado às famílias.	- Guiões de entrevista; -Formulário do questionário.	-Educadora Cooperante; - 24 Famílias; - 25 crianças da sala; - Diretora da organização socioeducativa;	-Identificar as perceções das famílias; da diretora e da educadora acerca da importância da parceria entre a organização socioeducativa e as famílias;
-Sinalizar e caracterizar as práticas e atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a participação e envolvimento das famílias;	-Entrevista semiestruturada à educadora cooperante; -Entrevista semiestruturada à diretora da organização socioeducativa; -Inquérito por questionário semiestruturado às famílias. - Análise documental.	-Guiões de entrevista; -Formulário do questionário; - Projeto Educativo. -Consulta do Projeto Educativo.	- 2 avós; - 3 avós.	-Identificar as perceções das crianças sobre a

<p>-Analisar as potencialidades do convívio intergeracional para o bem-estar e desenvolvimento das crianças.</p>	<p>-Observação direta não participante (naturalista); -Conversas informais; -Entrevista semiestrutura à diretora da organização socioeducativa; -Inquérito por questionário semiestruturado às famílias.</p>	<p>- Guiões de entrevista; -Formulário do questionário; -Notas de Campo.</p>		<p>relação que estabelecem com os avós; -Identificar práticas e atividades da organização socioeducativa que promovem a interação das crianças com as famílias e com os idosos; -Identificar as potencialidades do convívio entre gerações para o bem estar das crianças e dos avós.</p>
<p>-Sinalizar e caracterizar as práticas e atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a relação entre as crianças e os idosos;</p>	<p>-Observação direta não participante (naturalista); -Observação direta participante; -Entrevista semiestrutura à diretora da organização socioeducativa;</p>	<p>-Guiões de entrevista; -Notas de Campo; -Registos Fotográficos.</p>		
<p>-Analisar as percepções das crianças e dos avós sobre as relações que estabelecem entre si;</p>	<p>- Observação direta participante; - Conversas informais; -Breve entrevista às crianças centrada apenas numa questão; -Breve entrevista aos avós centrada apenas numa questão.</p>	<p>- Questão central; -Registos informais das respostas das crianças; -Registos informais das respostas dos avós.</p>		

ANEXO F: ROTEIRO ÉTICO

| | " | | " | | "

Princípios éticos e deontológicos na investigação com crianças (Tomás, 2011)	Prática Profissional Supervisionada (PPS II)	Princípios para uma Ética Profissional (APEI, 2011)
1. Objetivos do trabalho	<p>Segundo Tomás (2011), a explicação dos objetivos do trabalho, devem de ser explicados a todos os intervenientes, estabelecendo-se desse modo uma ética democrática.</p> <p>Ao iniciar a minha Prática Profissional Supervisionada II senti que seria crucial apresentar-me a toda a equipa pedagógica e à respetiva organização socioeducativa, tal como às crianças do grupo onde fui inserida. Estas apresentações através de diversas conversas informais permitiram-me, explicar quem sou eu e em que consistia a minha presença durante todo o período da prática. Relativamente às crianças, a educadora apresentou-me e criou momentos que facilitaram as minhas primeiras interações com o grupo de crianças. No que trata a equipa educativa, fui tendo conversas diárias informais com todos os elementos, expondo as minhas dúvidas e ideias, solicitando a sua colaboração. Ao longo de toda a minha prática discuti ideias com a educadora, sobre a</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <p>- “Respeitar toda a criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social ou com necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo e divulgando os seus direitos consignados na Convenção Internacional” (p.1).</p> <p>Compromisso com as famílias:</p> <p>- “Promover a participação e acolher os contributos das famílias, aceitando-as como parceiras” (p. 2).</p> <p>Compromissos com a equipa de educativa:</p>

	<p>minha intervenção pedagógica e as respetivas dúvidas. Fui também refletindo juntamente com a educadora sobre o que deveria melhorar e aperfeiçoar. Em relação às famílias, elaborei uma carta de apresentação que a educadora colocou no dossier dos pais. Esta carta de apresentação fez-me chegar às famílias, com o intuito de me dar a conhecer e de explicitar os objetivos a cumprir durante a minha presença na prática. Para além disto, sempre que possível, durante o momento do acolhimento das crianças cumprimentei os pais pessoalmente e privilegiei de conversas informais com os mesmos de modo a acolher os contributos dos mesmos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa não discriminando qualquer colega” (p. 2). - “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (p. 2).
<p>2. Custos e benefícios</p>	<p>Em qualquer que seja a investigação, é essencial ter em consideração eventuais custos para as crianças, tais como possíveis benefícios (Tomás, 2011). Considero que a investigação em causa não expõe nenhum custo ao grupo de crianças, às famílias, ou até mesmo à equipa educativa, tendo sempre em conta o respeito e o bem-estar de toda a comunidade em todas as ações e atividades realizadas. Em relação aos benefícios, houve sempre uma preocupação na planificação de atividades que fossem ao encontro dos interesses e necessidades do grupo, promovendo aprendizagens mais significativas.</p>	<p>Compromissos com as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance” (p. 1). - “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade” (p. 1). <p>Compromisso com a equipa educativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Contribuir para o debate, na busca de

		alcançar práticas de qualidade que ressalvem os interesses das crianças” (p.2).
<p>3. Respeito pela privacidade e confidencialidade</p>	<p>Tomás (2011), defende que “estas questões deverão ser sujeitas a negociação, considerando sempre a posição dos autores quando são retiradas citações de entrevistas e se pretende torná-las públicas” (p. 161).</p> <p>O reconhecimento da organização socioeducativa onde decorreu a PPSII, tal como os dados fornecidos pelas famílias nunca foram identificados no trabalho escrito, respeitando a privacidade e a sua confidencialidade. Garanti sempre a privacidade de todos os elementos. Ao longo de toda a prática nunca identificando o nome das crianças, equipa educativa ou famílias, adotando o sistema de siglas para a identificação dos seus nomes quando presentes em registos escritos. Quanto aos registos fotográficos, disponibilizei às famílias um consentimento informado sobre a captação de fotografias, garantindo que iria sempre ocultar os dados de identificação da criança e salvaguardar o seu rosto. Os registos fotográficos obtidos, foram sempre que possível registados em ângulos onde não fossem captados os rostos e quando não foi possível, os mesmos foram tapados para manter a sua</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <p>- “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional” (p.1).</p> <p>Compromisso com as famílias:</p> <p>- “Manter sigilo relativamente às informações sobre a família (salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança)” (p. 2).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa:</p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (p. 2).</p>

	<p>confidencialidade. Em relação aos restantes consentimentos, nomeadamente o correspondente ao portfólio da criança, é importante referir que, neste foi pedida a autorização à família para a participação da criança na elaboração do portfólio, tal como foi apresentada a finalidade do mesmo, garantindo o anonimato da criança. Para além disso tive uma conversa informal com a mãe em que garanti a ocultação de dados de identificação da criança, partilhei e explicitiei os meus objetivos relativamente à minha intervenção na sala, bem como os objetivos que me foram propostos para a minha investigação durante o período de estágio.</p>	
<p>4. Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir</p>	<p>Considerando o tema da investigação, optei por incluir todas as crianças, tendo sempre em consideração, o respeito e o interesse pela vontade de participação ou não das crianças, nas atividades propostas.</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Cuidar na relação educativa a gestão da “aproximação” e da “distância”, do respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança utilizando o seu poder no sentido da autonomia de cada uma” (p. 1). - “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante,

		lúdica, situada na comunidade e aberta ao mundo” (p.2).
1. Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação	De acordo com Tomás (2011), tanto as crianças, como os adultos envolvidos na investigação “devem ser informados acerca dos objetivos e da natureza da investigação” (p. 163). Deste modo a problemática identificada, necessitou de um trabalho colaborativo com a equipa educativa, partilhando quais seriam os objetivos e métodos que tinha estabelecido para a investigação. Tive em conta os meus interesses pessoais, de modo a nunca me sobrepor às necessidades e interesses das crianças.	<p>Compromissos com a equipa educativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Ser solidário com os seus colegas de trabalho nas decisões tomadas em conjunto e nas situações difíceis” (p. 2). - “Trabalhar em equipa, promovendo uma relação de confiança, cooperação e uma prática reflexiva” (p. 2). - “Contribuir para o debate, na busca de alcançar práticas de qualidade que ressalvem os interesses das crianças” (p.2).
2. Consentimento Informado	Quanto ao consentimento informado entregue às famílias e após uma conversa informal com a educadora a mesma considerou relevante enviar para os pais e conversar nas reuniões individuais sobre o mesmo. Ao longo das manhãs de acolhimento falei diretamente com as famílias e expliquei que a proteção da identidade da criança nos registos fotográficos estaria garantida e ainda, informando acerca do direito de querer revogar o consentimento a qualquer altura, sem quais que impedimentos.	<p>Compromisso com as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional” (p.1). <p>Compromisso com as famílias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Manter sigilo relativamente às informações sobre a família (salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança).” (p. 2) <p>Princípios:</p>

	<p>Em relação às entrevistas realizadas à educadora e à diretora elaborei um guião pedindo sempre autorização antes de realizar as mesmas</p> <p>No que se refere ao inquérito por questionário, realizado às famílias realizei um pedido de cooperação no preenchimento do mesmo explicitando a razão pela qual apliquei o mesmo. Fiz também uma pequena apresentação. Garanti a confidencialidade das respostas e o seu anonimato.</p>	<p>“A Responsabilidade – enquanto atitude dinâmica que permite “dar resposta” o mais correta possível, no sentido do bem do(s) outro(s), e que exige uma mobilização pessoal atenta e solícita” (p.1).</p> <p>“O Respeito – enquanto exigência subjetiva de reconhecer, defender e promover a intrínseca e inalienável dignidade da pessoa humana” (p. 1).</p>
<p>3. Uso e relato das conclusões</p>	<p>No que diz respeito às atividades realizadas com as crianças adotei a estratégia já implementada pela equipa educativa, que consistia em expor, à porta da sala, uma breve contextualização da atividade desenvolvida, acompanhada por registos fotográficos, dando deste modo a conhecer às famílias as experiências e vivências que as crianças tinham tido. Através das conversas informais com as famílias, no acolhimento procurei dar a conhecer as diversas atividades realizadas. Quanto à investigação, após terminada, pretendo partilhar com a equipa educativa, e com as famílias um</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <p>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade” (p. 1).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa:</p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (p. 2).</p> <p>Compromisso com as famílias:</p>

	exemplar do relatório, de modo que possam ter acesso a todos os resultados obtidos com a investigação implementada.	- “Fornecer às famílias informações (...) Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais” (p. 2).
4. Possível impacto nas crianças, famílias ou equipa	Segundo Tomás (2011), “é fundamental que o investigador considere não somente o impacto provocado nas crianças envolvidas na investigação”, mas também nas respetivas famílias e na equipa educativa (p. 166). Penso que existirá um impacto positivo para as crianças, uma vez que no decorrer da investigação, irei promover momentos e interações com o grupo e com as famílias de modo a possibilitar o desenvolvimento de projetos. No que diz respeito às famílias, perspetivo que esta investigação será benéfica, pois permitirá reconhecer a importância do entrelaçamento de gerações. Ao longo do estudo, procurei sempre envolver as famílias, promovendo a sua participação ativa. Os avós das crianças tiveram a oportunidade de se envolver, desfrutando desta partilha intergeracional e beneficiando da experiência.	<p>Compromisso com as crianças: - “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance” (p. 1).</p> <p>Compromisso com a equipa educativa: - “Contribuir para o debate, na busca de alcançar práticas de qualidade que ressalvem os interesses das crianças” (p.2).</p> <p>Compromisso com as famílias: - “Fornecer às famílias informações (...) Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais” (p. 2).</p>
5. Informação às crianças e adultos/as envolvidos/as	De acordo com Tomás (2011) todo o processo investigativo deve assumir a transparência e as metodologias participativas. Deste modo, pretendo partilhar todas as informações, dentro da confidencialidade, com a equipa educativa, as crianças e as	<p>Compromisso com as crianças: - “Promover a aprendizagem e socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade.” (p. 1).</p>

	<p>famílias, através de conversas informais, explicitando os objetivos da minha intervenção e da minha investigação.</p>	<p>Compromisso com as famílias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Fornecer às famílias informações sobre o desenvolvimento concreto da criança e informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais” (p.2). <p>Compromisso com a equipa educativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (p. 2).
<p>6. Tratamento dos dados</p>	<p>Após a entrega final do relatório da minha Prática Profissional Supervisionada II comprometo-me a eliminar todos os registos relacionados com as crianças e com a instituição socioeducativa.</p>	<p>Compromisso com as crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional” (p.1). Compromisso com a equipa educativa: - “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (p. 2). <p>Compromisso com as famílias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - “Manter sigilo relativamente às informações sobre a família (salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança)” (p. 2).

ANEXO G: GUIÃO ENTREVISTA
REALIZADA À DIRETORA DA OS

| " | | " |

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões
A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado	→ Legitimar a entrevista; → Motivar o entrevistado.	- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação para a realização do relatório da PPS I. - O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. - Pedir autorização para gravar áudio; - Informar devolução das transcrições.
B. Participação e envolvimento das famílias	→ Conhecer o tipo de envolvimento e participação das famílias na organização socioeducativa.	B1. Que tipo de envolvimento e participação têm as famílias nesta organização socioeducativa?
C. Estratégias utilizadas para promover a relação da instituição com as famílias	→ Compreender quais as estratégias utilizadas pela organização socioeducativa.	C1. Que estratégias é que utilizam para envolver e promover a relação com as famílias?
D. Apoio às famílias menos presentes	→ Compreender como é que a organização socioeducativa lida com as famílias que não estão tão presentes.	D1. Como é que lida com as famílias que não conseguem participar ativamente nas atividades implementadas pela

		organização socioeducativa
E. Programas e projetos de interação entre crianças e idosos	→ Conhecer os projetos que envolvem a interação entre gerações.	E1. A instituição tem programas ou projetos que envolvem a interação entre as crianças e os idosos da comunidade ou da família se sim, quais são os objetivos dessas iniciativas?
F. Visão da diretora acerca da inclusão dos idosos nas organizações socioeducativas	→ Conhecer a visão da diretora no que trata a inclusão dos idosos nos espaços educativos.	F1. Na sua visão como é que a inclusão dos idosos nos espaços educativos contribui para o desenvolvimento das crianças e para o fortalecimento de laços familiares?
Conclusão da entrevista	→ Finalizar a entrevista	-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? - Obrigada pela sua disponibilidade

ANEXO H: ENTREVISTA À
DIRETORA DA OS

| | " | | " |

Esta entrevista tem como principal objetivo a obtenção de informação necessária à realização do tópico “caraterização reflexiva do contexto socioeducativo” referente ao relatório da PPS I.

A2. O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido.

OK

A3. Autoriza que grave a entrevista?

Sim.

B1. Que tipo de envolvimento e participação tem as famílias nesta organização socioeducativa?

Aqui é assim, a nossa instituição tem no fundo como carisma precisamente a família, nós somos um instituto de vida consagrada, nós somos leigas consagradas e o nosso fim, o nosso carisma é precisamente a família. Como é que tudo que seja referente à família referida à família, nós estamos abertas, estamos atentas e tentamos ajudar naquilo que nos é possível, também ajudar. Tentamos também ajudar no acompanhamento de casais, no apoio que possamos dar mesmo às famílias que vêm, aqui à instituição, que trazem os seus filhos e, portanto, todo o bem que nós possamos fazer, nós tentamos realmente sermos uma luz que os pode ajudar a guiar, a conduzir os seus caminhos.

C1. Que estratégias é que utilizam para envolver e promover a relação com as famílias?

Nós temos um movimento de famílias, pais e filhos que é chamado MLC Movimento Por um Lado Cristão e essas famílias têm portanto encontros mensais, têm retiros têm portanto e nesses encontros mensais que que têm portanto é lhes dado um tema, aliás eles têm uma brochura têm um livrinho que é feito no início do ano e que eles vão partilhando vários temas para pronto, o fim, o fim desse encontro realmente é o tema,

a estrutura, eles reúnem-se para rezar, para partilhar, para refletir e também depois terminam sempre com um lanchinho de convívio e pronto, isto cria laços entre os casais e os filhos. Os filhos, também, nós ultimamente não temos feito e as crianças tinham ao mesmo tempo que os pais tinham a sua reunião a sua formação, as crianças tinham também eram os pré-focos. Nós temos também o movimento de jovens que são uns focos de esperança e tínhamos os pequeninos que eram os pré-focos, ultimamente não se tem dado muita importância, por falta também de de apoio e realmente acabou por vá lá, não morreu à nascença mas mas quase quase, temos que voltar outra vez a retomar essa atividade.

D1. Como é que lida com as famílias que não conseguem participar ativamente nas atividades implementadas pela organização socioeducativa

É assim, nós temos também organizado aqui, alguns encontros de pais mesmo formativos para para que realmente os pais também naquela naquelas áreas que nós achamos que que é necessário também falar aos pais e arranjar alguém que os possa ajudar, nós tentamos sempre chegar lá para que realmente essa presença familiar com as crianças seja cada vez mais mais forte porque hoje as crianças mesmo pequeninas vêm para cá, são nos confiadas a nós e a maior ajuda que nós podemos dar a essas famílias é realmente a nossa relação com eles, é o carinho, é o afeto é é pronto a nossa forma de estar com eles, mais afetiva e que realmente nada lhes aconteça, inclusive nós temos a preocupação de todos os dias rezar por estes meninos para que o senhor nos livre de todos os perigos e também pelas suas famílias e ainda pelos colaboradores trabalham connosco, também são famílias e rezamos por eles todos os dias. Pronto esta é a parte mais espiritual, mas tentamos também compreender e pronto e acolher da melhor forma dando assim também uma resposta não é às famílias. Claro que nos encontros que nós temos organizado para os pais nem sempre, nem sempre tem muita adesão, os pais vêm muito para esses encontros, o que é uma pena muito grande, mas pronto também sabemos que a vida das famílias hoje é muito complicada.

E1. A instituição tem programas ou projetos que envolvem a interação entre as crianças e os idosos da comunidade ou da família se sim, quais são os objetivos dessas iniciativas?

Sim! O objetivo é mesmo criar esta interação com os idosos porque eu sei, nós temos aqui um lar muito perto de nós e é aí que os meninos já têm ido lá a trabalhar com eles, interagir com eles com jogos, bola e mais outros materiais que normalmente levam e o que eu sei também pela técnica dos idosos é que há idosos que passam o dia muito fechados e não se relacionam com ninguém mas quando vêm as crianças eles abrem-se, parece que há uma luz uma luz que aparece para eles e em que eles interagem, interagem muito com as crianças e querem pegar neles e querem dar-lhes as mãos e querem chamam-nos etc.. Eu acho que isso é a melhor coisa, portanto, que nós possamos ter e até porque, hoje muitas das crianças têm pouca relação com os idosos, e os idosos muitas vezes são colocados nos lares e as crianças têm pouca relação com eles, enquanto que há, também há muitos mas muitas crianças que têm uma relação muito boa com os avós porque muitos deles, os avós vêm buscá-los, dão esse apoio aos netos e aos filhos claro porque os vêm buscar à escola porque têm uma relação muito forte com eles e isso é um bem muito forte. Eu também fui criada pelos meus avós e, portanto, tenho maior experiência, claro que os tempos eram outros não como agora pronto nós passamos um pouco do oito para o oitenta ou do oitenta para o oito, em que realmente os nossos avós educavam-nos, educavam-nos da maneira que eles sabiam, melhor, às vezes mesmo com uma palmadinha e pronto, mas a verdade é que nós tínhamos aquele respeito aos avós e sabíamos que aquilo não podíamos fazer e não fazíamos. Hoje, é um bocadinho diferente essa relação, mas é ótima, a relação com os avós é sempre muito boa. Aqui com estes avós que estão cá agora assim por uns meses, estes senhores que nós recebemos, também tem sido muito bom e também tenho falado com a com a responsável e ela diz que tem sido ótima e com as educadoras também tem sido muito bom a relação das crianças com os idosos. No princípio eles afastam-se um bocadinho, penso que têm um bocado medo têm um bocado de receio, mas depois aproximam-se e já queria uma boa relação com eles.

F1. Na sua visão como é que a inclusão dos idosos nos espaços educativos contribui para o desenvolvimento das crianças e para o fortalecimento de laços familiares?

Olha, os avós os avós, pronto na vida escolar mesmo, já referi isso, muitos deles pela experiência que eu tenho aqui de muitas famílias porque são 260 crianças assim, pronto são 258, mas eu às vezes digo 260 que é possível, para o próximo ano seja mais mas porque é um número mais redondo. A experiência que eu tenho é realmente este apoio que os avós dão às crianças e depois também nós apercebemo-nos que mesmo a nível espiritual, os avós ensinam as orações aos pequeninos também ensinam as crianças a rezar e agradecer ao Jesus, a agradecer as as pequenas coisas, porque não é preciso grandes coisas, a agradecer o dia agradecer, o sol que nos ilumina e nos aquece, agradecer a chuva que vem regar as plantas, que vem acrescentar as nossas barragens e podermos ter água suficiente para bebermos, para nos cuidar etc.. Eu acho que toda a relação, na vida escolar, os mais crescidos eu não tenho tanta experiência, mas como os pequeninos tenho esta tenho esta experiência da relação que eles criam com os avós muito muito forte mesmo quando estão doentes são os avós que cuidam que os tratam etc... e ficam com eles e lhes dão banho e lhes dão jantar. Olha eu estou a pensar que, nós aqui também, aqui no botãozinho, nós já demos de jantar centenas e centenas de crianças que às vezes ficam para mais tarde e nós também damos-lhe o jantar, eles nunca vão para casa sem comer porque a nossa hora de jantar é às 19h e a essa hora se os pais ainda não vieram, porque têm um acidente na estrada, aconteceu uma reunião mais demorada e os pais não conseguiram vir a tempo e horas e dizem que vão chegar mais tarde e pronto, nós levamos a criança para a nossa sala de jantar e os meninos e até de filhos de funcionárias que não só o jantar mas até o banhinho nós lhe dávamos. Quando iam para casa já iam com banho tomado e com o jantarzinho e a gente, ficava até feliz por dizer aos pais olhe mãe ou pai, o seu menino, menina já vai jantada, já tem o banho tomado e o jantar, portanto olhe é só deitá-lo e brincar um bocadinho com ele, porque é importante que os pais tirem uns minutinhos meia horinha se puder se possível para estar exatamente só para a criança. Eu sei que é difícil, a vida é complicada hoje, mas mas se os pais e os avós dão esta atenção eu acho que já é uma riqueza muito grande, muito grande para as

crianças e claro que os trabalhinhos aqueles que estudam que já andam na escola primária ou isso ou até mais tarde com certeza que os avós, eles dão apoio quando estão em casa e lhes dizem olha vai fazer os trabalhos, mas se precisares de ajuda chama-me. Os avós também dão essa ajuda se sobretudo são pessoas com alguma formação académica pronto.

Muito obrigada! Fiz todas as questões que eu precisava e agradeço muito a sua disponibilidade e assim que tiver a transcrição da entrevista envio por email.

ANEXO I: TABELA CATEGORIAL DA
ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS
PELA DIRETORA DA OS

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro
Relação entre a organização socioeducativa e as famílias	Relação estabelecida entre a organização socioeducativa e as famílias	Participação e envolvimento das famílias	<p>“Aqui é assim, a nossa instituição tem no fundo como carisma precisamente a família, nós somos um instituto de vida consagrada, nós somos leigas consagradas e o nosso fim, o nosso carisma é precisamente a família.”</p> <p>“Como é que tudo que seja referente à família referida à família, nós estamos abertas, estamos atentas e tentamos ajudar naquilo que nos é possível, também ajudar.”</p>
		Estratégias utilizadas para promover a relação da instituição com as famílias	<p>“Tentamos também ajudar no acompanhamento de casais, no apoio que possamos dar mesmo às famílias que vêm, aqui à instituição, que trazem os seus filhos e, portanto, todo o bem que nós possamos fazer, nós tentamos realmente sermos uma luz que os pode ajudar a guiar, a conduzir os seus caminhos.”</p> <p>“Nós temos um movimento de famílias, pais e filhos que é chamado MLC Movimento Por um Lado Cristão e essas famílias têm, portanto, encontros mensais (...)”</p>
		Apoio às famílias	<p>“É assim, nós temos também organizado aqui, alguns encontros de pais mesmo formativos para para que realmente os pais também naquela naquelas áreas que nós achamos que que é necessário também falar aos pais e arranjar alguém que os possa ajudar, nós</p>

			<p>tentamos sempre chegar lá para que realmente essa presença familiar com as crianças seja cada vez mais forte (...)"</p> <p>"Claro que nos encontros que nós temos organizado para os pais nem sempre, nem sempre tem muita adesão, os pais vêm muito para esses encontros, o que é uma pena muito grande, mas pronto também sabemos que a vida das famílias hoje é muito complicada."</p> <p>"Olha eu estou a pensar que, nós aqui também, aqui no botãozinho, nós já demos de jantar centenas e centenas de crianças que às vezes ficam para mais tarde e nós também damos-lhe o jantar, eles nunca vão para casa sem comer porque a nossa hora de jantar é às 19h e a essa hora se os pais ainda não vieram, porque têm um acidente na estrada, aconteceu uma reunião mais demorada e os pais não conseguiram vir a tempo e horas e dizem que vão chegar mais tarde e pronto, nós levamos a criança para a nossa sala de jantar e os meninos e até de filhos de funcionárias que não só o jantar mas até o banhinho nós lhe dávamos."</p>
Interação entre crianças e idosos	Interação entre crianças e idosos na organização socioeducativa	Programas e projetos de interação entre crianças e idosos	"O objetivo é mesmo criar esta interação com os idosos porque eu sei, nós temos aqui um lar muito perto de nós e é aí que os meninos já têm ido lá a trabalhar com eles, interagir com eles com jogos, bola e mais outros materiais (...)"

			<p>“Aqui com estes avós que estão cá agora assim por uns meses, estes senhores que nós recebemos, também tem sido muito bom e também tenho falado com a com a responsável e ela diz que tem sido ótima e com as educadoras também tem sido muito bom a relação das crianças com os idosos.”</p>
	<p>Visão da no que trata a visão da diretora sobre a inclusão dos idosos nos espaços educativos.</p>	<p>Idosos</p>	<p>“(…) há idosos que passam o dia muito fechados e não se relacionam com ninguém mas quando vêem as crianças eles abrem-se, parece que há uma luz uma luz que aparece para eles e em que eles interagem, interagem muito com as crianças e querem pegar neles e querem dar-lhes as mãos e querem chamam-nos etc..”</p> <p>“Eu acho que isso é a melhor coisa, portanto, que nós possamos ter e até porque, hoje muitas das crianças têm pouca relação com os idosos, e os idosos muitas vezes são colocados nos lares e as crianças têm pouca relação com eles (...)”</p> <p>“A experiência que eu tenho é realmente este apoio que os avós dão às crianças e depois também nós apercebemo-nos que mesmo a nível espiritual, os avós ensinam as orações aos pequeninos também ensinam as crianças a rezar e agradecer ao Jesus, a agradecer as as pequenas coisas, porque não é preciso grandes coisas, a agradecer o dia agradecer, o sol que nos ilumina e nos aquece, agradecer a chuva</p>

		que vem regar as plantas, que vem acrescentar as nossas barragens e podermos ter água suficiente para bebermos, para nos cuidar etc..”
	Avós	<p>“ (...) mas muitas crianças que têm uma relação muito boa com os avós porque muitos deles, os avós vêm buscá-los, dão esse apoio aos netos e aos filhos claro porque os vêm buscar à escola porque têm uma relação muito forte com eles e isso é um bem muito forte.”</p> <p>“(...)é ótima, a relação com os avós é sempre muito boa.”</p> <p>“ (...) tenho esta experiência da relação que eles criam com os avós muito muito forte mesmo quando estão doentes são os avós que cuidam que os tratam etc... e ficam com eles e lhes dão banho e lhes dão jantar.”</p> <p>“Eu sei que é difícil, a vida é complicada hoje, mas se os pais e os avós dão esta atenção eu acho que já é uma riqueza muito grande, muito grande para as crianças e claro que os trabalhinhos aqueles que estudam que já andam na escola primária ou isso ou até mais tarde com certeza que os avós, eles dão apoio quando estão em casa e lhes dizem olha vai fazer os trabalhos, mas se precisares de ajuda chama-me.”</p>

ANEXO J: INQUÉRITO POR
QUESTIONÁRIO REALIZADO ÀS
FAMÍLIAS

| | " | | "

Que importância atribui à relação entre a família e a organização socioeducativa?

Nada importante

Pouco importante

Importante

Muito importante

Justifique a sua resposta

Como avalia a sua participação nas atividades organizadas pela organização socioeducativa?

0 Nada Ativa

1

2

3

4

5 Muito Ativa

Já participou em alguma atividade promovida pela organização socioeducativa?

Sim

Não, mas gostaria de participar

Não

Que tipo de atividades gostaria que fossem promovidas para envolver mais as famílias?

A criança tem contacto frequente com os avós?

Sim, diariamente.

Sim, semanalmente.

Sim, ocasionalmente

.Não, raramente.

Não tem contacto

De que forma os avós participam na rotina da criança?

Prestam cuidados diários à criança.

Vão levar e buscar a criança à organização socioeducativa.

Brincam e conversam com a criança.

Participam nas atividades organizadas pela organização socioeducativa

Partilham histórias e vivências

Vão passear

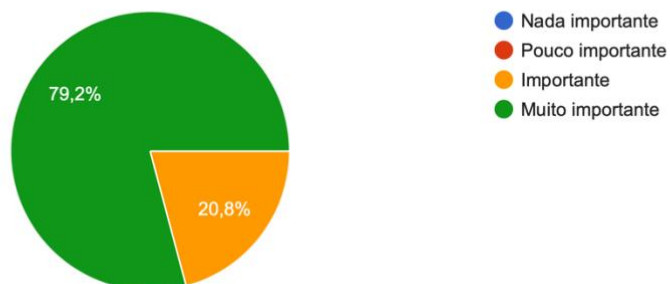
Moram em outro país por isso falam por chamada

ANEXO K: GRÁFICOS DO
INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

| | " | | " |

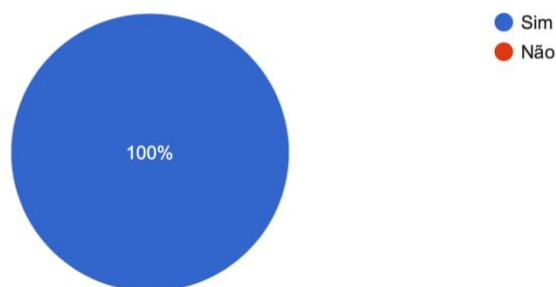
Que importância atribui à relação entre a família e a organização socioeducativa?

24 respostas



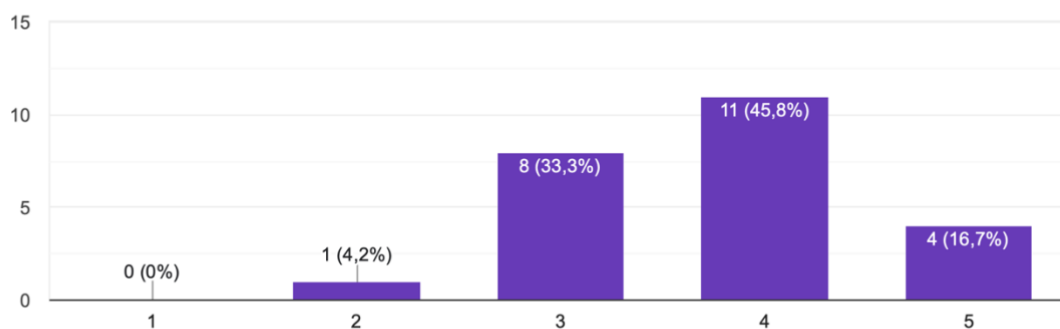
Considera que existe uma boa relação entre as famílias e a organização socioeducativa?

24 respostas



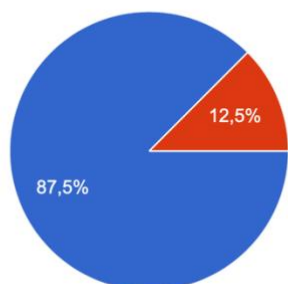
Como avalia a sua participação nas atividades organizadas pela organização socioeducativa?

24 respostas



Já participou em alguma atividade promovida pela organização socioeducativa?

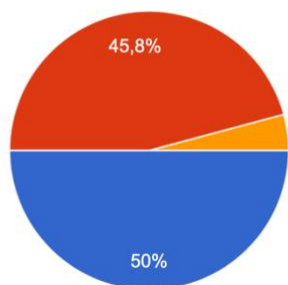
24 respostas



- Sim
- Não, mas gostaria de participar
- Não

A criança tem contacto frequente com os avós?

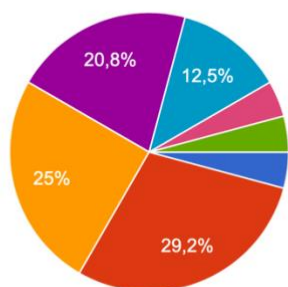
24 respostas



- Sim, diariamente.
- Sim, semanalmente.
- Sim, ocasionalmente.
- Não, raramente.
- Não tem contacto.

De que forma os avós participam na rotina da criança?

24 respostas



- Prestam cuidados diários à criança.
- Vão levar e buscar a criança à organização socioeducativa.
- Brincam e conversam com a criança.
- Participam nas atividades organizadas pela organização socioeducativa
- Partilham histórias e vivências
- Vão passear
- Moram em outro país por isso toda se...
- No nosso caso é um pouco de todas.

ANEXO L: TABELAS CATEGORIAIS
ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS
AO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO
REALIZADO ÀS FAMÍLIAS

Tabela Categorical Inquérito por Questionário pergunta “justifique a sua resposta” referente à pergunta “Que importância atribui à relação entre a família e a organização socioeducativa?”

Tema	Categoria	Unidade de registo	Frequência	Nº de Sujeitos
Relação entre a família e a organização socioeducativa.	Organização socioeducativa como extensão da família	<p>“Uma boa e transparente relação é essencial pq é onde meu filho passa a maior parte do dia.”</p> <p>“As crianças passam muito tempo na organização socioeducativa e por isso deve haver uma relação próxima entre esta e a família.”</p> <p>“A organização socioeducativa é uma extensão da família visto que as crianças passam lá o dia praticamente todo.”</p>	3	3
	Relação promotora do	“A colaboração entre a escola e a família é	1	1

	bem-estar da criança	importante para o bem estar das crianças.”		
	Alinhamento e consistência entre a organização socioeducativa e a família.	“A escola deve integrar o interesse e a postura da família e vice-versa. Esta consistência ajudará a criança.”	1	1
	Necessidade de uma relação próxima entre a organização socioeducativa e a família.	<p>“São duas das partes mais importantes da vida da criança e, portanto, é importantíssimo que exista uma relação próxima e estejam alinhadas.”</p> <p>“Não há sociedade verdadeiramente equilibrada sem uma relação próxima entre os estabelecimentos de ensino e as famílias, sobretudo quando as crianças são mais novas.”</p> <p>“São ambos intervenientes muito</p>	3	3

		importantes na formação das crianças.”		
	Relação promotora do desenvolvimento da criança	“Fundamental para, em conjunto, ajudarmos as nossas crianças a crescerem e aprenderem.”	1	1

Tabela Categorical Inquérito por Questionário pergunta “Que tipo de atividades gostaria que fossem promovidas para envolver mais as famílias?”

Tema	Categoria	Unidade de registo	Frequência	Nº de sujeitos
Atividades que as famílias sentem que deviam ser promovidas	Atividades a promover para envolver as famílias em sala	“Dias de família em sala” “Algum tipo de atividade entre os vários pais e as crianças que permita conhecer as famílias da sala”	2	2

	Atividades a promover para envolver as famílias fora do horário laboral	<p>“Atividades no horário laboral eu infelizmente nunca poderia participar, mas as vezes algumas sugestões para fazer fora do horário laboral onde pudéssemos ampliar a vivência com mais amiguinhos e pais, seria ótimo”</p> <p>“Mais projetos em que as famílias pudessem participar, mas compreendo que tenham de ser fora do horário de trabalho dos pais e também dos educadores.”</p>	2	2
	Atividades a promover para envolver as famílias no espaço exterior	“Atividades desportivas e de lazer, incluindo no meio da natureza.”	1	1
	Atividades a promover para envolver as famílias	“Não acho que deveria haver mais atividades uma vez que a escola já promove muitas atividades com a família.”	1	1

ANEXO M: TABELA CATEGORIAL
ANÁLISE DAS NOTAS DE CAMPO

| | " | | " |

Tema	Categoria	Subcategoria	Unidade de registo
Práticas e atividades que a organização socioeducativa promove para incentivar a participação e envolvimento das famílias	Presença da família na sala	Acolhimento	<p>“Os pais como de costume entraram com a criança e foram realizando diversas atividades nas diversas áreas da sala.” (NDC31)</p> <p>“O pai entrou e foi com ele até à área dos jogos, questionando se o mesmo queria ficar a jogar um jogo.” (NDC51)</p>
	Atividades que envolvem a família	Atividades que envolvem a família da sala das T	<p>“Uma das mães chegou e tal como tinha combinado levou a história preferida do filho para contar à nossa sala.” (NDC54)</p> <p>“Neste dia veio à sala o pai do AR contar uma história de Natal e assim demos início ao advento.” (NDC141)</p> <p>“A mãe da ES e o pai escreveram uma carta em nome do gnomo Nicolau, criando algum suspense dizendo que o mesmo se encontrava dentro da nossa sala e que o tínhamos de procurar porque trazia algo para as T.” (NDC147)</p>

			<p>“No dia de hoje o pai da MP veio à sala contar uma história de Natal.” (NDC163)</p> <p>“De seguida, falámos sobre as cores do outono e eu sugeri que apanhassem folha com as famílias no fim de semana. (NDC121)”</p>
Convívio intergeracional	Atividades de convívio entre crianças e idosos	Avós das crianças da sala	<p>“De seguida falaram nos avós uma vez que o AR mostrou a sua capa realizada em conjunto com os avós. Eu e a educadora falámos com o grupo e concordámos todos que seria interessante fazer um projeto que envolvesse os avós uma vez que estes estão bastante presentes na vida das crianças.” (NDC129)</p> <p>“Para além disso acabámos de fazer com quem faltava a carta a convidar os avós para virem partilhar um momento à nossa sala.” (NDC165)</p> <p>“Na reunião do dia hoje falámos sobre o avô de uma menina que veio à sala contar como era o seu Natal.” (NDC167)</p> <p>“No dia de hoje tivemos a visita especial dos avós da RA. Os avós vieram à sala partilhar as suas</p>

			<p>vivências. Falaram dos seus brinquedos e brincadeiras. Falaram também das profissões do seu tempo e de como passavam o Natal.” (NDC175)</p>
		<p>“Avós do Coração” (idosos)</p>	<p>“No salão estavam a assistir, diversas salas de pré-escolar e uns senhores idosos de um centro de dia que tem um projeto de parceria com a instituição e por sua vez acabam por conviver com as crianças.” (NDC78)</p>
	<p>Perceções das crianças sobre a relação que estabelecem com os avós</p>	<p>Crianças e os avós</p>	<p>“No recreio fui-me sentando com as crianças e enquanto iam brincando eu ia estabelecendo um diálogo sobre os avós e registando o que me iam dizendo para mais tarde construirmos um mural com fotografias deles com os avós e as respetivas frases. Registei frases como “gosto de passear com a minha avó”, “gosto de fazer bolos com a minha avó”, “gosto de ver televisão com o meu avô”...”(NDC157)</p> <p>“Nesta conversa relembrámos o que o avô comia e o grupo demonstrou interesse em comer o que o avô da MMA comi nesta época ao pequeno-almoço” (NDC167)</p>

			<p>“Para além disso falámos da dança típica do Algarve que o avô da MMA disse que dançava chama-se “corridinho”.” (NDC169)</p> <p>“Quando os avós da RA foram embora o grupo ficou à volta da mesa central a brincar com os brinquedos do tempo dos avós.” (NDC177)</p>
--	--	--	---

ANEXO N: TABELA CATEGORIAL
ANÁLISE DA RELAÇÃO QUE OS
AVÓS ESTABELECEM COM OS NETOS
E IDA À SALA

| | ' ' | | ' ' |

Tema	Categoria	Unidade de registo	Frequência	Nº de sujeitos
Relação entre avós e netos	Representações sobre a interações avós/crianças na sala T	<p>“Entrar nestas salas faz-me lembrar o meu tempo de criança, é uma altura muito feliz das nossas vidas, recordar as cantigas, os cheiros.”</p> <p>“Estar com as crianças é como se voltasse a ser criança outra vez.”</p> <p>“Estar aqui na sala do meu neto fez-me transportar aos meu tempos de criança”</p> <p>“Quando estamos com as crianças assim, a gente rejuvenesce com esta juventude.”</p>	4	2
		<p>“Eles portam-se muito bem, dá muito gosto vir aqui à escola da MMA.”</p>	1	1

	Representações sobre o papel dos netos na vida dos avós	<p>“Os netos são os bens mais preciosos que temos a seguir aos filhos.”</p> <p>“Os netos fazem muita companhia e são os nossos segundos amores depois dos filhos.”</p>	2	2
--	---	--	---	---

ANEXO 0: TABELA CATEGORIAL
ANÁLISE DA RELAÇÃO QUE OS
NETOS ESTABELECEM COM OS AVÓS

| | " | | " |

Tema	Categoria	Unidade de registo	Frequência
Relação entre crianças e avós	Representações sobre o papel dos avós na vida dos netos	<p>“A avó faz bolos comigo e eu gosto muito dos bolos que ela faz.”</p> <p>“Faz muito bem bolos e bolachas”</p> <p>“Faz bolos e faz gomas”</p> <p>“A avó faz muitos bolos e eu gosto de fazer bolos com ela.”</p> <p>“Faz bolos comigo”</p> <p>“Faz jantar”</p>	6
		<p>“Gosto de ir com o avô para o trabalho, tem uma loja de relógio e anéis.”</p> <p>“Tem uma oficina, gosto de ir para a oficina e ver o avô a fazer trabalhos com madeira.”</p> <p>“Tem uma garagem grande onde trabalha e tem muitos brinquedos, eu brinco lá com os brinquedos.”</p> <p>“É enfermeira e é muito querida”</p>	4
		<p>“Gosto de brincar com os avós”</p> <p>“Os avós brincam muito e têm brinquedos lá em casa”</p> <p>“Os avós compram brinquedos”</p> <p>“Dá coisas de brincar a mim”</p> <p>“Brinco com eles non jardim.”</p>	5
		<p>“Gosto de ir passear com eles”</p> <p>“Eles levam-me ao parque”</p> <p>“Ando de bicicleta com o avô”</p> <p>“Gosto de passear com o avô e comer gelados”</p> <p>“Gosto de andar de barco com eles”</p>	5

		“Vê bonecos comi” “Gosto de tomar o pequeno-almoço e ver bonecos” “Vê televisão comigo”	3
		“Faço desenhos e puzzles” “Pinta e deixa-me pintar”	2

ANEXO P: TABELAS DE
CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS E
GRUPO DE CRIANÇAS

| | " | | " |

Tabela de caracterização das Famílias

Criança	Mãe			Pai		
	Profissão	Escolaridade	Idade	Profissão	Escolaridade	Idade
AF	-	-	-	Advogado	-	-
AR	Encarregada da proteção de dados	-	-	Construtor informático	-	-
D	Desempregada	-	-	Pedreiro	-	-
ES	Arquiteta	-	-	Engenheiro telecom	-	-
EZ	Desempregada	-	-	-	-	-
FS	-	-	-	-	-	-
FP	Auditora Financeira	-	-	Gestor de IT	-	-
G	Gestão de projetos	-	-	Professor	-	-
LA	Assistente de bordo	-	-	Engenheiro Informático	-	-
MA	Psicóloga Clínica	-	-	Consultor Financeiro	-	-
MP	-	-	-	-	-	-
MC	Especialista crédito habitação	-	-	Senior manager gestão	-	-
MM	Assistente Pessoal	-	-	Consultor	-	-
MF	Supervisora F&B	-	-	Diretor F&B	-	-

ML	Diretora de Comunicação	-	-	Gestor de procurement	-	-
MLU		-	-	Técnico ambiental	-	-
MMA	Designer de Produto	-	-	Arquiteto paisagista	-	-
MAR	Consultora	-	-	Psicólogo clinico	-	-
EUS	Economista	-	-	Engenheiro	-	-
MAT	Economista	-	-	Engenheiro	-	-
NO	Product Designer	-	-	Administrador empresarial	-	-
RA	Fisioterapeuta	-	-	Tradutor	-	-
TJ	Analista	-	-	Treinador de ténis	-	-
TL	Arquiteta	-	-	Professor	-	-
MAD	-	-	-	-	-	-

Tabela de caracterização das Crianças

Nomes	Data de Nascimento	Idades 30/09 Portuguesa >>>> 24/01		Nacionalidades	Frequência em pré- escolar
AF	06-12-2021	2 anos	4 anos	Portuguesa	1º ano
AR	05-06-2019	5 anos	5 anos	Portuguesa	3º ano
D	25-07-2021	3 anos	3 anos	Portuguesa	1º ano
ES	13-02-2021	3 anos	3 anos	Portuguesa	1º ano
EZ	02-07-2021	3 anos	3 anos	Portuguesa	1º ano
FS	25-04-2021	3 anos	3 anos	Portuguesa	1º ano
FP	29-04-2019	5 anos	5 anos	Portuguesa	1º ano
G	23-04-2021	3 anos	3 anos	Portuguesa	1º ano
LA	19-04-2021	3 anos	3 anos	Portuguesa	1º ano
MA	22-09-2020	4 anos	4 anos	Portuguesa	2º ano
MP	27-04-2020	4 anos	4 anos	Portuguesa	2º ano
MC	04-06-2021	3 anos	3 anos	Portuguesa	1º ano
MM	18-07-2020	4 anos	4 anos	Portuguesa	2º ano
MF	23-02-2019	5 anos	5 anos	Portuguesa	3º ano
ML	28-06-2021	3 anos	3 anos	Portuguesa	1º ano
MLU	08-05-2021	3 anos	3 anos	Portuguesa	1º ano
MMA	29-06-2020	4 anos	4 anos	Portuguesa	2º ano
MAR	16-02-2019	5 anos	5 anos	Portuguesa	2º ano
EUS	18-10-2021	3 anos	3 anos	Portuguesa	1º ano
MAT	15-05-2019	5 anos	5 anos	Portuguesa	3º ano
NO	02-08-2020	4 anos	4 anos	Portuguesa	2º ano
RA	24-03-2019	5 anos	5 anos	Portuguesa	3º ano
TJ	15-08-2021	3 anos	3 anos	Portuguesa	1º ano
TL	24-03-2019	5 anos	5 anos	Portuguesa	3º ano
MAD	15-09-2021	3 anos	3 anos	Portuguesa	1º ano

ANEXO Q: PROTOCOLO
CONSENTIMIENTO INFORMADO

| | " | | " |

PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, Beatriz Pires Heliodoro De Oliveira, aluna da Escola Superior de Educação de Lisboa, encontro-me no presente ano letivo 2024/2025, a realizar o segundo ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Nesse âmbito, estou desde o passado dia 30 de setembro até ao próximo dia 24 de janeiro a realizar o meu estágio na Sala T.

Venho por este meio pedir autorização para tirar fotografias e/ou fazer registos de vídeo do/a seu/sua educando/a em atividades realizadas na creche, documentos esses que virão a ser integrados no meu relatório de estágio. Garanto a ocultação de dados de identificação da criança e refiro ainda que não será exibida a sua face em momento algum. Tal como nenhum elemento identificativo será incluído no relatório, assegurando a confidencialidade e privacidade da informação recolhida. Os registos realizados não serão divulgados ou publicados, servindo unicamente para a avaliação do estágio. Importa referir que a presente autorização pode ser retirada, em qualquer altura, sem que isso cause qualquer prejuízo ou afete os cuidados a prestar à criança.

Esclareço, ainda, que a criança é o centro da minha ação educativa e, por isso, o seu desejo de ser fotografada e/ou filmada é determinante. Obrigada pela atenção!

Nome da Criança	Assinatura do Encarregado de Educação	
	Consinto	Não Consinto

